

OBRAS
COMPLETAS

II
POESIA

PORTO — TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
Cancellia Velha, 70

OBRAS POETICAS COMPLETAS

VISÃO DOS TEMPOS

EPOPEA DA HUMANIDADE

THEOPHILO BRAGA

EDIÇÃO INTEGRAL

TOMO II

CYCLO DA LUCTA

(Universalismo Hellenico e romano)



PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

Casa editora

M. LUGAN, SUCESSOR

1894

Todos os direitos reservados

PARTE II

CYCLO DA LUCTA

A VIDA PREPARATÓRIA
DA HUMANIDADE
PROLONGADA ATÉ AO ADVENTO DO ESTADO NORMAL
(ASCENDENDO A ESCALA SOCIOLOGICA)

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CYCLO DA LUCTA

N'este longo drama da Humanidade saindo da vida da inconsciencia, e procurando a harmonia da fatalidade com a liberdade, das noções subjectivas com as objectivas, do egoismo com o altruismo, é pela unidade provisoria conseguida por via das concepções fetichistas e astrolaticas, e ainda sob a disciplina da Theocracia, que entra na via da Historia. A vida de lucta, que prepara o advento para o estado normal, constitue as Civilisações humanas, nas quaes prevalece este dualismo inicial. *Achâmo-nos* ante o *mundo oriental*, em que prepondera a concepção pathetica do universo e a existencia é olhada como Um sacrificio e uma fatalidade; a ideia de Patria confunde-se com a corporação religiosa ou theocratica, que falsifica a acção da individualidade humana pelo prophetismo e a obscurece na indistincção da trfbu. Do outro lado levanta-se o *mundo occidental* com uma serenidade heroica, civil e democratico; as suas cidades são o estimulo do individualismo, e o sentimento de Patria leva os povos occidentaes á acção universalista (o hellenismo, o romanismo), dando o primeiro esboço da Concepção da Humanidade. O *mundo oriental* immobilisa-se na Theocraeia; o *mundo occidental* fortalece-se com o criterio scientifico e avança na escala sociologica até a previsão da Sociocracia.

Estas duas correntes disputam em todo o percurso da Historia o destino da Civilização humana; o antagonismo activo d'ellas é um impulso preparatorio das sociedades. Philarète Chasles esboçou em algumas linhas este combate entre o *mundo oriental* e o *occidental*:

« A Civilização não se realisa e não se desenvolve senão á custa do trabalho constante da Europa repellindo a Asia, do *Direito* combatendo a *Força*.

« Desde Homero o espirito europeu não tem cessado de lidar contra o espirito oriental, de invadil-o, e, se se pode dizer, de minal-o.

« N' esta marcha victoriosa a tomada de Troya foi a primeira avançada. Em seguida é humilhada a Persia, colonísada a Asia Menor, a india invadida, Dario subjugado, Porus vencido, e a Bactria torna-se grega. Como coroação d'estes trabalhos Roma vence e a Europa triumpho com ella.

« A Asia reanima-se por algum tempo com Mitthridates. — Roma e a Europa retomam a dianteira. Sob Heliogabalo e Constantino um movimento transitorio se faz sentir; movimento de recúo, retrocesso para a Asia.

« As forças europêas redobram-se então sobre si, afrouxam um momento, e batidas tornam-se mais activas. A invasão musulmana irrita-as. Entre Carlos Magno e as Cruzadas do Occidente, retemperado pelos elementos do Norte, concentra-se e por ultimo esforço, expulsa por fim os Arabes, erguendo diante d'elles a muralha de gelo das suas cohortes compactas (*velut glacie conslrias aciei*), emancipa a Provença e o Languedoc, liberta a Hespanha, retonia a Sicília, reconquista Malta, Grecia, costas italianas, e nunca mais pára. » (*Orient*, p. III), N'este quadro objectivo segue-se o facto terminal da descoberta e conquista da India pelos Portuguezes, idealisado na epopêa de Camões.

Mas apesar do imperio da occidentalidade, o genio do Oriente invade por vezes a Europa desviando-a da acção pelo torpor religioso. A Grecia é perturbada na elaboração da unidade pela expansão especulativa com o proselytismo dos cultos orgiasticos de Baccho ou Dyonisos; e a concepção philosophica da Natureza vem a decahir diante do ideal ficticio da Graça. Alexandre esterilisa a sua acção no delirio da conquista da Asia. Roma é desviada da elaboração da unidade pelo Polytheismo social, não só por esses mesmos cultos orgiasticos primeiramente destruidos, mas pela infiltração das doutrinas e sectarios do Mithriacismo e Christianismo. Na Edade-média a hallucinação das Cruzadas torna o monotheismo defensivo, mas a alma humana cae no torpor mystico, n'essa embriaguez da vinha do Senhor. Assim, a par da acção social de Carlos Magno, typo das numerosas Epopêas francezas, apparece o heroe mystico, o rei Arthur, e a empreza phantastica da Cavalleria celeste á procura do Santo Graal. A Edade moderna, determinada pela dissolução do regimen catholico feudal, apresenta este dualismo, permanente nas luctas *do Sacerdocio* e do *Imperio*, das *Duas Verda-*

des, a theologica e a philosophica, das *Duas Cidades*, a celeste e a terrena; prolongando-se ainda no campo politico doutrinario entre os *Regalistas* e os *Monarchomaeos*, entre a *Guerra* e a *Industria*, entre a *Conservação* e a *Revolução*, entre a *Tradição* e o *Livre exame*. Eis a maior das Epopêas para a elaboração artistica de todos os poetas vindouros, que Synthetisamos sob o titulo de *Cyclo da Lucta*.

A. Historia

Ode em que se esboça o presentimento da continuidade humana, conduzindo para a consciente solidariedade ou idade normal. Acaba o prestigio dos Annaes secretos dos Templos, e o homem procura pela orientação chronologica compreliender a marcha das nações. Herodoto percorrendo o Eglypto, a Persia, Babylonia, define esse conflicto entre o Oriente e o Occidente, representado na invasão da Grecia, e em que o triumpho da intelligencia sobre a força, salva em Marathona e Salamina os destinos da Civilisação occidental. Na confusão e tropel das raças e das nações, em lucta sedenta de egoismos, no furor intolerante das crenças e religiões, na avides dos interesses individuaes, houve espiritos que puderam presentir e advento da Humanidade. A *revelação* tomada como iniciação social pelos Deuses, transforma-se *tomando um* character racional quando da continuidade da Historia se estabelece a noção de uma entidade real e ideal — a Humanidade. O mundo oriental, em que preponderam as syntheses do Sentimento (religiões), e o mundo Occidental em que domina a Rasão, largos seculos em antagonismo, aproximam-se pelas grandes Navegações do seculo XV e XVI, e congrassam-se pela Sciencia desvendando nas religiões, linguas, litteraturas e instituições sociaes a uridade humana. É então que a Historia, a sublime criação do genio grego, se torna em uma verdadeira resurreição, dando uma vida nova ao passado, e libertando da lei da morte todos os que serviram por qualquer forma a causa da Humanidade.

A HISTORIA

(*Peon*)

I

Correu no Egypto, em pavidã anciedade,
Um brado de terror ! presentimento,
 Intuição que não erra !
Que do mundo ao findar da velha idade,
 N'um lugubre momento,
Inda antes de raiar a nova aurora
Dos seculos, em que o porvir se encerra,
 Do sepulchral moimento
 Hirtas, sahindo fóra
Todas as Mumias se erguerão da terra !

 Que mão rasga a mortalha ?
Que sôpro vivifica o ataúde ?
Com insistencia a estranha voz se espalha;
A consciencia do povo não se illude !

Acabado o hieratico silencio,
E dos Annaes dos Templos o mysterio,
 A intuição convence-o
Que do espirito a fulgida memoria
Tem das extinctas gerações o imperio
Pela creadora evocação da Historia !

Resurreição do espirito! Attento
Herodoto no Egypto andava, enleado
Contemplando essa esplendida cultura,
 Pacifica, fecunda,
 Quando o presentimento
Pela voz do terror, o estranho brado
Que revivesce a fria sepultura,
Vem surprehendel-o em emoção profunda.

Por toda a parte aquella voz circumda
 Mais insistente, sendo
 Nuncia de altas ideias !
Quem ri da popular ingenuidade ?
Ao invocar as Filhas da Memoria
Herodoto, d'ahi a pouco lendo
Nos grandes Jogos das Panathenêas
As commoventes paginas da Historia,
Deu á voz mysteriosa realidade.

II

Como audaz Ixião leva de encontro
O bloco enorme ao alto da montanha,
N'esta condemnação interminavel
De um esforço tenaz que recomeça,
Tal é o Homem, na lucta do destino.

Dos abysmos do bruto, d'onde emerge,
É o cimo onde busca destacar-se
A marcha ascensional para o futuro ;
E o fraguado que do alto róla e tomba,
É a empreza truncada pela morte,
Que recomeçam novos luctadores.

E sabe acaso o Homem porque lucta ?

Mal avança, no seu caminho encontra
Das Religiões a taciturna Esphinge,
A propôr-lhe o enigma indecifrável
Do *Porque?* e *Para que?* Esgotam-lhe
Na prematura apprehensão o esforço !
Quando elle as forças mal conhece ainda
Da natureza inteira, que conspiram
Implacaveis contra a ascendente marcha,
Vem a Finalidade e o Causalismo
Sempre insolúveis enublar-lhe a mente !
Se tenta avançar mais, prendem-no Cultos
De contagiosa e sensual Orgia,
Ministrando a bebida inebriante
Que os sentidos lhe exhaure e hallucina,
Que a rasão lhe mutila, e o degrada !

Avança o homem, firme! e ante os passos
Um amplo fosso ou boqueirão se lhe abre,
Onde uma a uma as gerações se afundam
Na mudez da oppressão! a Auctoridade,
Flagrante e eterno abuso, se reveste
Da fórmula pessoal; faz-se a alliança
Que o mal explora — o Sacerdocio e Imperio.
O Sacerdocio, o domador da féra,
Aos Reis entrega o homem quasi idiota;
E os Reis levam-no em bando, massa bruta,

As invasões, bestiaes carnificinas
Para a gloria de Deus ou da Corôa !
Liga estupenda, que desvia o esforço
Dos que reagem no vital conflicto,
Liga que alarga o boqueirão escuro
Onde uma a uma as gerações, que avançam,
Na penumbra do tempo se afundaram !

Como é que o Homem triumphará da liga ?

Contra as Religiões lançou a Duvida,
E transformou-se a duvida em Sciencia !
De encontro á Auctoridade ergue a revolta,
Na associação fraterna a disciplina.
Oh! mas para que o Homem visse longe
D'entre o nevoeiro das absurdas crenças,
Primo alvor do horisonte do futuro,
Foi necessario que do obscuro fôssio
Se erguesse audaz, constante, infatigavel,
Lá como Ixião que arrasta o seu destino
Levando o bloco ao alto da montanha.

D'essa montanha é perspectiva a Historia.

III

O que se vê na Historia ?

Ardente lucta,
Como acontece em plano de batalha:
Um a um esquadrões vão atulhando
Os largos fossos que o reducto guardam;
Os ultimos que vêm, por sobre o estrado
Dos corpos mortos plantam o estandarte
Além, do assalto na hora decisiva!

Lucta o Homem assim contra o destino ;
As raças que succedem vão enchendo
Fosso immenso que os Dogmas escurecem,
Que o louco arbítrio do Poder alarga.
Sobre ossadas de victimas sem conta
Bem tarde o Homem o horizonte fita
Da egualdade e da união fraterna !
Como as camadas sotopostas marcam
As edades, as convulsões da Terra,
Até chegar ao humus fecundante
De uma verdura esplendida coberto,
Assim se fórma essa babel humana,
Visão confusa na amplidão da Historia.

É tragica a visão : No fôssco escuro
Tribu nómada ou sedentaria cáem,
A cidade, a nação cáem lá dentro,
As progressivas raças lá se afundam
N'esse conflicto do tenaz assalto
Para a vedada luz! A China pára
No esgotamento da moral abstracta;
O Egypto, o antigo instituidor da Grecia,
Á compressão theocratica succumbe.
Sumirianos e Accadicos preparam
O caminho aos Chaldeus, e por seu turno
Já na voragem da fatal corrente
A crua Assyria para diante impellem
Tanto, que ao genio hellenico fecunda.
Avançam os Hebreus, fortificados
Na synthese fictícia das doutrinas
Vindas do Egypto, Persia e Babylonia.
Os Phenicios errantes pelos mares
Buscam riquezas do ignorado globo;
Dão á palavra a fixidez da escripta,
Multiplicando a communhão humana.

Quasi hasteando no fatal reducto
 O estandarte da rasão, o Oriente
 Lança o torpôr de hallucinantes ritos,
 E triste a Humanidade se desmembra
 N'esta sanha sem tréguas de dois mundos.
 Contra os Hellenos seus irmãos os Persas
 Já sem se conhecerem, vêm sedentos;
 Cobrem a terra exercitos sem conta,
 Lucta de morte se travou entre ambos.
 Heroes de Marathona e Salamina,
 De vós pende o futuro do Occidente !

IV

A missão de um povo

N'uma trégua, serenas e incautas,
 Ajuntaram-se de Attica as Cidades,
 Vindo aos Jogos de Athenas
 Em liga fraternal !
 Momento de indecisas anciedades !
 Suspende-se a palestra heroica ! As flautas,
 Das epicas Camenas
 Não proseguem no canto
 Guerreiro e triumphal!
 Não exaltam agora os grandes feitos ;
 O povo olhava em roda com espanto,
 E comprime-lhe os peitos
 Uma mudez lethal !

Entrou na arena Herodoto, trazendo
 O volume por sua mão escripto;
 A narração de largas viagens lendo,
 Com que lucidez traça
 A extranha vida do vestuto Egypto !

Conta as iniciações e os mysterios
Dos santuarios sombrios do Oriente,
Os costumes de cada povo e raça !
Do conflicto dos colossaes Imperios,
Perante a multidão torna evidente
Sobre Hellade a ameaça !

Deslumbrada pelas visões estranhas
Do pensamento aéreo, que divaga,
N'esse tropel de factos que seduz,
A multidão descobre a nota aziaga,
E do futuro as convulsões tamanhas
Em que Herodoto insiste,
Qual fio conductor latente existe,
Dando á missão da Grecia infinda luz!

Como a revelação da crúa Pythia
Que a annunciar a desgraça não se escusa,
Sem commovel-a a queixa,
Herodoto descreve essa muralha
Que o horisonte do mundo antigo fecha:
Memphis, Thebas e a temivel Scythia,
Babylonia, Persépolis e Susa,
Uma muralha de nações guerreiras
Que aniquilam em canibal batalha
Populações inteiras.

Enumera as Cidades opulentas,
Os florentes Estados
Que foram devorados
N'esse golfão das ambições violentas
De um despotico Imperio na voragem !
De Dario e de Xerxes o colosso
Tudo esmaga e absorve na passagem !

E o flagello, que em rapidas refregas
 Leva longe o destroço
Das ruinas e das iniquidades,
Eil-o tocando nas fronteiras gregas,
Da Asia menor nas jonicas Cidades !

Contra a avalanche da Asia, aterradora,
E quando a Liberdade se extinguia
 N'essa tremenda hora,
A Humanidade então se refugia
 N'um recanto do mundo
 Ignorado e tranquillo ;
 Deu-lhe a Attica asylo
 No seu seio fecundo.

Ao descrever Herodoto, eloquente,
Como o horisonte mais e mais o fecha
A procellosa nuvem do Oriente,
 Com que arte elle deixa
 No seu vôo altaneiro
Convergir a attenção do povo agora
Das Thermópilas no desfiladeiro !
A multidão com enthusiasmo chora.

A palavra vibrante, que illumina
O triumpho da Grecia sobre o Oriente,
Que pôz o despotismo em debandada,
Ao proferir os nomes de alta gloria
 — Pláteas, Salamina ! —
A multidão que estava subjugada
Arranca uma assombrosa acclamação !
E n'esse applauso ao fundador da Historia
Mostrou a Grecia a viva comprehensão,
 Como na enorme lucha
Venceu o pensamento a força bruta.

V

Pertenceu o triumpho á Humanidade
Que á posse do porvir prosegue ovante.
Ao triumpho succede átro perigo,
Maior, talvez, porque inda o soffre o homem :
Do intrépido Alexandre á voz, Hellenos
Avassallam o Oriente, e da conquista
Trazem a mystagogica doença
Dos cultos sensuaes, essa miragem
De devaneios vagos que desvairam
O poder da razão de um povo activo.

Scipião e Pompeu entram no Oriente,
Cae tambem sobre o Imperio essa vertigem
Do mystico torpôr que tudo afroixa,
Que dissolve a mais intima energia,
Mais terrivel que as invasões dos Hunos,
D' Arabes e Mogóes !

O Occidente

Por vago instincto reage, absorto, á toa,
Sacrificado á posse de um Sepulehro.
Fogoso monge a exaltação sugere
Em Godofredo : embriaguez divina,
Que as nações á immensa valia impelle
No extatico e fatal somnambulismo !

Foi a heresia que acordou o homem.

E como a abelha que fecunda as flôres
Levando em si no incerto vóo o póllen,
Diffundiram os Arabes a Sciencia
Nos thesouros da Grecia recolhida.

O Homem viu mais claro, viu distante ;
 Para além do Sepulchro viu um mundo,
 A posse d'elle ousado se arremessa
 Por *mares nunca d' antes navegados !*
 Era o berço oriental da Humanidade.

E quando o Turco já sepulta a Europa
 Sob um tropel de escravos que devastam,
 Quando a rasão humana estava em transe
 Quasi a offuscar-se n'um perpetuo eclipse,
 E do Occidente as lucidas conquistas
 Vão ruir ante a rapida avalanche,
 — Como os bravos de Salamina, outr'ora,
 Erguem-lhe na Asia um dique os Portuguezes !

VI

No fragor da grandiosa tempestade
 Negras nuvens desfazem-se em torrentes,
 Cortam o ár espesso mil faiscas,
 Até que vem á limpidez do espaço
 A branda, a matinal serenidade !
 Assim se acclara o páramo da Historia.
 Após a viva lucta interminavel
 Perpetuando a aversão de povo a povo,
 E de seculo em seculo inconsciente,
 Póde o Homem vêr claro o seu esforço
 Reconhecendo-se obra de si mesmo.
 Já não é o Ixião que arrasta o bloco
 Ao alto da montanha e do alto rola;
 Submette a Natureza ! os elementos,
 O Ar, o Fogo, a Agua são escravos;
 Libertam-no, submissos, do trabalho,
 Emquanto pelo vôo do pensamento
 Vence na Historia a própria lei da morte.

VII

Vita nuova

No hypogeu profundo e obscurecido,
 Onde entra o incansavel antiquario
 Que o passado avassalla
 Erguendo a medo o gélido sudario,
 A Mumia resequida sae do olvido,
 E contristada falla :

« Aqui, contra a terrivel lei da morte,
 « A corrupção d'esta materia inerte
 « Ha já cincoenta seculos resisto !
 « Como um ladrão que as trevas tornam forte
 « Quem rompe o asylo sepulchral — subverte
 « A inviolavel paz! Crime não visto !

O antiquario hesita ; a voz sublime
 Foi como a voz da propria consciencia;
 E quebrando a mudez que o peito opprime,
 Nega a intenção do crime
 E assegura á Mumia outra existencia:

— A Civilisação do antigo Egypto
 Ligando-a á marcha da Humanidade,
 Dá-nos um alto fito,
 A linha indefinida do futuro !
 Ella guiando-nos vem de idade em idade
 Dos tempos pelo labyrintho escuro.

Mudo tumulo, que no areal se sóme,
 Trevas espessas, e immobilidade,
 São germens hoje! Dm berço em vez de cova.
 Bem vinda a Sciencia! A ti, Mumia sem nome,
 Da vida infinda da Humanidade
 Ella insuffia-te agora *Vita nuova*. —

E essa voz que correu no Egypto outr'ora,
Oue do mundo ao findar a velha idade,
Do sepulchral moimento
Vivas, sahindo fóra
Todas as Mumias se erguerão da terra,
Converte-se em patente realidade !

Intuição da consciencia, que não erra !
Porque a voz de terror, aquelle brado,
Foi o presentimento
De uma grande verdade
Com que revive o abscondito Passado
Pela incorporação na Humanidade !

CANTO QUARTO

O SENTIMENTO E A RAZÃO ELEVAM-SE GRADUALMENTE
PARA A UNIDADE POSITIVA

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO QUARTO

A existencia animal obedecendo a instinctos, eleva-se no homem a um gráo superior, quando por uma tendencia affectiva caracteristica da especie, modifica os instinctos em sentimentos, adquirindo por elles o verdadeiro estimulo da vida mental.

Por esta ascensão realisa-se a unidade entre a vida animal e a vida moral, consequentemente attingida pelo desenvolvimento da intelligencia. No sêr humano o desenvolvimento ou cultura do sentimento não se achou logo em harmonia cora a capacidade mental ou poder da intelligencia. O *coração* e o *espírito* não cooperam solidariamente para attingirem a sua necessaria unidade; o sentimento foi muitos seculos enganado por incompletas concepções intellectuacs. Mas, antes de se poder pela larga experiencia historica e marcha critica do espirito reconhecer essa unidade positiva, o sentimento exerceu uma natural preponderancia affectiva sobre as aptidões mentaes e sobre as determinações individuaes, sendo este esboço da unidade positiva a base sobre que se fundaram todos os progressos humanos, dirigindo a acção e o character das altas individualidades.

I

Ideal e Real

Breve idyllio figurando a perturbação do espirito humano proveniente da maior intensidade dos nossos desejos em relação á nossa von-

tade. A vida emocional suggere as aspirações ou desejos ; a vida mental disciplina a vontade. Sómente a subordinação mutua entre a Rasão e o Sentimento, produzindo a harmonia subjectiva, é que realisará a unidade ou conformidade da vista da realidade com a representação ideal.

II

Os três Valentes de David

Pequena canção épica, exprimindo de um modo objectivo uma espontanea emoção affectiva reagindo sobre o sentimento religioso, e conformando a rasão individual com o bom senso, a ponto de darem á acção heroica um intuito humano.

III

A Harpa de Salomão

Idealisação sobre uma das lendas mais graciosas do reinado de Salomão, em que se mostra como o sentimento do Amor, expresso no *Cantico dos Canticos*, se destaca entre todas as severas tradições bíblicas como uma pausa em que o genio de Israel se esquece durante quarenta annos da sua missão religiosa, sendo essa voz a unica universalmente comprehendida na humanidade.

IV

A morte de Socrates

Quadro em que se aproxima a synthese moral de Socrates — *Conhece-te a ti mesmo*, da inscripção do templo de Epheso, explicando a morte do philosopho e o incendio do templo como um meio de embarçar o advento á unidade positiva, quer por via da rasão ou pela do sentimento.

V

O carro triumphal

Representa-se a Humanidade servida inconscientemente pelas individualidades que mais a affrontaram e que menos a conheceram. Commodo, Tiberio, Nero, Claudio, Hadriano, Caracalla, decretam as leis mais humanas sobre escravos, libertos, mulheres e menores, sobre a inviolabilidade da vida e sobre a egualdade civil.

VI

O Templo vasio

A razão rejeitando os velhos Symbolos da concepção polytheica, transige com o sentimento aceitando o Templo, mas sem deuses, á espera de uma concepção racional ou synthese nova em que estes dois estados do nosso ser se harmonisem.

Depois do conflicto dos dois Monotheismos oriental e occidental, o Templo ainda continúa vasio á espera que se universalisc a concepção ideal e real da Humanidade.

I

IDEAL E REAL

De Canaan nos solitarios prados,
Pastoreando de Labão os gados,
Solicito Jacob andou sete annos ;
Deliciosa illusão continuo afaga:
Ter em seus braços a Rachel, em paga,
Como o premio de afans quotidianos.

Oh patriarchal ingenuidade santa!
Em que se allia com perfídia tanta
A biblica rudeza dos pastores !
Quando o moço nos encantados élos
De Rachel se envolvia, e os cabellos
Destrança, e cuida fruir esses amores,

Logo á luz da alvorada, viu que o sogro
O ludibriára com pungente logro,
Mettendo-lhe no leito a magra Lia !
Na patriarchal e santa ingenuidade,
E apesar da affrontosa realidade,
Era Rachel, Rachel, que elle queria.

Não desampara o namorado o sonho ;
N'esse desejo seu, febril, risonho,
Não receia affrontar ardis, enganos !
Para alcançar Rachel, ai para obtel-a
Um dia ao menos, e sómente a ella,
Obrigou-se a servir outros sete annos.

Chega ao trabalho a hora de repouso,
Como ao amante o ineffavel goso
De possuir a virginal beldade !
Mas, quem na vida ao Ideal aspira,
Quando toca a visão por que delira,
Palpa o vulto de Lia, — a realidade.

Ideal e Real! eterna antinomia,
Como as duas irmãs Rachel e Lia,
Luz e sombra ; esperança e decepção !
N'esta miragem do insondado acaso,
Esvae-se o sêr moral submisso ao praso
Com que nos logra incognito Labão.

II

OS TRES VALENTES DE DAVID

Do alto de Sião avista
David o que o contrista:
De Rephaim sotre a crista
Os bandos dos Philistheus
Que estão além acampados,
Para assaltos denodados,
E destruição dos estados
Do povo eleito de Deus !

Queimava o sol os outeiros,
Pedras estala e madeiros,
Quando os trinta Companheiros
Que seguem o rei David
Nas guerras, quaes cães ao dono,
E que o sustentam no throno,
Que lhe defendem o somno,
Fallaram ao rei. Ouvide :

— Nos teus bravos tem confiança !
Faz um voto de vingança,
De extermínio, de matança,
Que nós d'aqui vamos já
Varrer essa horda abjecta
Que assim immunda projecta
Talar a cidade erecta
Na colima de Judá ! —

Abraça David a cinta
Do chefe d' aquelles trinta,
E riso amargo se pinta
Na face, vendo de Sião
Negrejando na campina
A horda feroz, mofina,
Que em torpe orgulho imagina
De seu reino a destruição:

« O que mais me appetecia,
Com esta calma do dia,
Era beber agua fria
Do poço de Bethlehem !
Como ha de estar fresca essa agua !
Mas dos Philistheus a frágoa
Defende o poço. Que magoa,
Não poder ir lá ninguém ? »

Deram immediatamente
Quatro passos para a frente
D'esses trinta, o mais valente,
Resoluto Jasobeam !
De uma vez, em ura combate
Elle outocentos abate,
Sem dar tregua nem resgate,
Desde a noite até manhã;

E outro, que fez a promessa,
De cortar tanta cabeça,
Até que a mão lhe adormeça,
O ahohita Eleazar!
E Sammá, que em um caminho
Susteve o peso sósinho
Ao philisíheu torvelinho,
Quando ia o povo a recuar !

Os tres bravos, n'um momento,
Atiram-se como o vento
Ao cerrado acampamento
Dos cimos de Rephaim !.
Jasobeam, o mais moço,
De Bethlem desce ao poço,
Contra os que vêm faz destroço
De Eleazar o phrenesim.

Sammá espalha a refrega,
Mas sempre o cuidado emprega,
Que o sangue que o campo rega
Não vá a agua toldar!
Jasobeam á desfilada
Leva a agua desejada,
Cobrindo-lhe a retirada
Sammá e Eleazar !

Do alto de Sião, David
Contempla em jubilo a lide,
E aos tres Valentes divide
Quantas joias em si tem !
Mas vem toldar-lhe a alegria
Subita melancholia,
Ao receber a agua fria
Do poço de Bethlehem !

III

A HARPA DE SALOMÃO

I

A fama da riqueza
E da sabedoria
Do grande Salomão,
Por toda a redondeza
Do mundo percorria,
Do áquilo ao septentrião.

De Tharsis as galeras
E de Hirarn, ao partir
De Esiongáber, navegam
Ao paiz das chimeras ;
Ouro e marfim carregam
Das regiões de Ophir !

Os palacios marcheta
Com ouro e pedraria
O incomparavel rei;
Mas que Sabedoria
Com que a lei decreta,
E ao povo applica a lei !

II

A encantadora Bálkis, a morena
 Rainha de Sabá,
Era ainda donzella, e tinha pena
Por nunca ter achado homem valente;
 Mesmo de intelligente
Ninguem ante seus olhos provas dá !

De Salomão chegou-lhe a enorme fama,
 Que espantosa se conta!
Fica assombrada; no intimo já o ama;
A phantasia oriental a incita,
 E rapida se aprompta,
Quer ir fazer ao rei uma visita.

Poz-se a caminho a ingente caravana,
 Séquito triumphal !
Das riquezas de que Asia mais se ufana
Vão carregadas filas de camellos;
Mas de Bálkis os olhos são mais bellos
 Que um sonho oriental:

« Quero ir propôr ao grande Salomão
 Enigma singular;
E se elle lhe desvenda a intenção,
 E m'o sabe explicar
Descobriendo a recondita verdade,
Terá a flor da minha virgindade. »

III

A nova da embaixada sumptuosa
Da visita de Bálkis, chega breve
A Salomão ; trouxeram-na correndo
Forasteiros, que alviçaras esperam.
Manda o rei sabio apparelhar seus carros
Triumphaes, e ajaezer cavallos,
Erguer docéis; já parte ao seu encontro.
Bálkis chegava ás portas da cidade;
Defronta com um rosto oval, moreno
Na seducção da gentileza e graça,
De um olhar que se embebe, e que domina
Salomão. Nunca o sangue lhe agitaram
As mulheres de Edom, de Suna, e quantas
Em seus harens esplendidas realçam,
Como a Rainha de Sabá n'essa hora !
Alcatifas sidonias se estenderam
Ante o carro de Bálkis; desce airosa,
Dá-lhe o seu lado Salomão ; os cantos
De amor e de alegria o povo entôa
Em chusma; flores chovem dos terraços
Na passagem da augusta comitiva.

Chega ao palacio Salomão; levou-a
Pela mão até onde se ergue o throno
Todo de alvo marfim, todo encrustado
De ouro e esmeraldas no espaldar redondo.
Dois macissos leões ricos ladêam
Os encostos do solio; guardam firmes
Os seis degráos que para o throno levam,
Doze leões de bronze modelados
Nas bigornas de Hiram. Que maravilha !

Prestadas á Rainha ali as honras,
Para a Sala do Líbano é levada;
As columnas do entalhado cedro
Na vasta quadra ostentam-se soberbas;
Ali mostra-lhe innumerous escudos,
Pavêzes de ouro, mil broqueis e lanças ;
Por fim o Templo, o assombro das edades.

Eis que a Rainha de Sabá prorompe:

« A fama que aos confins da terra chega,
Não chega á realidade da opulencia
Que tens, oh Salomão, em teu reinado !
Outra cousa me traz aqui de longe,
A voz de que possues o dom celeste,
Dom da Sabedoria, o *Hokmá* santo. »

Apenas proferira taes palavras
Abriu-se a sala do festim em frente;
Baixellas, taças, de ouro é tudo ; a prata
Tem na côrte e paiz bem pouca estima.
Entre a filha do Pharaó do Egypto,
De Salomão esposa, e a Rainha
De Sabá, está sentado o rei á meza ;
Dos harens as mulheres mais formosas
Tocam sistros melódicos, dançando
Em meneios flexuosos que enlouquecem,
Formando córos com donaire e graça,
Cantando toadas vagas de volupia,
Que da vida as agruras adormentam,
Mais que da Syria os capitosos vinhos !

Disse a Rainha de Sabá :

« É fama,
Tua sabedoria e' tal, que excede
A de todos os homens ! e se conta
Que estando tu um dia na montanha
De Gabeom fazendo um holocausto
A Iahveh, o teu Deus te apparecera
De noite em sonhos, e te disse: — Pede
Tudo quanto tiveres no desejo.. . »

Passando a mão nas setinosas barbas,
Como affirmando o que a Rainha allude,
Sorriu-se Salomão. Ella prosegue:

« E em vez de tu a Iahveh pedires
Existencia serena e prolongada,
A vida dos contrarios e inimigos,
Ou riquezas sem conto — um dom quizeste
O *Hokmá*, o coração de entendimento,
A claridade sobre as cousas todas,
O bem e o mal seguro discernindo !
Mais que os sabios do Egipto e do Oriente
Es tu arguto e perspicaz! Por isso
Todas tuas palavras são sentenças;
Sabes das plantas nomes e virtudes,
Desde o alto cedro até á infima ortiga,
Dos animaes, das aves do ár, dos peixes,
Até ás pedras... »

Enche a taça de ouro
Salomão á Rainha que o admira;
Bebem de Aram os perfumados vinhos
Em fraternal amplexo, e a face osculam
Na egualdade da purpura soberana.

Torna Bálkis :

« Sou de Sabá rainha,
 Nação guerreira e forte, aonde imperara
 Só mulheres. Perpetua virgindade
 Guarda a Rainha, enquanto não encontra
 Homem ousado, heroico, destemido,
 Quem a flôr do seu corpo lhe mereça !
 É assim que a nação cultiva a força.
 Assombrada pela Sabedoria
 Que tens, oh Rei, propôr-te Enigmas venho...
 Se os resolves, desatarás meu cinto. »

IV

Salomão fascinado da belleza
 De Bálkis, os sentidos seus aguça;
 Pede que lhe apresente Enigmas, logo !
 Manda a Rainha de Sabá, graciosa,
 Pôr ante Salomão todas as joias
 As maravilhas orientaes trazidas
 De presente; ha entre ellas um madeiro,
 Da arvore Almuggim valioso tronco:

« Oh sabio rei ! pretendo que me digas,
 Qual o poder d'esta arvore? a virtude
 Que exerce sobre o espirito dos homens ?
 Com que intenção a trago por offerta ? »

Da arvore o tronco mira o rei, sorrindo,
 Como quem da verdade está seguro ;

E começou com gravidade :

— O tronco

Tem grão poder, pois representa *Aschéra*,
 A Deusa da voluptuosidade,
 A boa deusa do amor, esposa
 Do nune do calor, da luz, da força,
 Do universo a fecundação latente !
 Agora, o tronco de Almuggim, que trazes
 Arrancaram-no de um Jardim fechado
 Onde estão sombras e verduras, pombas
 Arrulhando, o holocausto a amor inspiram.

Fica a Rainha de Sabá suspensa
 Da lucidez que Salomão revela,
 Ao conhecer da divindade a imagem,
Aschéra!... O sabio rei prosegue :

— Falta

Desvendar de teu animo o intento,
 Quando d'este Almuggim fizeste a offerta;
 Mas só a ti, a ti só e em segredo,
 No *Bahma*, dentro do Vergel do Outeiro
 De que eu sómente tenho a chave, e aonde
 Corre uma fonte limpida e ha sombras
 De lustrosa verdura permanente,
 E arrulham pombas que esvoaçam mansas. ..

V

Com ancia espera Bálkis a surpresa
 Da visita ao Jardim do verde outeiro.

Ao outro dia cercam a montanha
Barracas de setim a fio de ouro
Bordado; dentro estão mulheres bellas
Do harem de Salomão todas vestidas
De roçagantes tunicas, cingindo
Os cabellos com um cordão, deitadas
Em molles leitos de froixel, o rito
De *Aschera* celebrando.

Báلكis entra
De Salomão na tenda de velludo ;
O rei, sem lh'o dizer, qual o desejo
Que de Sabá a trouxe de tão longe
Beijou-a sobre a bocca; ella sorriu-se,
E sobre o leito de ébano incrustado
De rubis, de saphiras e esmeraldas,
Faz graciosa, mas timida e esbelta,
Holocausto da virgindade a Aschéra.

VI

As náos de Tharsis e de Hiram levaram
Para Sabá a gloriosa Báلكis,
Que viu de perto e admirára tanto
De Salomão toda a Sabedoria !
Mas nunca o excelso rei eguaes aromas
Respirara, e tão vivos, como aquelles
Que de Sabá lhe vieram. Que perfumes !
Embalsamam o ambiente do palacio;
Despertam a saudade inolvidavel,
A nostalgia do Jardim do Outeiro.

Salomão, para consolação da alma,
Manda fazer uma Harpa e Alahude
Da madeira do Almuggim a artista
Dos mais habéis ; assim talvez seu canto
Dê allivio ao cuidado em que anda immerso.

A Harpa sonora enchia tudo!
Catadupas de sons dolentes, meigos ;
Quiz o rei para estreia entoar no Templo
Um psalmo por seu pae composto outr'ora,
Dos que Ethan e Asaph modularam;
E enquanto sóbe o incenso diante da Arca
Dedicando a Iahveh puro holocausto,
Dedilha Salomão na Harpa e improvisa
Um Sir, canto de amor ardente e louco :

Quem é a que se alevanta
Da selva immensa e deserta?
No cansaço que a quebranta,
Vem a subir a collina,
E sobre o braço se inclina
Do amado, que a si a aperta ?

Debaixo da macieira
Sobre ti choviam flores,
Lá te acordei, meus amores !
A mesma sombra fagueira
Tua mãe, d'essa maneira
Trouxe-te á luz entre dores.

— Como uma marca de fogo
Põe-me no teu coração,
Anel em teu braço forte ;
Porque é o Amor, mesmo em jogo,
Em delirio ou em paixão,
Invencível como a morte !

E os ciumes ? São mais duros
Que de um sepulchro o lagêdo !
Ralam a alma em segredo,
E queimam como as brazas
Que incendiaram as azas
Dos anjos reveis e impuros.

Um amor, amor como este,
Do diluvio as aguas todas
Não podiam apagal-o !
E os rios que vem de leste
Ao mar dando grandes voltas
Não poderão afogal-o.

Só quem o Amor desconhece
Estou que elle não trocára
A joia mais fina e rara,
Quantas riquezas tivesse,
Por um amor que equalára
A amor, a amor como esse!

O grande Sacerdote pasma, hesita ;
Os cantores do Templo o olhar abaixam
Ante a profanação; mas respeitosos:

— Senhor ! D'essa Harpa os sons no sangue infiltram
Um veneno de sensualidade !
Tu, o sabio, que por proverbios falias,
Renegas por tal canto o genio austero,
O sentimento de Israel!...

Acorda
Salomão do encantado devaneio ;

A Harpa entrega ao grande Sacerdote
Para que entôe um Psalmo ; elle, de prompto,
Canta, pensando em proferir um threno
Dos mais sombrios que a Iahveh agradam:

«Temos uma irmã pequena,
E tão moça, que ainda não
Se lhe arredondam os seios !
Que faremos na sação
Quando infeitice a morena,
E attraiam os seus enleios ?

Pensemos no seu futuro :
Se ella foi intemerata
Como é um forte muro,
Construiremos seguro
Alto palacio de prata
Sobre a graça que arrebatá.

E se ella com essa graça
Que a todos a alma transporta,
Fôr como que uma porta
Por onde se entra e passa,
Pranchas de cedro entalhado
Hãode guardar seu estado.

Eu sou como uma muralha,
Meus peitos são duas torres,
Por isso a mim te soccorres
Quando te a magoa trabalha ;
E sempre a afflicção se espalha
Quando á paz do olhar meu corres.

Salomão tem uma vinha
Em Bahal-Hamon situada,
Por mil siclos arrendada;
Tudo isto bem se adivinha,
Pelos bons fructos que tinha,
Quando é que anda bem lavrada.

A vinha que eu tenho, a vinha,
Vede a rósea face minha,
É esta a minha fazenda ;
A Salomão dou de renda
Mil siclos ; a cada guarda
Dou ás centenas, em barda.

Oh moça que andas no horto
Fresca, mais do que a alface,
Deixa ouvir tuas cantigas!
A tua voz dá conforto
E a seguir-te nos obrigas,
Sem que tal gosto nos passe.

Vem depressa meu amado,
Como vem ligeiro o gamo,
Como o filho do veado ;
Sou eu, sou eu que te chamo !
Curam-se paixões tamanhas
Lá nos Vergeis das montanhas.

Salomão conheceu no canto o effeito
Do Almuggim, do idolo de Aschera,
O ardor sensual de Iahveh no Templo !
Nunca o povo sentira tanto enlevo.

VII

Subira á tarde ao alto do eirado
Do palacio, onde via o sol sumir-se
Como um joven heroe que á campa desce ;
Mandou vir o Alahude. Pensativo
Salomão toca uma ária magoada
Saudando a estrella que apparece ;
Foi grande o seu espanto! Que improviso!
Era um canto de amor, um meigo idyllio :

« Como alvo frouxel de ave
Ao sopro de aura suave
Pelo valle fluctua;
Ou como borboleta,
Argenteada, inquieta
Que volita e não cansa,
— Uma criança núa,
Uma loira criança,
Fresca, cheia de encanto,
Vendo que ninguem olha,
Quantas rosas alcança,
Com delicioso espanto
Todas, todas desfolha!

Quanta expressão a anima !
As mãos cheias de terra,
Cessa materia prima
Que a existencia encerra ;
Com as folhas de rosa
Trazia entremeados

Os revoltos cabellos,
Setineos, anelados
Em madeixas graciosas !
Causava gosto o vêl-os.
Tinha manchada a bocca
De tudo quanto a toca,
Completando os sentidos
Ainda pouco instruídos.

A criança brincava:
Ao passar pela moita
Das roseiras, açoita
Uma aura que passava
A vergontea mais leve;
E no dedo mendinho
A penetrar se atreve
Tenaz, agudo espinho.
Em tal dificuldade,
(Terror da ingenuidade!)
Presa, já nem resiste.
No delicado dedo
Com que os botões desflora,
De vivo sangue nota,
Menos com dór que medo,
Reluzir uma gôta,
E ululante chora!

Uns ditosos quinze annos,
Todos luz e esperança
De visinha innocente,
Que não sabe os enganos
Que o Amor arma á gente,
Ouve os ais da criança. ..
Acode de repente
A moita onde ella chóra !

Como a perfidia ignora,
Ao corpo infantil lança
Os braços com carinho;
Mas n'essa mesma hora
Fere-a o mesmo espinho!

A criança sorri-se,
Como se lhe cahisse
Dos olhos uma venda...
É certo que se conta
Dos espinhos da rosa
Uma risonha lenda,
Uma crença bonita:
— Fica-se amando o que ousa
Tirar a acerba ponta ;
O olhar fica preso
De quem primeiro o fita. —
O espinho que ferira
Da criancinha o dedo
Fere a incauta donzella
No momento que o tira!
E então, desde aquella
Hora, e vago segredo,
Ficou, ficou amando
Sem saber como ou quando,
Atraçoada embora
Pelo Amor, a quem fôra
Sempre rebelde e esquiva,
E que a venceu n'essa hora
Só por ser compassiva. »

VIII

Quer Salomão voltar aos seus Proverbios;
Nos dous Haréns reaes foram guardados,

A Harpa e o Alahude; os sons fascinam
As mulheres que aos centos os povoam;
Já velho o rei só pelo canto as doma,
Pela invencível languidez. Que importa
Que Israel durante quarenta annos
Da missão religiosa se esquecesse,
Se elle achou a expressão ardente da alma
Sempre entendida entre as nações da terra!

IV

A MORTE DE SOCRATES

I

Ao vento as vélas solta
A Náo sagrada que de Delos volta ;
Estava prestes a chegar a Athenas !

E logo que as antenas
Se lancem do Pireu na enseada,
Póde a sentença ser executada.

A terrível sentença
Que a Socrates condemna, está suspensa
Até chegar ao porto a Náo sagrada.

De Socrates a vida, horas nefastas
Só duram trinta dias, que os Delistas,
Regressando de Artemis com a imagem,
Se demoram na piedosa viagem.

Aguarda alto e sereno
Socrates o momento em que o veneno
Beba de um trago! o copo da cicuta.

Tudo em volta o escuta
No carcere; Platão e Apollodoro,
Critias, o cercam reprimindo o choro.

Tem cada pensamento,
Sem queixa ou sombra de resentimento,
Tal poder, que nos animos se imprime.

Para evitar o crime
Da iniqua lei matando o innocente,
Eis do carcere a porta já patente !

Socrates sem alarde
Não quer perante a morte ser covarde;
E sem temer da fuga os mil perigos,
Não acceta o indulto dos amigos.

II

Quando uma tarde, em intima conversa
Fallava a seus discipulos attentos,
A luz do sol no occaso, reflectindo
Nas aguas do Pireu, como esbatida,
O interior do cárcere alumia
Com um tom de saudade e de mysterio.
Da turba immensa, longe, sôam gritos,
A multidão corria para a praia;
Era o regresso da Theoria santa !

A Não sagrada que de Delos volta,
Tinha chegado n'esse instante a Athenas.

Com tristeza e terror, em tal momento
Entre-olham-se os discipulos, baixando
Ao chão a fronte, para que não fitem
O semblante de Socrates. O Mestre
Sorriu tranquillo, e mais tranquillo falia :

« Bem vinda seja agora a Não sagrada
Que do templo de Delos nos regressa !
Como ella, o meu espirito em romagem
Parte amanhã para a eternidade
N'outra theoria que não volta nunca.»

Os discipulos cercam-no, esperando
Que do espirito immortal lhes falle
N'um momento tão unico e sublime;
As despedidas, os abraços, prantos
De quantos vêm vêr Socrates, não deixam
Dar n'essa hora expressão ao pensamento !

III

Ao outro dia o sol com que luz brilha
No diaphano céo incomparavel
Da Grecia ! Pressurosos se acercaram
Os discipulos todos. Como avança
O lugubre momento ! Sobre as lagens
Do carcere eccoavam as passadas
De Socrates... De subito se escuta
Pisar no gral as venenosas hervas !
Empallidecem muitos! Firme, o Mestre
Quer desviar-lhes a attenção, e falia :

« Attendei ! são bem poucos os instantes
 Que sobre a terra já me restam, vêdes !
 De minha morte o unico motivo
 Revelo agora ás vossas consciencias...

Immoveis os discipulos ficaram
 Em estupefacção! Que outro motivo
 Além d'aquelles frivolos pretextos
 De irreverencia aos Deuses ?...

Falla o Mestre:

« Vós todos bem sabeis, que o Templo antigo
 Que em Epheso existiu, o mais augusto
 Da Grecia, e venerando, tinha inscripto
 Sobre o frontão em letras de ouro o lemma
 Que faz pensar:

Conhece-te a ti mesmo !

Estas simples palavras, desviando
 O racional espirito do abysmo
 Dos mysterios divinos, insondaveis,
 Contemplações abstractas que dementam,
 Para a reflexão critica e segura
 Da natureza humana, eram impulso
 Para a audaciosa negação dos Dogmas,
 E de desprezo pelo Incogniscivel !
Conhece-te a ti mesmo ! N'esta phrase
 A razão e o bom senso synthetisam
 Quantos esforços a consciencia humana
 Tem empregado para achar o fio
 De absolutas noções no labyrintho ;
 Para romper a rêde inextricavel
 Das mythicas chimeras subjectivas.
 Se campeasse aquella inscripção aurea
 Sobre o frontão do Templo de Epheso, outros
 Talvez todos os templos, sobre a terra
 Iriam decahindo, a cada hora

Que á divina contemplação o homem
Oppuzesse o exame de si mesmo !

Ah! desde então no mundo os Hierophantes
Meditando n'aquella inscripção de ouro,
Como em uma ameaça de ruina
Fatal, inevitavel, — annunciando
Que ao imperio da crença seguiria
O poder da observação, juraram
Em seus synodos o destruir o Templo,
Para apagar o clamoroso lemma !

D'Epheso o Templo foi incendiado,
Em noite aziaga as chammas o devoram!
Deram por causa uma vaidade estulta
Do hallucinado que deseja o nome
Perpetuado na memoria humana.
Miseravel Eróstrato ! insensato,
Na inconsciencia tua obedeste
Ao imperio das crenças, que a mão te armam
Com facho incendiario! O lemma de ouro
Foi apagado do frontão do Templo !

Conhece-te a ti mesmo! Eis a doutrina
Que eu ensinava em átrios e nas praças,
Perante os potentados e humildes,
Restaurando esse incomparavel lemma.
Sobre o frontão de um Templo eu não queria
Graval-o em letras de ouro, letras mortas,
Mas inutil-o na consciencia do homem.

E aquelle obscuro espirito que armára
Com o facho do incendio a mão de Eróstrato,
Veiu inspirar no mesmo intuito á mente
De Melito, de Lycas e de Anito

A accusação banal que justifica
A sentença que me condemna á morte... »

Interrompeu-se Socrates. O guarda
No carcere entra, e mudo a taça entrega
Da cicuta lethal. Socrates toma-a,
Fitando aquelle sumo espesso e verde;
Continúa :

« Por eu morrer inulto,
Jámais se apaga esta divisa eterna:
Conhece-te a ti mesmo! O Templo vivo
Permanece na infinda sympathia.
Da morte a visinhança n'este instante
Eleva-me á presciencia do futuro :
— O espirito humano desvairado
Da orientação saudavel, pelos cultos
Da Orgia sagrada que hallucina,
Irá cahir em tal passividade,
Que durará por seculos, tremendo
O eclipse da Rasão! N'esta vertigem
Levada a Grecia degradada e triste,
Em breve perde a propria liberdade,
A direcção da intelligencia, a graça
Do seu ideal artístico. É medonho
O cataclysmo, — a Noite de mil annos,
Que o humano horisonte fria obumbra !... »

Ao proferir as ultimas palavras
Resoluto ergue a taça da cicuta;
Bebeu de um trago, Socrates ! As sombras
Ennublam-lhe medonhamente a vista ;

A immobilidade a face ataca,
Uma frieza sepulchral o envolve,
E o vulto inerte toma o estranho aspecto
Dessa lugubre Edade anunciada
Que imperou até vir a Renascença.

V

O CARRO TRIUMPHAL

Que Deus, que Heroe potente
Ousára acorrentar cor» mão segura
Ao carro da victoria, em fila dura,
Da Lybia o leão fremente,
Dominando-lhe as sanhas impetuosas ;

Os Leopardos, as Onças sanguinosas,
Indomaveis Pantheras,
Lobos cervaes, Hyenas famulentas
Puxando ao carro attentas ?
Um poder tal excede mil chiméras.

Tal das grandezas o disequilíbrio
No appetite cannibal do mando,
Dos romanos Imperadores, — quando
Para elles a vida era um ludibrio,

E um prazer irresponsaveis mortes,
E os confiscos distrações amenas ;
Derramando mais sangue que as Hyenas,
Mais que os Leopardos e Leões mais fortes ;

Esses monstros de insania e crueldade,
Esmagando os que encontram submettidos,
Esses monstros acharam-se jungidos
Ao Carro triumphal da Humanidade.

Impellidos avançam para a frente
Por uma força mysteriosa, ingente,
 Que do crime os arréda ;
Rasgando resolutos a vereda
Segura e intemerata da Equidade
E do Direito universal do homem,
 Que outros o exemplo tomem
 N'uma vindoura edade.

Como obriga a rojar-se aos pe's a fera
O domador, que surdo aos seus rugidos,
A submete servil e complacente,
Gaio, o jurisconsulto, com austera
Voz dominou a Commodo os sentidos,
Impondo-lhe o Direito, a norma assente.

E como a fera bruta
 O perstigio avassalla,
Papiniano, eil-o, ante Caracalla ;
Heliogábalo a Ulpiano escuta!

Em seus Editos, Commodo, o liberto,
As mulheres, escravos e crianças,
De um traço eleva á humana dignidade !
Tiberio funda o credito, inda incerto,
Dando-lhe segurança
Na territorial propriedade !

A Justiça gratuita estabelece
Um outro monstro fero,
Basta-lhe o nome, — Nero !
Contra o nobre o liberto fortalece.
Um outro monstro ignavo,
Esse, Claudio se chama ;
N'um Edito proclama
Inviolavel a vida do escravo.

Contra as injurias, contra o abandono
Hadriano protege o escravo abjecto !
E Caracalla do alto do seu throno,
Apesar do rancor em que se absorve,
Dá Direito completo
E Igualdade civil a todo o orbe!

Vêde-os acorrentados á quadriga
Para adiante puxando !
Cada monstro, inda o que é mais execrando,
Que o estylete de Suetonio espalma,
Que o látigo de Tacito fustiga,
Revela que tem alma.

Esses monstros terriveis,
No que ha de mais sangrento e arbitrario
De odio mais implacavel,
Quebram os velhos moldes invenciveis
Do severo Direito quiritario,
Na audacçia da vontade irresponsavel.

Cidade universal tornaram Roma !
E dando o predomínio á Equidade,
Poder latente os acorrenta e doma,
 E subjuga, em verdade,
Ao Carro triumphal da Humanidade.

VI

O TEMPLO VASIO

Ordenou Hadriano
Sobre os dominios do Poder romano,
Que se elevassem Templos sem altar,
Sem Symbolo ou emblema que adorar !

Certo, ninguem se riu
Do Edito singular;
Nem de então vêr qualquer Templo vasio.

Dos Deuses a legião se dissipára,
Como o nevoeiro quando sópra o noto ;
Só em Athenas conservou-se uma ára
Votada ao *Deus ignoto* !

Que novo ideal eleva a mente agora ?
Que Symbolo subjugá as consciencias ?
Que divindade ascende á adoração ?
Mas ao romper a radiante aurora,
 Perde as intelligencias
Da Orgia mystica a hallucinação !

O problema do seculo inda impera ;
Entre luctas e mortes, á nova éra
 Quem o hade propôr ?
Em vez da acção potente e arbitraria,
Ou da rasão audaz e temeraria,
Torna real o novo ideal — o Amor.

CANTO QUINTO

UNIDADE SUCCESSIVAMENTE ELABORADA PELO FETICHISMO

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO QUINTO

O primeiro esboço de unificação entre as concepções subjectivas e os dados objectivos da realidade, fez-se por meio da synthese ficticia espontanea, chamada o *Fetichismo*, pela qual o espirito humano explicou os phenomenos attribuindo aos corpos inorganicos e organicos uma vontade propria, na ordem do Universo. É uma concepção ainda popular e infantil, que se conserva tradicionalmente na linguagem usual. O Fetichismo é um gráo racional, ou o primeiro regimen das Causas, facilmente substituivel pelo regimen da observação ou das Leis pela sua relação concreta com a realidade. Na sua influencia social o Fetichismo manteve uma necessaria tendencia conservadora que modificou os instinctos destructivos da nossa especie, que deixados a si mesmos teriam embaraçado os inicios sociaes, pela extincção de plantas e animaes que nos adaptavam o meio cosmico. Na sua influencia moral, a contemplação fetichica desenvolveu no homem os instinctos sympathicos identificando a si as cousas que o cercam; e assim como o Fetichismo no seu officio intellectual esboçou a logica humana pela subordinação do subjectivo ao objectivo, na sua aptidão esthetica, pela assimilação directa de todos os sêres inertes e vivos suscitou a par d'este ideal as fôrmas plasticas, musicas e poeticas.

I

O dom das Fadas

Poemeto modelado sobre as fôrmas da novellistica popular, em que o homem physicamente mais fraco do que todos os outros animaes para resistir ao meio cosmico, se serve para o seu triumpho sobre a Natureza dos

instrumentos que soube inventar, das pedras, da agua, de fogo, do ferro. Na concepção fetichista, cada um d'estes seres inorganicos dota o ente debil com a força implicita nas suas propriedades physicas, ao que o homem reconhecido corresponde com a adoração espontanea.

II

O Masthodonte

Testemunha do apparecimento do Homem na transição do passado terciario, e da sua resistencia aos frios da época glaciaria, o Masthodonte nota como os sêres fracos é que venceram na lucta da natureza, ficando supplantados os organismos potentes e descommunes. E ameaça o homem, de que, se elle soube triumphar dos grandes monstros e dos terriveis cataclysmos, talvez se não saiba defender dos inimigos invisiveis, como os dogmas, os preconceitos, as superstições, do theologismo abstracto.

III

O Plátano da Lydia

Contemplanção sympathica e fetichista de uma arvore frondosa e secular, em uma época superior da civilisação em que já não se propagava o mytho da *Arvore universal*, A sua identificação com a vida humana, suscita a ideia da possibilidade da cultura do homem.

IV

A verdade das Fabulas

O principio de Grimm, que não ha mentira na poesia do povo, é a luz que faz comprehender melhor as concepções primitivas do homem, que as apresentou nos seus mythos, lendas, fabulas e contos. O poemeto é um dialogo entre os dois solitarios, Paulo e Antão, no primeiro representado o espirito *fetichico*, e no outro o espirito *theologico*; descreve-se como a natureza physica dirigiu o homem nas suas primeiras determinações. A impressão das cousas tomou a fôrma subjectiva da vida, actividade ou vontade, e foi espontaneamente representada nas Fabulas e nas Epopêas do mundo vegetal e animal. Porém esta idealisação poetica, proveniente da contemplação da realidade, foi atacada pela elaboração das ficções do theologismo que se manifestaram em dogmas abstractos.

V

Cogitata et visa

Representação do estado mental fetichista prevalecendo nas concepções espontâneas das crianças, como um grão racional, e como uma persistência ethnica.

VI

In questa tomba oscura

Transição do *Feticoismo* para o *Animismo*, suscitada pela contemplação da morte; primeira incorporação na Humanidade de todos os que nos prepararam desinteressadamente as condições superiores da sociabilidade.

I

O DOM DAS FADAS

Como um naufrago é arrojado á praia,
Nú, quebrantado, exânime e inerte
 Nem já esforço ensaia,
Nascestes, homem, assim! Faz pena vêr-te,
 Ente debil, mesquinho,
Inconsciente e desarmado, em meio
 Das forças que no seio
Se conflagram da Natureza activa !
Quem ha que dê ao misero um carinho,
Quando de tudo essa madrasta o priva ?

Quem terá d'este inválido piedade ?
O berço que o recebe, a Terra fria,
 Sómente os fortes cria !
Terra ! com teus colossos nos espantas,
Com o vigor de tal fecundidade,
Os animaes, as gigantescas plantas,
 Creados para a lucta,
No conflicto a que o homem mudo assiste
 Da Natureza bruta
Em que triunrpha o que melhor resiste.

A esse debil sêr abandonado
 No limiar da vida, quem o ergue
 Do chão, e dê-lhe albergue,
 O bafeje, ou lhe dê qualquer cuidado ?
 D' essa infima impotencia os corpos brutos
 Que o rodeam mudos
 Condoeram-se, e espontaneamente
 Vêm-se offertar como armas, como escudos,
 Doar-lhe cada um seus attributos,
 Que tornem o sêr fraco omnipotente :

A. Pedra

Oh ente inerme, triste, abandonado,
 A mim, a mim te agarra;
 E embora dura, pouco te conforto,
 De mim faz o punhal, faz o machado,
 Que ha de tornar teu braço inda mais forte
 Que do leão, ou da panthera a garra.

Oh creatura núa,
 Com tal fraqueza tanto me infeitiças!
 Hão de as feras submissas
 Rojar-se ao imperio da vontade tua!
 Levantarás cidades com seus muros
 Que affrontarão os seculos futuros.

E enlevada a mente em devaneio
 Quando nada te aterra,
 Descobrirás o *iman* em meu seio;
 Tendo a orientação no espaço immenso,
 Para o ignoto propenso,
 Caminha audaz á occupação da Terra.

O Fogo

Pelo attrito da pedra tu me encontras,
Lascando o silex dos punhaes agudos;
A centelha sidérea é tua agora !
As gelidas nortadas firme affrontas,
Da fome os transes duros,
Eu nas cavernas dou-te infinda aurora.

São teus a noite e o dia; a primavera
Dá-te o suave ambiente quando queiras,
Sobre a Pedra focal ahí me encerra !
Espalhe-se a terrífica chimera,
Concebendo as emprezas altaneiras
Caminha altivo á occupação da Terra.

O Ferro

E já que o Fogo, que da Pedra salta,
Te fez o dom de tantas energias,
Eu venho ao teu encontro. Ainda falta
N'estas luctas terriveis
Que te seguem nas dolorosas vias
Doar-te agora as armas invenciveis !

Não vences só a fera mais pujante,
Mas transformas teus míseros exílios,
Haurindo a força á Natureza inteira !
Farás o malho, a serra e o volante,
O arado, a alavanca, os utensilios,
Que te dão sobre a Terra a dianteira.

A machina incansavel te liberta
O braço, e deixa livre a intelligencia,
 Pois que assim menos erra!
 Tens a conquista certa
Do ápice da escala da existencia,
Audaz caminha á occupação da Terra!

A Agua

Eu podia arrastar-te nas enchentes
Como as folhas que a rajada agrupa,
Quando baixo do céu em catadupa,
E devasto dos montes as vertentes ;
Mas, ser mesquinho e fraco! sem remorso
Levar-te-hei triumphante no meu dorso.

Quando talhares com o Fogo e o Ferro
Das arvores os troncos seculares
 Arrancados do cerro,
Saindo então dos lobregos algares,
Acharás mais defeza e alto lustre
 Na cidade lacustre.

Sobre a beira dos rios
 E dos Deltas fecundos,
As Civilizações incomparaveis
Dar-te-hão do mundo inteiro os senhorios,
Da consciencia attingirás os mundos,
E os teus progressos ficarão estaveis !

Alliviarei teu braço de fadiga
Como motor! E um dia, não me aterro,
Juntando a Agua e o Fogo com o Ferro,
Tens o Vapor — dos átomos a briga
 No seu violento afan,
És mil vezes mais forte que um Titan !

O Vento

Eu que vôo na indomita tormenta,
Eu tambem me submetto ao teu serviço,
 Perpassando submisso
Do moinho nas azas mais ligeiras,
Na veia do teu barco, e sobre as eiras
Limpando o cereal que te alimenta.

Cansado, dou-te a brisa que te afaga ;
Triste, dou-te a toada eólia, vaga,
Nas vibrações sonoras eu te ensino
 A modular a endecha,
 Da dolorida queixa,
O rythmo eterno do sagrado Hymno.

O Vidro

Eu, fragil, que ha mais fragil que se siga,
Uma escoria dos seixos, tambem venho...
Que dom poderei dar-te? Quanto obriga
A piedade que pelos fracos tenho!
Eu dou-te o que possuo; dou-te a Lente,
A vista do infinito tens patente!

Assim, desvenda o espaço immensuravel,
Visivel torna o que haja de impalpavel
 Em proporções maiores;
Comprehendendo a mechanica dos mundos
Decomporás a luz nas sete côres,
Vendo á materia os germens seus profundos.

O Homem, ente debil, triste e inerme,
 Com altos dons ficou fortalecido,
 Que os corpos brutos com largueza deram.
 De escravo que era, misero, na Terra,
 Sobre ella erecto, d'ella fez seu throno !
 Reconhecido no intimo e sincero
 Em santa effusão de alma adora a Pedra,
 Somo o sêr que benefico, primeiro
 O arrancou da infima indigencia !
 Fez o Altar, o Betylo e a Caaba;
 Na mesma adoração invoca o Fogo,
 Os Rios e os Ventos, levantando
 Na piedosa emoção os doces Hymnos.
 Sentiu-se a Terra, emtanto, transformada ;
 Consciente, n'ella, uma vontade actúa
 Revolvendo-lhe o seio.. . A Terra exclama:

A Terra

Que força é esta, ou que vontade ignota
 Que eu desconheço, mas que estou sentindo,
 Da minha entranha brota ?
 Se me submete altiva, ella me eleva !
 É a *Gravitação* ? essa me leva
 Arrebatada pelo espaço infindo.

O Calor, que inda guardo desde a origem,
 Fonte das energias que me animam,
 Não me dá tal vertigem !
Luz, Electricidade, me aproximam
 Dos Sóes, das Nebuloses nos seus rastros;
 E a *Affinidade* faz-me mais que os astros.

Se essa força que em mim se manifesta,
Não presentida e nunca vista é o Homem
 Que em mim estava immerso
N'um lethargieo e vago devaneio
Entre sustos que o seu vigor consummem,
Elle é uma potencia do universo,
 E então só me resta
Patentear-lhe os arcanos do meu seio.

 O Homem, n'aquella hora
O dom incomparavel recebia
Das energias cosmicas que encerra !
 A Terra-Mãe adora !
Bem que a Sciencia das Causas o desvia,
És o Grande-Fetiché sempre, oh Terra !

II

O MASTHODONTE

O sol em braza, ao longe no occidente
Desmaiado dardeja!
O torveliino varre o areal ardente
Como faminta fera que fareja.
Onda após onda no deserto agita,
De um nimbo atro e poento o ár povôa
Tal, por sobre cidade impia e maldita
O flagello de Deus rapido vôa.

Mostra o simun de ingente Masthodonte
Alva, gigante ossada!
Do sol que luz na extrema do horisonte
Jórra através luz pallida, coáda.
Como as cavernas de galera enorme
Arroja o mar ao areal deserto,
O vento ergue o sudario do que dorme,
Faz do ranger dos ossos um concerto.

I

Dialogo da Pyramide e do Masthodonte

A Pyramide :

Como surges ! tu vens secco, mirrado
Da penumbra do tempo, e assim te inquietas
A luz? Oh, conversemos do passado.

Sejamos como dois anachoretas,
A quem chamou de longe ignota falla,
E decrepitos vão sobre moletas.

É minha voz o raio que me abala;
Responde pois com o ranger dos ossos,
E sirvam-nos os páramos de sala.

Vi baquearem imperios e colossos !
E erguer-se a humanidade triumphante,
Como Deus, creadora em seus destroços.

Venço impavida o tempo ! espero ao diante
Estar á sombra da Arvore da Sciencia,
Quando outra vez fôr o orbe astro radiante,
E o homem tenha a angelical essencia.

O Masthodonte:

Decae o mundo na senilidade;
Da Natureza as fórmãs se amesquinham,
Vejo animaes pequenos e enfezados !
Lá na idade em que eu percorria livre
Nas florestas sem fim, livres luctavam
Como eu descommunaes, terriveis monstros,

O Megatherium e o Ictyosauros;
 Quando o Labirinthódon imprimia
 As pégadas gigantes sobre os lodos !
 Nas convulsões da Terra estrepitosas
 Erguiam-se as enormes cordilheiras ;
 Dominava por toda a parte a força!
 Não havia a potencia imperceptível
 Que o ultimo dos sêres hoje ostenta
 Na escala ascensional dos sêres vivos,
 A Rasão, impalpavel como a sombra.
 Quem póde a origem explicar da Terra
 Sem a intervenção das grandes forças ?
 Um gigante ajuntou da terra os limos,
 Cháos ou Deus, embora! Eu tenho ainda
 Em mim as fórmias colossaes da origem !

A Pyramide :

Como te enganas! Não nasceu a vida
 Nas estupendas fórmias que alardêas
 Da bruta omnipotencia de gigantes !
 Em um oceano tépido se cria
 Vegetação fucoide imperceptível ;
 Foraminíferos, bs bryazoários,
 Musgos viventes, quasi que impalpaveis,
 Com as conchas e invólucros testaceos
 Construem os valentes alicerces
 Da Natureza organizada ! Foram
 Esses obreiros, quasi que intangiveis,
 Que encheram os abysmos submarinos
 De construcções seguras em que assentam
 Os continentes, e se ergueram ilhas,
 Onde se expandem animaes e plantas
 Na evolução das fórmias do futuro !
 O colossal, o grandioso illudem,
 Miragem que desvaira a mente humana,

E a rasão da realidade afasta !
Da criação na mais remota idade
Quem é que tinha sobre o globo imperio ?
Animálculos, quasi imperceptiveis !
Sem elles não existiriam nunca
As fórmas gigantescas, superiores.

O Masthodonte:

Eu fui vencido por um ser bem fraco
Que as Pyramides soube erguer um dia!
Isto me leva a perceber a origem
Mesquinha das montanhas! Mas o homem
Que venceu orgulhoso os grandes monstros,
Ha de ser por seu turno escravizado,
Manietado nas trevas da ignorancia
Por incoerciveis forças, mais terriveis,
Que á vista escapam, que implacaveis minam,
Por seculos a marcha lhe embaraçam !
Se imperceptiveis sêres resistiram
Ás convulsões do globo outr'ora, — hoje
Hão de as Superstições, o Fanatismo,
Mil absurdos de um crédulo passado
Resistir mais tenazes aos impulsos
Em que se eleva a Consciencia humana !
Que sois vós, oh Pyramides ? vós mesmas
Sois a ossada de um decaindo imperio,
De Civilisação extincta e fria ;
Vossa estabilidade attesta ao mundo
Quanto pesava a compressão latente
D'essas forças moraes que vos ergueram !
Ah, se o mundo geologico e organico
De gigantescas luctas não deriva,
Despe então esse orgulho, porque o Homem
E as creações sublimes que alardêa,
De imperceptiveis rudimentos vieram !

II

A Sphynge, *interrompendo-o*:

Quando eu era inda bronca penedia,
 Disse a Terra, que fóra clara estrella ;
 E que embebida em sua luz um dia
 Deus afastára a vista de sobre ella !
 Perdida, como a toada de alguma ária
 Dos córos mais jocundos,
 Deixou-a em trevas, fria, solitaria,
 Arrastada no turbilhão dos mundos.

E a Terra a Deus se eleva pesarosa :
 « Senhor ! é santa a luz, se eu a contemplo,
 Na sombra que me envolve, silenciosa,
 E vejo, como alampadas de um templo
 Absortas n'essa graça que lhes deste,
 Brilhar, bordando a cúpula celeste
 Minhas irmãs Estrellas !
 Oh, deixae-me outra vez luzir entre ellas. »

— O que vale o clarão que um sopro apaga,
 Que o espaço absorve, e tanto te fascina ?
 Se tens o Homem, cuja fronte alaga
 Da intelligencia a luz alta, divina ? —
 E a Terra immersa na gelada treva
 Ouviu de Deus o perennal juizo,
 E para berço do que tanto a eleva
 Formou o paraíso.

CANTO QUINTO 77

Ao ranger do ingente Masthodonte
 Branca, estupenda ossada,
Do sol ardente, na orla do horizonte
Jorra através luz pallida, coáda.
Como as cavernas de galera enorme
O mar engole no golfão aberto,
O vento passa e esconde a ossada informe
Na mole das areias do deserto.

III

O PLATANO DA LYDIA

Na Lydia encontrou Xerxes, com espanto
Um gigantesco plátano vetusto,
O colosso do mundo vegetal !
A folhagem é como um templo santo,
O tronco, athleta intrepido, robusto
Provoca o raio, affronta o vendaval.

O rei levado por piedoso agouro,
Debaixo d'esse plátano tranquillo
Possuiu-se de tal veneração. . .
Com um comprido e bello collar de ouro
Mandou o tronco de redor cingil-o ,
Poz-lhe junto uma guarda em defensão.

Comtudo, o mesmo rei Xerxes basêa
Na dura escravidão, que ultraja o homem,
Soberano Poder!
Como as folhas que o vento longe sómem
Rolam cabeças sobre o pó, baquêa
Quem luctou sem vencer!

Sympathia para a arvore a quem ama;
Contra o homem feroz rigor emprega !
Como explicar aquelle absurdo bronco ?
Não sabe Xerxes, no Poder que o céga,
Que o homem é uma vergonteia, — a rama
Da Humanidade sobre o excelso tronco !

Tem o tronco raizes nas camadas
Primitivas da terra, que ainda alenta
 Os plátanos gigantes!
Resistiu ás indomitas rajadas,
Dos diluvios á convulsão violenta,
 Aos cataclysmos d'antes !

Nas luctas de exterminio entre as raças,
Das nações entre odio egoista, bruto,
E dos dogmas na séva intransigencia,
Firme e serena a todos nos abraças
Na benefica sombra, dando o fructo
Da floração ideal da Consciencia !

Da Humanidade eleva-se a estatura
No combate dos seculos: seguide-a
Quantos aos fracos sympathia tomem!
Iniciou a Grecia esta cultura ;
Mais pujante, que o Piátano da Lydia
Mostra Hercules — a synthese do homem !

IV

A VERDADE DAS FABULAS

No monte de Kolsum, n'uma caverna
Solitario vivia Antão! do ruido,
E das admirações que Alexandria
Lhe consagra, alli vive refugiado !
Na mudez do deserto, a sós luctando,
Contra o tédio e as tentações do clima,
A si mesmo fugindo, elle se embrenha
Na solidão immensa ! Vae levado
Pela fama de um velho anachoreta
Que no deserto da Thebaida existe,
Que em penitencia e perfeição o excede.

Antão caminha por areaes ardentes,
Por entre cardos e espinheiros bravos,
Ás mordeduras dos reptis exposto.
Extenuado de fadigas, busca
Uma fraga, na devorante calma,
A cuja sombra se refresque e encoste.

Eram lentos os dias da jornada;
Como hallucinação febril julgando
A visão do Eremita da Thebaida,
Desalentado para o espaço exclama:

« Forças da Natureza santa e pura !
Soubesse eu lêr do homem o caminho,
Como outr'ora nas prístinas edades
Guiavam-se as Nações na marcha errante
Pelo vôo das aves ! e o relincho
Do corcel de Judá ao Povo eleito
Annunciava-lhe a terra promettida ! »

Mal proferira o santo estas palavras,
Quando em carreira célere, impetuosa
Viu junto a si passar pelo deserto
Uma figura estranha ! Era um Centauro,
Que lhe aponta o caminho e o dirige
Na vereda por onde Paulo encontre.
Andando para diante, errante passa
Vulto de homem caprípede; com pasmo
Antão chamou: — Quem és tu ? creatura !

« Sou dos Satyros hoje o derradeiro,
E já fomos dos bosques divindade. . . »

Contando isto com magoa, ao santo entrega
Os fructos de palmeira que levava ;
Proseguiu na jornada. Adiante, um Lobo,
Benigno e manso, o solitario guia
Até á gruta aonde orava Paulo !

E quando os dois anciãos anachoretas
Conversavam com effusão da vida
Contemplativa, em que se absorvem, baixa
Junto d'elles um Corvo, como servo,
Que á hora certa a refeição trazia.

Um singular dialogo se trava
Entre os dois, n'uma ingenuidade de alma:

Antão:

Alma, a quem obedece a Natureza,
Explica-me o encanto, este mysterio !
Que significa a intima harmonia,
A concordia familiar que observo,
Entre ti e os animaes ? Tranquillos
Do Paganismo o Satyro, o Centauro,
Ao passarem nos ermos, me guiaram
Para ti; dá-te um Corvo o alimento ! ...

Paulo:

Aqui, immerso em plena Natureza,
Longe dos homens, e de ideias falsas,
Compreendi, que tudo quanto existe
Tem consciencia de um intimo destino.
A materia não é passiva e inerte,
Como os cegos philosophos declamam;
Nem tem a bruta irracionalidade,
Que lhe attribuem pêcos moralistas.
Quando vivia o homem inconsciente
N'essa nudez da primitiva graça,
Elle adorou os animaes, as plantas
Fez de tudo miríficos Fetiches.
Da Terra as alimarias, com verdade,
Acordaram a intelligencia no homem :
Um enxame de abelhas pouza incerto,
Sobre esse combro eis engenhosa tribu
Fundando Athenas, a immortal cidade
Que illumina por seculos o mundo!
Sobre as margens do Tibre, estaciona
Tribu energica, audaz, conquistadora,

Que avassalla e que dita as leis ao orbe;
 Ali fixam-se os chefes, porque viram
 Nos alcantis pousados doze abutres !
 Das nações os geniaes iniciadores
 Quantos por brutos animaes são salvos;
 Amamentára Romulo uma loba ;
 Tambem um Peixe, o mysterioso Oannes,
 Vindo do golfo Persico, inicia
 Nas raças que a Chaldêa povoaram
 Da Civilisação leis e costumes !

Antão:

Compreendo que os animaes adore
 Na antiguidade veneranda o homem;
 E como o Egypto consagrava o ibis,
 O hypopótamo, o elephante, o Apis,
 A vacca branca, a esperança, o anhelos,
 A alegria unanime do imperio.

Paulo :

Sem essa adoração, teria o homem
 Porventura associado ao seu trabalho
 Os fortes animaes com sympathia,
 Na mansidão da domesticidade ?
 Elle em torno de si teria feito
 Devastação cruenta! E quando, ao perto,
 Soube observar a indole, os costumes
 Do Leão, da Raposa e Lobo, inventa
 A linguagem das Fabulas, o drama
 Em que o bom senso espontaneo exprime
 As syntheses moraes, por onde claro
 Define as normas das acções humanas.
 Os animaes ao homem ensinaram
 A fallar por comparações: Esopo,

Lockman, Pylpai e Phedro idealisaram
 Os primeiros poemas. A Escripta,
 De hieroglyphos sagrados derivada,
 Nasceu representando esses Fetiches !

Antão :

O Cordeiro do Sacrificio augusto
 De Deus o excelso filho symbolisa !
 Oh Fetiche instinctivo e gracioso !
 Como o Espirito Santo se revela
 N'uma pomba ! E a Arvore sagrada,
 Da Sciencia do bem e mal origem,
 Da Redempção renova-se no Lenho
 Da Cruz! . . . O sentimento as cousas une,

Paulo:

Confinada nos muros das cidades
 Vê-se o homem aberrar da Natureza,
 O espirito abandona e desconhece-o
 Entregue á escravidão da letra morta !
 Fugi para o deserto, não com medo
 Das vis perseguições de imperadores
 Que no sangue o dominio cimentavam;
 Quiz com a Natureza conciliar-me,
 A Natureza de que abjura o homem
 Da Theologia por abstractos dogmas.
 Quando Jacob, o velho patriarcha,
 Adormeceu tendo a cabeça posta
 Sobre o Betylo ou Pedra de ara antiga,
 Teve um sonho mysterioso e bello,
 Visão da Escada mystica, por onde
 Viu ascendendo as gerações vindouras !
 Foi adorando as Pedras e as Plantas,
 Dando aos animaes culto e sympathia,

Do Fetichismo no affectivo sonho,
Que o homem, pelas relações fecundas,
Inventa as maravilhas dos seus Mythos,
Da Arte figurativa e da Linguagem,
E as normas do dever generalisa.

Antão :

Bem hajas, mestre ! As lucidas palavras
Consolaram-me ! Eu desde longos annos
Por tentações oppresso me sentia:
Era o mundo exterior fallaz miragem,
Pareciam-me os animaes, as plantas
Figurações do Diabo ! Os tristes eram
Santos Fetiches da primeira idade,
Que á vista appareciam desmembrados
Sem eu lhes comprehender o sentimento !

O Anachoreta velho,
Voltando á gruta obscura em que vivia,
D'onde ao longe avistava o Mar Vermelho,
Reflectindo dos céos a luz intensa,
Com santa singeleza
E piedade escrevia
Nas margens do Evangelho:
*E para mim um livro a Natureza
Que de todos os outros me dispensa.*

V

COGITATA ET VISA

Era eu bem pequeno, e via o mundo
Através de emoções irreflectidas ;
Para mim tudo ostenta um rir jucundo,
As cousas tinham mysteriosas vidas,
Até vontade propria; e um intuito
Achava ao accidente mais fortuito.

Não sabendo attingir a differença
Que ha entre a impressão e a realidade,
Em cada objecto via um sêr que pensa,
Que se exprimia em pura actividade;
Eu, na vaga illusão da phantasia
Andava em communhão com o que via.

Lembro-me ainda ! De meu pae no quarto,
Detraz da porta estava pendurado
O seu capote velho ! ah, não me farto
De recordar — quando elle agasalhado
N'esse velho capote, á sua beira
Eu escutava historias á lareira.

Se o via pendurado atraz da porta
Era o velho capote um sêr estranho,
Não qualquer cousa impassivel, morta,
Mas um ogre, um duende, um trasgo, um dianho ;
Dependurado, as préguas a capricho
Davam-lhe configurações de um bicho.

No alvorecer da alegre madrugada,
Do quarto de meu pae no claro escuro,
Eu via uma figura desenhada
Ameaçadora, com aspecto duro,
Preparando-se para horriveis obras. . .
Era o velho capote e as suas dobras !

Muitas vezes tentei gritar ; o susto
Embargava-me a voz, ais abafados ;
Sem querer vêr, no meu terror, a custo
Via mostrar-me uns braços descarnados
Para me estrangular n'aquelle asylo !
Meu pae dormia placido e tranquillo.

Eu queria acordal-o, e tinha medo
De me mover; e as palpebras cerrando
Ficava sem pensar, gélido, quedo ;
Escondia a cabeça, e respirando
Sob a pressão d'aquella atroz visagem,
Dormia — da innocencia dôce imagem !

Repetia-se em cada noite a scena ;
Cresci, fui reflectindo com a idade ;
Resolvi, não sem grande audacia e pena,
Confrontar a impressão e a realidade :
E como uma pessoa semi-morta
Tremendo avanço, e corro atraz da porta.

Entre os braços agarro... o que? já creio
Achar um corpo aspero ou chavelho;
Esvae-se n'um instante o devaneio,
Cae-me nos braços o capote velho,
Que a meu pae junto ao lar dava agasalho;
Por tão louca illusão, quanto trabalho!

E assim a miragem com que á mente
Do povo o Deus terrífico se esboça;
Ai do que fica para sempre crente,
Sem que pela Sciencia observar possa;
Esse andar á com susto e de joelhos
Sob os terrores de capotes velhos.

VI

IN QUESTA TOMBA OSCURA...

Resurgem do Averno
Das sombras inanes
Os latinos Manes,
Em silencio eterno ;
Divagando errantes
Vêm as Necyas gregas,
Sacudindo as prégas
Aos véos alvejantes.
Após vêm correndo
N'um côro sem fim
Hebreus Rephaim
De Scheol horrendo.
Sem pena ou perdão,
Mas sem recompensas,
Vêm almas suspensas
Do Limbo christão.

Quem ha que se illuda ?
Na onda que passa
Eis a grande massa
Anonyma e muda
Da humana grey:
As Mães, que com dôres
Heroes e Inventores
Geraram. . . Bem sei.
As Tribus, que em bando
Da Terra á conquista
Sem norte e sem pista
Seguiram cantando,
Transpondo as montanhas
Affrontando azares,
E sulcando os mares
Em luctas tamanhas !
Os Aventureiros
Que acharam o Fogo,
A Ara e o rogo
Dos Hymnos primeiros.
Vencidos das luctas,
E quantos, prostrados
Soffreram calados
As vindictas brutas;
Toda a Geração
Do mundo das sombras,
Por frias alfombras,
E em tal descensão,
Deixae que a Poesia
N'um cantico vivo
Sobre a obscura via,
Erga o Cippo, o Iad
Commemorativo
De eterna Piedade!

CANTO SEXTO

UNIDADE ELABORADA PELA ASTROLATRIA

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO SEXTO

O desenvolvimento humano carecia, para equilibrio da sua actividade, da observação da ordem exterior reconhecida na invariabilidade de certos phenomenos. N'esta phase do Fetichismo espontaneo destacaram-se os phenomenos sidereos ou astronomicos com uma certa invariabilidade, provocando as primeiras especulações de previsão, ou scientificas. Os cultos telluricos foram substituídos pela Astrolatria, que começou a modificar a exclusiva subjectividade do Fetichismo espontaneo. O homem começou a reconhecer uma ordem universal independente do typo humano (o *Anthropomorphismo*) e da sua vontade. Esta alteração synthetica que quebrava a homogeneidade das concepções fetichistas foi a *felix culpa*, o peccado, a queda do homem livre na sua adoração sob a disciplina do Sacerdocio organizado, que systematisa os actos cultuaes, explica a fé primitiva em theologias, exercendo uma directa intervenção social que se completa na Theocracia. A Astrolatria, na sua tendencia scientifica provocou as civilisações concretas, como as euphratianas (Vid. *O Céu, ou a revelação pela Luz*); mas pela relação dos astros com os destinos humanos, resto do subjectivismo fetichista, produziram-se outras religiões, em que uma theocracia deprimemente submetteu o homem á fatalidade divina.

VERBO DE LUZ, OU A EPOPÊA DA LAGRIMA

Poema em quatro threnos, em que se exprime o aspecto doloroso e pathetico da existencia segundo o ideal religioso do *mundo oriental*.

I

Stella matutina

Representa-se o peccado de Eva como uma desobediencia á disciplina cultural da auctoridade theocratica inicial, aproximando a lenda semita da sua origem árica: Quando a mulher estava no Eden começa a sentir os frios rigorosos da congelação, e a *Serpente do Inverno* (o rio congelado) faz-lhe appetecer o *Pomo de ouro* da Arvore universal onde habitam os Deuses, o Sol, para o qual ergue as mãos adorando-o e abjurando o seu antigo culto da Terra. Seguindo a mesma origem poetica, deixamos a maldição do genio semita; e a lagrima chorada por Eva é a estrella que brilha solitaria, o *Nazir*, que hade no futuro distinguir todo aquelle individuo que exercer uma missão impulsiva sobre a marcha da Humanidade.

II

A Estrella dos Magos

A especulação astrolatrica leva á abstracção do Dualismo entre a luz e as trevas, e á personificação theologica e moral da lucta do Bem contra o Mal. No combate da Luz contra as Trevas, dos mythos iranicos, apparece um Mediador para trazer a paz, marcado na sua missão pelo asterisco do *Nazir*, E por essa estrella que os Magos procuraram reconhecer o Christo, mediador depois de Mithra. Lê-se em uma Epistola de Santo Ignacio: « Uma *estrella* appareceu no céo acima de todas as estrellas, e a sua luz era ineffavel, e o seu brilho novo despertava o assombro; e todas as estrellas, com o sol e a lua se agruparam em redor d'esta Estrella, Ella espalhava a sua luz sobre todas as outras, e perguntava-se com pasmo : d'onde vinha esta incomprehensivel essencia á qual nenhuma outra era comparavel ? Assim toda a Magia foi destruida; quebrados os vinculos do Mal; a ignorancia extirpada, desde que um Deus-Homem appareceu para a renovação da vida eterna. » É esta concordancia dos mythos e tradições que conduz a uma nova idealisação poetica.

III

Ave, Stella !

Baseia-se este poema sobre a morte do Presbyter Johannes, do discipulo cuja vida devia prolongar-se na terra até que voltasse o divino Mestre para realizar o *Reino de Deus*. (Evang. Joan., cap. XXI, v. 20, 22). Não

está portanto terminada a obra do Messias; espalham-se os terrores sibyllinos do fim do mundo, e as gerações evangelicas vão morrendo sem verem cumpridas as esperanças do *Millenio*. A visão apocalyptica esboça a historia das catastrophes desde a ruina de Jerusalem, invasão dos Barbaros, queda de Roma, Egreja triumphante e sanguinária, revoluções contra o Imperio, dissolução do Papado e do Poder espiritual. É então que apparece a figura da Mulher, a Virgem-Mãe, para mostrar como a propria humanidade realisarà a nova syntliese pelo Amor. E a mulher semita, que introduz o Mal no mundo, é substituida pelo ideal avéstico da casta e fiel Esposa, conservando a suprema virgindade no dever do amor. E então que o Vidente de Pathmos já não pergunta quando se fundará o Reino de Deus, porque sente, que: «Virá o momento em que não adoreis em Jerusalem; nem sobre a montanha; o verdadeiro crente adorará em espirito e verdade.» A Luz material, que os povos adoraram, torna-se no genio occidental a luz do pensamento, o Logos ou o Verbo.

IV

Stella salutis

As doutrinas dualistas do Bem e do Mal decæem sob o dominio intellectual da razão, embora sob a apathia mystica da Edade-média, a pre-occupação do Mal, sob o nome de Satan, suscite na Europa os terrores da Feiticeria e a hallucinação demoniaca. Satan, por fim abdica do seu poder e esvae-se como uma ficção da credulidade diante da comprehensão da immutabilidade das leis naturaes. E a luz scientifica que desfaz essa preoccu- pação mental doentia, e dissolve a antinomia do *homo duplex*, da lucta entre a alma e o corpo, formulando o novo principio de ordem, que um bem absoluto é peor do que um mal relativo. Dirige-nos o pensamento de Quinet: «Tudo o que o passado encerra de religiões, todos os elementos sagrados da tradição aproximam-se subitamente em um cahos divino para produzirem, ao que parece, uma fórmula nova da humanidade.» (*Gen. des Rel.* 54).

tade. A vida emocional suggere as aspirações ou desejos ; a vida mental disciplina a vontade. Sómente a subordinação mutua entre a Rasão e o Sentimento, produzindo a harmonia subjectiva, é que realisará a unidade ou conformidade da vista da realidade com a representação ideal.

II

Os três Valentes de David

Pequena canção épica, exprimindo de um modo objectivo uma espontanea emoção affectiva reagindo sobre o sentimento religioso, e conformando a rasão individual com o bom senso, a ponto de darem á acção heroica um intuito humano.

III

A Harpa de Salomão

Idealisação sobre uma das lendas mais graciosas do reinado de Salomão, em que se mostra como o sentimento do Amor, expresso no *Cantico dos Canticos*, se destaca entre todas as severas tradições bíblicas como uma pausa em que o genio de Israel se esquece durante quarenta annos da sua missão religiosa, sendo essa voz a unica universalmente comprehendida na humanidade.

IV

A morte de Socrates

Quadro em que se aproxima a synthese moral de Socrates — *Conhece-te a ti mesmo*, da inscripção do templo de Epheso, explicando a morte do philosopho e o incendio do templo como um meio de embarçar o advento á unidade positiva, quer por via da rasão ou pela do sentimento.

V

O carro triumphal

Representa-se a Humanidade servida inconscientemente pelas individualidades que mais a affrontaram e que menos a conheceram. Commodo, Tiberio, Nero, Claudio, Hadriano, Caracalla, decretam as leis mais humanas sobre escravos, libertos, mulheres e menores, sobre a inviolabilidade da vida e sobre a egualdade civil.

O rasgar da manhã dôce e tranquilla
Era o sonho da vida que se solta ;
Pela vaga amplidão que a luz povôa,
Astros em turbilhões no azul profundo
Da abobada do empyreo se concentram,
Como os eccos de uma harpa que se perdem.
Não havia o mysterio. A vista absorta
Ia lêr a recôndita palavra
No livro do existir! O espaço aberto
Mostrava-se, não o fecham horisontes.

A natureza ri; vôam cantando
Aves canoras a tecer seus ninhos;
Fresco orvalho do céo em mel se torna
No pudibundo cálice das flôres,
A brisa espalha o effluvio rescendente.
EVA! bella na cândida nudeza,
Vergonhea irmã da flôr mais delicada,
Desperta entre a alegria! Confundida,
Lança indeciso olhar, baixa-o á Terra,
E quando tudo exulta — ella é só triste.

Sente o calor do Sol — o Pômo de ouro
Da Arvore universal, aonde habitam
Os Deuses ! Vae o rio a congelar-se;
Com rigorosos frios implacaveis
A Serpente do Inverno o Eden cerca !
A mulher, que adorára sempre a Terra,
A Mãe que aos seios todo o sêr alenta,
Ergue as palmas ao céo — o Sol implora !
O alto Pômo de ouro colher tenta ...
Foi do espontaneo culto a apostasia.

Peccára! assim da limpida nascente
 Brando murmurio a suspirar lhe ensina;
 Peccára; assim da rosa que abre os seios
 Na rorida alvorada, a face imita
 Seu timido rubor ! A gotta de agua,
 Sobre a folha do lotus balouçando,
 Se em terra cáe ao perpassar da aragem,
 Vem-lhe ensinar com o dorido pranto
 Dos olhos se desprende. EVA, na mágoa,
 Desata muda lagrima, tão pura!

Era a primicia do ulular futuro
 Interrompendo a festa do universo !
 Semente de amarguras e de espinhos,
 Não quiz abrir-lhe o seio a dura Terra,
 Nem recebê-la a onda transparente,
 Por vir turbar-lhe a face crystallina.
 Vinha nascendo o Sol ! Por toda a parte
 Se espalha do alto o olhar da Providencia,
 Quando um raio de luz do Ancião dos Dias
 Eleva ao throno excelso — a muda lagrima.

II

Os córos suspensos nas alturas

Se o anjo mais puro e lindo
 Que esmalta o solio de Deus,
 Fica demonio — caindo
 Lá dos céos :

Mulher! perdida nas trevas,
 Chorando tua queda assim,
 Abre-se o empyreo e te elevas
 Seraphim !

III

Dialogo da Lagrima

Jehovah:

És tu gotta de orvalho, ethérea, crystallina,
Que ao romper da manhã soltou a alegre aurora?
Quem te manda aos umbraes d'esta mansão divina?

A Lagrima :

Senhor ! alma que chora.

Eu sou como o aljofre,
Vim de um profundo mar !
A angustia de quem soffre
Ao céo me fez voar.

Eu sou a gotta de agua
Do cálice da flôr;
Cafí; para tal mágoa
Venho pedir amor !

Eu sou a nivea opala
Que o sol já derreteu ;
Venho servir de falla
Á dôr que emmudeceu.

Eu sou a estrella errante
Perdida na amplidão !
Subi, vim tão distante,
Senhor, pedir perdão.

Eu sou a filha de Eva
 Gerada em outro amor !
 Caindo a dôr me eleva. . .
 Senhor, Senhor, Senhor!

Jehovah :

Não quiz abrir-te o duro seio a terra,
 A ti, lagrima ingenua, dolorida,
 Como a semente que máo fructo encerra!

Não quiz a agua do mar ter-te escondida,
 Sem saber se uma lagrima revela
 O mysterio recondito da vida.

Bem vinda, pois, da dôr primicia bella!
 Engastada no azul do firmamento,
 Vêde-a brilhando — Matutina Estrella !

Prorompe em côro o angelical concento :

Tu és pérola, e brilhas suspensa,
 Erma, pura, no manto dos céos;
 Uma lagrima, a dôr se a condensa,
 Oh, não cae,
 Porque vae
 Até Deus.

Deus converte o crystal em estrella,
 Que a alegria da aurora conduz;
 Borda a cúpula etherea com ella,
 Gotta de agua
 Que a mágoa
 Traduz!

Tanto póde a mulher se ella chora !
 Faz sentir, faz amar sua dôr;
 Muda o pranto no orvalho da aurora,
 Pois seu brilho
 E só filho
 Do amor !

Era a lagrima aérea, diamantina ;
 O resplendor celeste se mirava
 Na sua candidez. Trémula e viva
 Excedia em ternura os sons dispersos
 Das malifluas harpas. A agonia
 Descobriria a expressão ideal, sublime !

IV

Vozes de Anjos :

A lagrima singela,
 Como é singelo o lirio,
 Eil-a a tremeluzir,
 Suspensa do empyreo,
 Alva, radiante estrella,
 O ineffavel Nazir !

Se a luz se mostra, e afasta a densa treva,
 Ella apparece annunciando o dia ;
 Ella o canto da terra aos céos eleva,
 Ella as benções do céu á terra envia.

Ao erguer-se a Mulher forte e altiva
 Esmagando a Serpente, n'esse instante
 Hade meiga luzir com luz mais viva
 Na auréola que cinge almo semblante.

A Estrella da lagrima nascida,
 Symbolo de piedade,
Na expressão silenciosa — significa
A missão do que ao bem se sacrifica
 No combate da vida
 Pela Humanidade !

E um dia, assim, do Sacrificio o Filho
 O casto Nazareno,
Terá sobre o semblante
 A alumial-o sereno
 O sacrosanto brilho
 Da Estrella fulgurante !

Hosana ! Hosana ! Hosana !
 O fulgor que irradia
Na terra e nas alturas,
 Que as almas nos seduz,
Tambem claro annuncia
 As gerações futuras
A redempção humana
 Pelo Verbo da Luz !

THRENOS II

A ESTRELLA DOS MAGOS

I

Languor feral o mundo acommettera !
Faltava o ár, e a luz que vivifica;
Era mais limitada e estreita a esphera,
O orbe em si procura, em vão supplica
Outra alegre e nova éra.

Jázem Confucio, Buddha e Zoroastro,
E da palavra augusta apenas resta
Fórma confusa, molde de alabastro,
Ou o fulgor e curso de algum astro
Sem o sentido que o vidente empresta.
Estão mudos os grandes Hierophantes
Que os Numes e as Leis formavam d'antes.

Não basta o pão para alentar a vida!
Ha uma intima sêde
De embalar dentro em nós um devaneio,
De ouvir fallar do ignoto ! — Hoje, ella veiu
Dar vigor e agitar as mentes. Vêde
Como produz no mundo estranho anceio;
De toda a parte se ergue o brado enorme.
E a natureza santa vela ou dorme ?

II

D'onde e quando virá o Enviado,
Que proclame no mundo o grande Verbo,
Que gera na alma um sonho prolongado,
Que torna dôce a morte e o mal acerbo ?

Ai sonho vaporoso, como nunca
Nos deu licor da terra inebriante?
Com estrellas do céo a terra junca...
Quando virá o suspirado instante ?

Ao fallar-nos do azul de além do empyreo
Deixa n'alma a semente da esperança !
Tem no amor a grandeza do martyrio,
No soffrimento um goso que não cansa !

D'onde e quando virá o Enviado
Que ensine ao mundo o Verbo sacrosanto ?
Quando será o instante desejado
Em que arrebate as almas n'esse encanto ?

Cantaram-no os indiáticos Videntes,
Prophetas de Israel aterradores,
Cantaram-no os humildes que eram crentes,
Todas as boccas que gemeram dôres.

III

Como a corrente forte, que atravessa
O orbe todo em instantânea volta,
Ou como agua caudal que os diques solta,
A grande nova de correr não cessa.
Quer a terra sentir o ideal um dia;
Assim se espalha em todos a anciedade !
Quer sonhos perennaes a humanidade,
E espera esse que a voz longe annuncia.
Se, ao vir a boa nova repetindo,
Fallará de justiça e de alegrias ?
Contemplam todos o horisonte infindo,
Que se lerá nos astros do Messias ?

IV

Eil-o! o rei Balthazar parte de Tarsos,
Vistosa caravana o segue ao perto;
Como ao encontro de um monarcha, esparsos
Se embrenham na largueza do deserto.

Melchior, o negro, tambem vem da Nubia,
Requeimado do sol que o visita,
Prostrado em terra o adora com fé dubia,
Que o novo sentimento agora o incita.

Traz carregados de ouro fulvo em barra
Os rijos dromedarios e os camellos;
Reluz nas mãos a curva cimitarra,
Mas os thesouros da alma são mais bellos.

Alfim vem de Sabá o rei seguindo,
Cercado de perfumes e de incenso,
Páreas que irá depôr ante o bem vindo,
De altos prophetas o propheta immenso.

Seguindo foram com a fronte altiva
A procurar nos céos a estrella linda !
Levados cada um pela fé viva
Na voz remota que predisse a vinda.

V

Do rei de Tarsos pára
A leda caravana ;
Que a sêde não se engana
No oásis que sonhára.

Das aguas fresca veia
Borbulha em fio de prata;
Quanto, ouvindo-a, recreia
Mudez e sombra grata !

Aos pe's cáem os fructos
Das verdejantes palmas,
Nos areaes enxutos
Das doentias calmas.

Sôa estrépito vivo
Que o leve somno acorda:
Era o canto festivo
Ao longe de outra horda.

De Sabá n'esse instante
Eil-o o rei se aproxima ;
E aquella tribu errante
Sua chegada anima.

Uns aos outros perguntam
Do céu pela mensagem;
E como irmãos se ajuntam
Para a incerta viagem.

Emquanto á sombra jazem
Das palmas ondulantes,
Da sésta as auras trazem
Canto de viandantes.

Do rei da Nubia a vinda
Confirma essa esperança;
Mas a estrella linda
Ninguem no espaço alcança.

VI

Emquanto sob o peso das off rendas
Os dromedarios soltos se inebriam
Co'a fresquidão das aguas, — alvas tendas
Ao pé do oásis bello os reis erguiam.

Era á hora em que a luz do sol, vermelha
Quasi a apagar-se, e antes que se esconda,
De cada areia faz uma centelha
Que brilha e treme do vapor na onda.

Sentou-se Balthazar e a fronte inclina:
« Vim de Tarsos, aonde em tempo antigo
« Do velho Zoroastro a alta doutrina
« Foi, perseguida, deparar abrigo.

« Avançado na idade e quasi exausto
« Na grande lucta em que espalhou no orbe
« O dogma espiritual do holocausto,
« Que o coração e a intelligencia absorve,

« Vendo que o extremo da existencia toca,
« Sob o rigor da secular idade,
« Aos que ouvem a verdade da sua bocca
« Diz: — Levae-me a aspirar a immensidade.

Levae-me para o alto das montanhas,
Quero ouvir o rumor da antiga selva;
E das correntes as canções extranhas! . . .
« Piedosos o deitaram sobre a relva

« Ergueu a fronte para o céu, ficando
« Contemplativo, absorto, inerte, mudo !
« Dir-se-hia que estava morto, quando
« Sua grande alma reflectia tudo ?

« Ergueu alfim d'essa mudez profunda
« Um hymno, dos discipulos ouvido,
« Um hymno, um hymno onde a verdade abunda,
« Que ha seis seculos anda repetido:

— Eu propaguei na Persia o sentimento
De um Deus universal, achei as vias
Para a missão da unidade humana !
Ormuzd é supplantado no Oriente
Por Iahveh, e no Occidente Mithra
Hade tambem por Christo ser vencido !
Que importa essa derrota! as folhas voam
Do Avesta, arrancadas pelo vento,
Ajuntam-se outra vez em novos livros,
O Genesis grandioso, e os Evangelhos !
Como o Verbo de Luz remotamente
Se espalha pela terra e tempo infindo
Tornando a vida pura
No trabalho e justiça !

Por isso os Magos contemplando os astros
Saúdam o Nazir, que traz na fronte
O asterisco lucido que indica
Missão de universal fraternidade !
Com o nome de Ormuzd, de Agni, de Mithra,
Ou quem trazer na fronte a *Estrella de ouro*,
Como immortal Mediador se adore
Da Entidade suprema, e immutavel
Do Tempo sem limites, o Akerene,
Sêr incommunicavel d'onde emanam
Todas as fôrmas que a existencia ostenta.

Libertei os espiritos do culto
Da material fôrma,
Revelando que tem tudo o que existe
Eterna, ideal norma !
D'ella nos falla a voz da natureza
Em perenne harmonia ;
Perseguiram-me aquelles que eram surdos
Aos Hymnos que eu dizia.
Quando o corpo alquebrado se avergava,
Eu vi com estes olhos,
Pela amplidão dos céos do Oriente
D'entre estreitas aos mólhos,
Destacar-se dos turbilhões dos astros
Uma Estrella radiante,
E vir aureolar, serena e pura
Do Nazir o semblante.
Ide e esperae, discipulos, a Estrella
No horisonte escuro,
Esse Verbo de Luz e esperança
Que eu revelo ao futuro.

« Como o ruido da agua que se esgota,
« Lentamente lhe amortecera a falla ;
« Com mansidão sua grande alma exhala ,
« Livre, seguindo a interminavel róta.

« Sepultaram-lhe o corpo na caverna
« Dos píncaros do monte alcantilados;
« E os discipulos foram-se espalhados
« Tristes buscando uma visão superna.

« Pela amplidão do árrumor incerto,
« Como a bonança ao cabo da procella,
« Annunciou — Que o tempo estava perto,
« Da visão ineffavel d'essa Estrella. »

VIII

Calou-se Balthazar ! o Hierophante
Que incenso e myrrha de Sabá trazia,
Volve saudoso : — Tambem vim distante
Buscando a estrella d'esse grande dia.
Através do deserto errando, errante
A santa ideia no intimo me guia;
Mas eu não sei que fosse comprehendida
A tradição dos seculos perdida. —

Vinha da noite a sombra precursora
Cobrindo a vastidão que a vista illude;
O silencio e uma aura encantadora
Ao corpo lasso com vigor acude.
Como sentindo as musicas da aurora
O rei da Nubia ergueu a fronte rude
Lá para as bandas do Oriente, e logo
Descobre o resplendor de ingente fogo!

Do fulgor boreal a claridade
Miram todos calados e suspensos,
Que se espalha por toda a immensidade
Em jorros puros, nitidos, intensos!
Era a Estrella que lá na prisca idade
Zoroastro avistou sob os véos densos,
Que ao cabo de seis seculos se mostra !
E a adorar cada um com fé se prostra.

Entre hymnos expansivos de alegria
Foram seguindo do deserto a Estrella,
Como Moysés, que as tribus crentes guia,
Da columna de fogo ia após ella.
Mil concertos na terra e ar se ouvia,
Na serena dormencia da procella,
E dos archanjos ao perenne hosanna
Deu em Belem a alegre caravana.

Trazem presentes de ouro fulvo ás barras,
Nos rijos dromedarios e camellos ;
De myrrha e incenso trazem grandes jarras,
Mas os thesouros da alma são mais bellos.

THRENOS III

AVE, STELLA !

Velho e triste em seu áspero desterro,
De Páthmos sobre o monte alcantilado,
Ia sentar-se no escabroso cêrro
João, d'entre os Discipulos o amado,
 Sósinho a contemplar!
O espirito pairava em Deus absorto,
Se o visse alguém ali, julgára-o morto,
 Posto ás aves do ár !

O vento emmaranhava as cans do velho
Deitado no granítico fraguedo,
A cabeça encostada no Evangelho,
Ouvindo attento o mystico segredo
 Aos rugidos do mar !
D'entre os nimbos do esplendido horisonte
Bronzeava-lhe o sol a vasta fronte
 Rugosa de pensar !

Como hade elle morrer ! Disse-lhe o Mestre :
« Por mim espera até ao grande dia
Que eu outra vez no vulto meu terrestre
Torne ao mundo a cumprir a prophesia
De uma vida sem fim !
Contempla, João, por essa immensidade,
Adorando em espirito e verdade ;
Crente, espera por mim ! »

I

O somno do Vidente

Em que pensava a mente desvairada
No pesadelo do profundo somno ?
Como de um templo a lampada sagrada,
Erma, quasi a extinguir-se, em abandono,
Sua alma, lá na célica morada,
Suspensa ante o esplendor do excelso throno
Rasga o ultimo sêllo, o mais tremendo,
E arrebatado em espirito ia lendo.

A seu lado, uma voz ingente e dura,
Como o estrondo da onda contra a rocha,
Ou do raio, que Deus manda da altura,
Quando elle rasga e sáe da nuvem rôxa ;
Uma voz lhe fallou : « Oh creatura,
« Que á luz do sol da tarde tibia e frôxa,
« Dormes tranquillo no rochedo alpestre,
« Como no seio do Divino Mestre !

« Levanta-te e contempla ! » N'esse instante
Era o mar como a candente lava,
Que borbulhando rubra, coruscante,
O lethargo da morte infercortava !
Tingia o sangue o céu azul, brilhante,
Em crepusculo o dia se tornava,
As cavernas repercutiam dentro
As convulsões da terra no seu centro.

« O que vês? » — Vejo o mar immenso, irado
Sem o insulto dos áquilos, altivo,
Levantar com vehemencia a Deus seu brado:
« Senhor ! ha tantos seculos captivo !
« Na dôr sempre a cantar desesperado,
« E sem ter para ella um lenitivo !
« Sempre a fitar o céu, e não consentes
« Que me alevante e sôrva os continentes ? »

Torna o Anjo: « O que vês, Propheta? diz-m'o! »
— Vejo a terra que triste se destaca
Do seu mundo, e no extremo paroxismo,
Immersa em trevas, solitaria, opaca,
Elevar-se até Deus por sobre o abysmo:
« A fria escuridão me envolve e ataca,
« Inundae-me de luz suave e bella,
« Quero um dia tornar a ser estrella ! »

Após morto silencio do cansaço,
Doloroso clangor de énea trombeta
Retumba pelos páramos do espaço !
Trasbordou a amplidão, como repleta

De eccos soturnos ! Tal retrôa o passo
 De um esquadrão a quem a raiva inquieta,
 Ou da mó, quando róla ao mar profundo,
 Ou da procella, quando varre o mundo.

Disse o Anjo : « O que vês, Propheta ? » — Vejo
 Sangue, manchando a alvura do Cordeiro !
 E as gerações famintas no festejo
 A devoral-o, anciosas, todo inteiro !
 Elle deu-se a comer, foi seu desejo,
 Elle se inclina manso, no madeiro,
 Pendido o rosto pallido e exangue,
 Deu-lhes para beberem agua e sangue !

Restrugem pelo ár altos ruidos
 Como torrente de aguas caudalosas,
 Como o arrastar de ferros doloridos
 Ao longo de veredas tortuosas;
 Ou da raça que emigra os alaridos,
 Buscando outras paragens venturosas.
 Taes cousas dentro de alma póde vê-l-as,
 Como n'um mar myriadas de estrellas !

« Discipulo, o que vês ? » — Extranhas raças
 Com idolos e reis irem em bando !
 Com gargalhadas lugubres, devassas,
 Descuidadas da vida, impias, cantando!
 De veneno a libar erguidas taças,
 Entre improperio estúpido, execrando,
 E, ao cabo da passagem no deserto,
 Para engulil-as eil-o o abysmo aberto.

Tambem vejo, Senhor, a cruz da vida
 Do insondavel abysmo sobre as bordas,
 De um lado ao outro, immovel, estendida !
 Passam sobre ella innumeraveis hordas;
 Para a viagem da terra promettida,
 Voz do deserto, as gerações acordas:
 Essa vereda larga tu lhes de'ste
 Que os conduza á Jerusalém celeste.

— Mas na arvore da vida eis a Serpente
 Enroscada outra vez na soledade !
 Para o servo, Senhor, tendes latente
 No symbolo uma incognita verdade?
 « João, d'entre os Discipulos o crente,
 « Hoje, ella representa a eternidade,
 « E a cruz é de Aarão a santa vara,
 « O mordido da Serpe ao vêl-a — sára ! »

II

A Aguia de Páthmos

Era o sol mais intenso! inda o Propheta,
 Sem ter de uma palmeira a grata sombra,
 Dormia ao sol, deitado nos fragedos
 Da ilha árida e triste. Pelos áres
 Aguia altiva librando-se orgulhosa,
 Sólta um grito dorido. O ancião acorda,
 E ao vêl-a desafiando a tempestade,
 Taciturno ergue a fronte:

— Se eu pudesse
 Voar, como tu vôas, para longe,
 Deixar o meu desterro solitario ?
 Baixa em nome de Deus! sobre esta penha
 Oh vem poisar-te e conversar commigo !

O que lias visto no céu? estranha lucta
Encheu de assombro os términos do mundo!
O mar ficou como um metal candente.
De fogo e sangue luminoso traço
De subito transpoz vasto horisonte,
Egual á peste n'um soberbo imperio !
Em vão do calvo cêrro da montanha
Lancei a vista ao longe ! Aguia altaneira,
Oh conta-me o que has visto das alturas.

A Aguia, pairanando-lhe sobre a cabeça:

Suspensa na aza do tufão violento,
Vi Satan levantar-se do deserto,
Como da angustia se ergue o atroz lamento,
Ou como o tigre rábido, sedento,
Quando surge de um antro fundo, aberto.

Tinha de Seraphim a graça ao perto,
Azas brilhantes, com que o ár fendia !
Tinha a expressão maviosa da candura,
A luz suave que no olhar fulgura,
Tinha tudo — faltava-lhe a alegria !

E na altivez sublime da energia
Seu grito acorda as legiões com pasmo :
« Quero perder a liberdade um dia ! »
Ecco longo e soturno repetia
A vibração raivosa do sarcasmo.

Ao brado horrivel seu, surgem com pasmo,
Erguendo espadas flammejantes, sevas,
Promptos para servil-o em seus intentos,
Em confuso tropel surgem violentos
Aos milhões os espiritas das trevas !

Como o vendaval passa nas restevas,
Ou pampeiros no mar em duro embate,
Aparece Miguel ! Ambos se enleiam,
As cohortes angelicas gladeiam.
Como é tremenda a hora do resgate !

Mas no tumulto do final combate,
Vergado ao peso do ferrenho algema,
Do horrendo abysmo no profundo poço
Cae, como de Nabuco o aureo colosso,
Satan, vendo quebrar-se-lhe o diadema !

O Vidente, *interrompendo-a:*

E livre a humanidade! Harpas sonoras,
Acompanhae o perennal Trissagio !
Que fogo é este que na mente sinto ?
Que resplendor diaphano se espalha,
E doira o mar no extremo do horisonte ?
Muda-se a noite em dia ! Aguia indomavel,
Aos áres te remonta, vê, contempla.

(A Águia vôa até perder-sc no espaço.)

III

A Mulher forte

No fim da tarde o sol nas orlas do occidente
Franjava as nuvens de ouro; e o magestoso ambiente
Que em seu azul reflecte a côr da immensidade,
Deixava n'alma triste indizivel saudade!
Ai, quando aspira ao céo a mente que se eleva,
Se lá de cima cae, perdendo-sc na treva;

Tambem quando o proscripto olhar ultimo lança,
 Se elle deixa seu lar, esposa e esperanza:
 Findava o dia assim ! crepusculo, mysterio,
 Harmonia dispersa em côo immenso, aério !
 Cerrou-se o véo do templo ! um manto plumbeo veste
 A cúpula ideal da abobada celeste.

Lentamente do mar a lua se alevanta;
 Viu então o Apostolo um signal que espanta !
 Uma Mulher no céo, coroada de estrellas,
 Veste-a o brilho do sol! Cantae, harpas singelas.

O Vidente, *lançado-se por terra ao contem-
 pl-a :*

« Quem é esta que se ergue
 Em luz de amor envolta ?
 Altiva, como um cedro
 Que ao Libano dá sombra ?
 Nos desertos a fonte
 Não é clara e suave,
 Como o riso mavioso
 Dos purpurinos labios.
 Ave! lirio dos valles
 Do jubiloso empyreo,
 Oh pomba da Arca solta,
 Throno de amor, Maria !
 Santelmo de bonança,
 Ramo da paz divina,
 É teu ceruleo manto
 Véla que leva ao porto.
 Estrellas a corôam,
 Tem sob os pés a lua,
 Onde calca a serpente
 O pé da Mulher forte! »

E o Apostolo viu n'essa vertigem,
Que uma Estrella do céu se desprendia,
Vindo luzir na auréola da Virgem :

« Ave, lagrima de Eva ! Feliz dia
« O da culpa ! — uma voz lhe disse a mêdo —
« Eil-a a brilhar no rosto de Maria !

E n'esse instante, com mysterio, um dedo
Sobre labios angelicos impoz
Silencio ! Então ficou transido, quêdo.

Depois soûu mais doce aquella voz,
Como de harpa remota uma harmonia,
Como um atito de ave, á tarde, a sós.

Auréola divina lhe fulgia
No semblante, que infunde um temor santo,
E disse-lhe: « Sou o Anjo que te guia ! »

O resplendor beatifico era tanto
Que nem podia olhal-o; elle sorriu
Velando o rosto sob o tenue manto.

« Segue-me ! » o Anjo disse. Elle o seguiu,
Andando por vereda extensa e escura,
Lá no extremo parou; João ouviu:

« Tu lêste de Israel na Escriptura,
Por via da Mulher entrou a Morte
E o Mal contra a humana criatura ?

Hoje o espirito exalta a Mulher forte,
Rehabilita-o para a luz e eleva
Tornando o sentimento guia e norte.

O que as folhas do Avesta a lêr se atreva,
O Anjo da Lei em vulto feminino
Verá fulgindo d'entre a oriental treva !

Não ha mais bello Symbolo, e divino,
Que eguale a doce, a casta, a fiel Esposa,
Filha e Mãe, vivas notas de um só hymno.

Virgem ! ella é mais pura do que a rosa
Rescendendo no valle em soledade,
Intacta com o pó da mariposa !

Como Esposa, é a phenix da piedade;
Mãe ! em volta de si as criancitas
Sob o manto, — é visão da Humanidade !

Mas vejo-te tristezas infinitas ?
Porque sem esperança a vida insultas ?
Porque na dôr, no mal te precipitas ?

Porque é que no festim do mundo, a occultas,
Foste tocar só do veneno a taça,
E a tua consciencia não consultas ? »

Disse elle : — Foragido o justo passa
Por entre a sociedade agonisante !
O rir confunde os gritos da desgraça !

De hypocritas o riso impio, insultante
E como de um cadaver o sudario,
Que esconde ulcera feia, repugnante!

As gentes fui fallar-lhe do Calvario.
Palavras d'esse Verbo universal,
Em cada irmão achei feroz sicario.

Vi cercar-me de toda a parte o mal,
Vi odios, raivas, ambições infrenes
Corroendo o cadaver social.

Verguei á dôr, meu Deus, e nos solemnes
Instantes do magoado desalento
Rodearam-me duvidas perennes.

Solitario no exilio, o pensamento
Pela amplidão do espaço andava immerso,
Mas do *Reino de Deus* quando o Advento ?...

E quiz, que fosse o tumulo o meu berço ! —
Interrompe -o o Anjo pensativo :
« Não te falia de amor todo o universo ?

« Talvez me negues com teu gesto altivo !
« Uma idade virá... começa agora,
« Em que beije seu vinculo o captivo.

« Raiará pelo mundo eterna aurora,
« Um Eden o Millenium sobre a terra,
« Como os Anjos os homens são n'essa hora.

Da ventura o segredo todo encerra
Uma unica ideia, bella, immensa,
Sonho alegre de amor, que o Mal desterra.

Proclamo esta verdade sem detença:
O Logos, é o Verbo — o pensamento
Que apoia a consciencia em vez da crença.

O que o propheta proferiu ao vento:
« Acaba a adoração sobre a Montanha !
« De todo o templo fique o culto isento!

« Vida pura de luz a alma banha,
« Adore-se em espirito e verdade;
« Roma ou Jerusalem não intervenha !»

E meditando na futura idade
Viu João confundir-se a Espada e a Cruz,
A celeste e a mundanal Cidade!

Contemplando o Millenio que o seduz
O seu rosto banhou-se em alegria,
Sua alegria confundiu-se em luz.

E vendo em espirito o futuro dia
Em que um templo será todo este mundo,
Sentiu que o seu espirito ascendia
Preso o corpo do somno mais profundo.

Velho e triste em seu aspero desterro,
De Pathmos sobre um monte alcantilado,
Sentado no escabroso, ingreme cêrro,
João d'entre os Discipulos o amado,
 Sósinho a contemplar;
O espirito voára em Deus absorto,
Quando a Aguia desceu, achou-o morto
 Junto ás ribas do mar !

THRENOS IV

STELLA SALUTIS

I

A voz da Sibylla

Da trombeta final do Julgamento
Um longo e clangoroso som aturde,
Na vastidão que abrange o firmamento,
Extincta geração que immovel surde !
Interrompendo o somno das edades,
Das campas rompe o tumular lagedo;
 E fundas anciedades,
Vacillam entre a esperança e o medo.

Do mundo eis as leis physicas suspensas !
O cahos toma a agitação primeva,
Como sentindo em convulsões intensas
Formar-se a ordem, vir a luz da treva !

Conflagraram-se os astros sobre a altura,
 Vertiginoso embate !
 Mas das estrellas — urna só fulgura
 Como aurora longinqua do resgate.

Essa restava, solitaria, meiga,
 Diamantina, deslumbrante e bella,
 Como uma flôr em respigada veiga,
 Com doce luz, a luz serena, aquella
 De um mundo de suave claridade
 Como um olhar divino,
 Ermo phanal da negra tempestade,
 Que impõe paz ao medonho torvelino.

Brilha nas sombras, leda, immaculada,
 Expressão viva na mudez do susto!
 Em seu clarão diáphano enlevada,
 Parece o riso ultimo de um justo.
 Tudo aguarda a terrifica sentença,
 Da tuba o estridor tudo atropella;
 Na ruina atra e densa
 Só ficou esquecida a clara Estrella !

II

Genesis do Mal

Então do imo dos abysmos, veiu,
 Confrangido por contorsões da lucta,
 Satan, sinistro, rancoroso e feio,
 Atroz no olhar com que no ár perscruta!
 Mirou no espaço desolado e aberto,
 Quando o ribombo dos trovões o abala,
 E vem ate ao perto
 Do Senhor, contra quem submisso falla :

« Senhor! bem vês perdida aquella Estrella
 « Que d'entre o cahos brilha a sós na altura;
 « Nascera de uma angustia que flagella,
 « Pertence-me por ser minha feitura ! »
 Ao fitar essa Estrella no infinito,
 Resplandece mais viva,
 E lhe aclareia a fronte de precíto,
 Do aspecto do mal, sublime, o priva.

E volveu o Senhor, em si absorto,
 Como quando a um sêr a vida inflamma,
 Ou no instante em que o intimo conforto
 Dentro de uma alma na afflicção derrama:
 — Espirito increado, e sempre em guerra,
 Mas na essencia divino,
 A par do homem luctas sobre a terra,
 A cumprir um recondito destino.

Baixaste ao mundo com missão tremenda
 De manter com revolta a liberdade;
 E de rasgares a sinistra venda
 Dos olhos da cansada humanidade!
 Foste ensinar do desespero o grito
 Contra a violação do verdadeiro;
 E insufflaste uma ancia do infinito
 Desde o homem primeiro.

Tu soltaste a rasão d'esse lethargo
 Que o dogma impoz á nova intelligencia ;
 E de'ste-lhe a provar o pômo amargo
 Da negação, que é da verdade a essencia.
 Ergueste a indignação contra a mentira
 Dos que em meu nome só prégarão a morte !
 Deste o prazer do sangue ao que suspira,
 Disseste ao fraco por onde era forte.

Mas quando a tyrannia tornou triste
 O homem, quasi que a negar-lhe o siso!
 A ajudal-o com que arma então saíste ?
 Déste-lhe a força incognita do riso.
 A gargalhada franca ! ella aniquila
 Os idolos e os reis ; em terra os lança !
 O riso exprime a duvida que oscilla,
 Tambem a esperança.

A Natureza santa, augusta e pura
 Tornaram podridão de que se foge !
 Mas tu lançaste em cada criatura
 A tentação, que esses ascetas róje.
 Deu-te a lucta constante que has passado
 Uma expressão hedionda;
 Ergue-te, Seraphim immaculado,
 Mundifica-te em luminosa onda.

Seguiste o natural ! e os que venceste
 Pintaram-te malévolos e sombrios,
 Compararam a tua marcha á peste,
 O teu sinistro olhar ao pavor frio;
 Chamaram-te Astaroth e Ahrimane,
 Typhon ou Belphegór e Asmodeu,
 Busiris, Siva, quanto a mente engane;
 Levavas luz baixada do alto céo.

Foi pela compaixão, santa fraqueza,
 Que o homem se tornou do irmão escravo;
 Tal de Hercules a válida inteireza
 Vencia o fraco Eurystheu ignavo.
 A fraqueza soltou no paraiso
 Lagrima acerba do primeiro pranto;
 Mas na hora tremenda do Juizo
 Sus ! por ella do abysmo te alevanto. —

III

Fim de Satan

Fitou de novo o Astro luminoso
Satan! todo o clarão a fronte alaga;
Côa-se dentro de alma ethéreo goso,
E dos concetos na harmonia vaga
Volve, suspenso, ás legiões; brilhante
Entra os umbraes da célica morada;
E o universo prosegue eterno, ovante,
As maldições fataes volvem ao nada.

CANTO SETIMO

UNIDADE ELABORADA PELA THEOCRACIA

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO SETIMO

O culto publico coadjuvando o desenvolvimento da influencia sacerdotal, veiu esta classe a fortificar-se na hereditariedade e na casta, constituindo os governos iniciaes denominados Theocracias. O seu character altamente conservador dos habitos e invenções adquiridas, mantendo n'esse governo a confusão do poder espiritual com o temporal, leva-o ao exagero da compressão moral ate á estabilidade de uma ordem material. A sua acção na marcha das sociedades foi mal avaliada; Comte restabelece a verdadeira apreciação historica: « Nenhum tempo ulterior póde apresentar uma plenitude de vistas e de esforços comparaveis á dos antigos theocratas, conjunctamente legisladores, juizes, medicos, astrónomos, philosophos e poetas, e ao mesmo tempo pontifices.» (*Polit. posit.*, III, pag. 207). Identificando-se a Theocracia com o Monotheismo, a classe sacerdotal contrapõe-se ao cosmopolitismo militar, pela aspiração a uma religião universal e á paz. A transformação das Religiões nacionaes em universalistas foi, segundo Tiele (*Hist. des Rel. anc.*, pag, 5), a maior revolução da historia, superior ás revoluções sociaes e politicas. Tanto a Theocracia da Chaldêa, como a do Egypto e da Judeia apoiaram-se sobre a noção de uma vontade abstracta, fora do homem, e da qual o corpo sacerdotal se impoz como interprete exclusivo.

I

O Dogma da Morte

Poema em que se representa a concepção theologica do Egypto, tendo por destino social a disciplina moral fundada sobre o sentimento da immortalidade individual objectiva. A embalseação dos cadaveres, os ritos funerarios, os hypogeos e as pyramides sepulchraes são as expressões concretas da immortalidade objectiva, sentimento mesquinho em que se esgota aquella grande civilisação conservadora. Faz-se sentir o conflicto dos seus dous aspectos, *africano* e *asiatico*, tão bem notados por Edgar Quinet. « Que pôde ser a civilisação do Egypto senão um mixto do genio da Africa e da Asia, um isthmo lançado no mundo civil entre dous continentes ? » (*Gen. des Rei.*, pag. 264). O poema funda-se sobre a ideia synthetica formulada por Comte: « A Religião da Humanidade transforma definitivamente a acção chimerica e grosseira da immortalidade objectiva, da qual toda a efficacidade provisoria se acha esgotada, no dogma definitivo, tão nobre, quanto real, da immortalidade subjectiva propria de toda a digna natureza humana. » (*Polit posit*, III, pag. 363).

II

O pesadelo dos Tumulos

É o Egypto hieratico das épocas de decadencia, em que a concepção da Morte se torna uma obsessão supersticiosa, um sonho terrivel que leva o povo ás praticas da Magia, e as classes cultas á febre das especulações mysticas e aos ritos theurgicos. A lamentação da sacerdotisa de Memphis, Ta-Imhotep, levada prematuramente dos braços de seu irmão e esposo, em que descreve o terror da morte e se revolta contra as trevas e somno surdo do Amenti, representa de um modo nitido esta phase moral de uma época do Egypto decadente, em que o instincto popular reage contra a compressão exercida pelo temor da outra vida.

III

A execração de Samuel

Na lucta entre a Theocracia, avançando para o Monotheismo, e o poder monarchico militar, prevalece o elemento guerreiro, que pela actividade defensiva e productora desenvolve a cooperação collectiva. Esta lucta manifesta-se no periodo mais intenso da historia de Israel, quando Samuel abdica do poder theocratico ungindo o rei que o povo lhe pede, mas ao mesmo tempo vaticina os vicios do poder temporal que vae iniciar-se.

IV

A sombra do Profeta

Concedida a liberdade por Cyro aos Judeus, á custa d'esta sublime tolerancia elles reconstituem a sua hierarchia sacerdotal imitando as formas do Magismo persa e introduzindo na sua religião o ensino secreto (*Disciplina arcani*), que por esta via passou da Persia para o Christianismo. N'este primeiro passo para a Religião universalista do Occidente, a raça semita, como emocional, toma a Dôr como uma revelação da existencia (poemeta de *Samyaza*) até á intervenção do sacrificio de um Deus, na lenda messianica, theologicamente systematisada pelos Jehovistas, que procuram firmar a revivescencia da nacionalidade judaica no Monotheismo.

V

Sémidam e Cidlia

Quadro das ideias messianicas na sua elaboração interna, preparando o advento do Christianismo no Occidente. N'esta pastoral ou idyllio ha o conflicto d'essa aspiração contra o Monotheismo puro e nacionalista, contrapondo-lhe a immortalidade subjectiva do *Reino de Deus* ou da esperança no *Millenium*, dando ao culto a exaltação orgiastica pelos actos da dôr, da expiação e do sacrificio, idealizando a morte como o começo da verdadeira vida, tal como veiu a generalisar-se na Edade-média sob a plena ponderancia da theocracia catholica.

I

O DOGMA DA MORTE

(POEMA)

Terra de Kem! escura,
Repleta das selvagens energias
Que de ti fazem um fecundo seio,
Onde em primévos dias
Das plantas e animaes a estructura
Elaboraste em delirante enleio.

Terra de Mizraím! Paiz do meio
Dos areaes, sereno!
Immenso Oásis, delicioso, aberto
Ás raças do deserto,
Deslumbradas ao sensual aceno.

Tens as bafagens quentes
Da Africa adusta; o ardor e o veneno
Das commoções organicas vehementes,
Quaes, na calma, do fertil Nilo enchentes.

Vem-te da Ásia as torrentes
De luz, o gosto de quanto ha abstracto,
Do Symbolo o sentido ideal, intacto!

Oh venerando Egypto,
Intermedio, onde actuaem confundidos
O genio de um e outro continente ;
A expressão dos Fetiches esquecidos
Tens no Apis bemdito,
Consagração da negra tribu crente.

Refulge no Oriente
De Phtah a luz criadora, e o mysterio
Com que a classe sacerdotal, dispersos
Funde os nomos adversos
N'um portentoso Imperio.

O character da dualidade tua
Lê-se no vulto colossal e serio
Da Sphinge impenetravel, que accentua
No corpo de Leão da Lybia crua,
A humana frente nua
Fitando o Sol, eterno resurgindo,
Absorta a olhar o horizonte infindo.

A tal dualidade, Egypto, debes
Uma grandeza, que inda causa espanto
 Através das edades !
A natureza com materno manto,
 As auras meigas, leves,
As vivificadoras claridades,

 Contra as actividades
Da destruição dão-te o escudo forte !
Mas no goso da vida intenso, triste
 O contraste sentiste
No problema terrífico da Morte.

Deu-te um silencio que a alegria empana,
 Mudo ante o lethal córte !
 Como a esperança engana
A ingenua, latente alma africana !
Julgando ter vencido a morte, ufana,
Que d'este alento psychico nos priva,
Pela immortalidade ora objectiva !

Tu erguestes as Pyramides enormes,
De tumulos cobriste o éden vasto,
Com as inscripções mudas, eloquentes,
 N'um marmore não gasto,
 Onde tranquillo dormes,
Como n'um porto a não sobre as correntes.

Foste pedir ás plantas rescendentes
De mais acre perfume
A balsamica essencia subtil, nova,
Para inverter a podridão da cova
Em leito brando de um querido nume.

Do Nilo as cheias seguem-se á estiagem,
E os risos ao queixume !
O rio tornou-se a incarnação, a imagem
Do curso da existencia ante a voragem.

Ora em revolta e em placida passagem,
O Nilo fixa o rito
Da concordia civil do antigo Egypto;
E inda hoje em seu diluvio
Faz sentir da poesia o santo effluvio.

CANTO I

Cobre a desolação o vasto Imperio
Do Egypto; uma implacavel estiagem
Do Nilo exhaure a arteria fecundante.
É a morte de Osiris, que se chora
De cidade em cidade; e o pranto acerbo
Da esposa desolada, Isis piedosa,
E a expressão do soffrimento intenso
De uma terra sedenta e abrazada
Que as calmas fendem, e o uragão espalha.

Os Deuses tambem morrem ! Athys, Mithra
Thammuz, Zagreus, Adonis, como Osiris ;
Mas renascem esplendidos, ethereos !
Do oceano celeste o Nilo nasce,
Tem dos Deuses o genio mysterioso;

Sepultado nos areaes ardentes,
 Elle revive immenso, altivo e bello
 Saciando as planuras resequidas,
 Dando á vida o alento quasi extincto.

Qu e maldição por sobre o Egypto paira
 Não attingiu a suspirada enchente
 A necessaria altura; os prados verdes
 Já não têm viço; os animaes á sêde
 Morrem, as febres pestilentes ardem,
 E o paiz de Mizraím devastam
 Peor que as tribus beduínas juntas.

A classe dos Kher-hib, os sacerdotes,
 Medicos e cantores, que conhecem
 O magico poder dos velhos Hymnos
 Contra as doenças, contra a falta de aguas,
 E contra os temerosos latrocinios,
 Reunem-se em conselho; entre si votam
 Perante Amenehmât, monarcha excelso,
 Expôr a causa da calamidade,
 Reclamar o esquecido sacrificio:

« Quando no Egypto dominava outr'ora
 O elemento puro, hoje chamado
 A vil raça de Kusch, eram mantidas
 As tradições do povo religiosas
 Por toda a parte o Nilo defendia
 Os germens da abundancia... sempre o Nilo
 Por nós era annualmente propiciado,
 De uma Donzella pelo sacrificio.
 O rio córta os paramos areientos
 De um deserto, como o tedio, infindo,
 E fez do Egypto o delicioso Oásis,
 Berço tranquillo da cultura humana
 Deve-lhe o homem tudo, sangue e vida.

Mas, quando as raças brancas penetraram
Pelos nomos do norte, reunidas
Pelo culto do astro que as guiava,
Adoraram a luz, a luz criadora,
A Phtah, que fez de Kem o templo immenso,
E esse deus que personifica o Nilo,
Sebak, jaz sepulto no desprezo
Dos abstractos e argutos hierophantes !
O sacrificio augusto da Donzella
Por um ramo de acacia é substituído,
Lançado na corrente! É esta a causa
Do flagello terrível da estiagem.
Força é voltar ao elemento puro,
Restaurar de Sebak o culto antigo
Originario da Ethiopia, agora
Redivivo nas principaes cidades
De Ombros, Keptor, Arsinoe e Athribis
Pelos fervores que o flagello excita.
Oh Pharaó excelso ! é necessario
Para do Nilo virem as enchentes,
E ser o morto Egypto outra vez fertil,
De uma Donzella o puro sacrificio,
Na corrente precipitada. Bradam
Proferindo este voto as tristes gentes ! »

O Pharaó Amenehmât suspenso
Ante a revelação tremenda fica ;
Depois volve ao ancião dos sacerdotes:

— Quanto proprio é de tribus inferiores
Um sacrificio humano! infanda crueza,
Lançar uma Donzella na corrente,
Manchar o sacro rio com tal crime !

O chefe dos Kher-hib então replíca,
Na firmeza da crença que sustenta:

« É uma expiação inilluível !
 As passadas gloriosas Dynastias
 Apagaram a verdadeira origem
 Africana do Egypto ! abandonaram
 A adoração da Agua, que suavisa,
 Fonte da vida, emanação celeste,
 Para darem ao Sol pomposo culto.
 O Sol nos cresta com intensidade!
 Restaure-se do Nilo o culto santo;
 A Donzella de Mizraím mais pura
 Seja a Sebak em sacrifício dada.
 Essa Donzella, oh rei, é tua filha!
 A formosa Semneh . . . »

Empallidece

O Pharaó ouvindo esta sentença,
 Que o fanatismo e a estupidez impõem!
 Era a bella Semneh a unica filha
 Que lhe restava no seu lar, contava
 A seu lado assental-a sobre o throno,
 Como uma das rainhas deslumbrantes
 Mais lucidas do Egypto ! Semneh tinha
 Dezaseis annos só ! Incomparavel
 Na graça e magestade do semblante,
 Na meiguice das falias soberanas,
 Na rectidão de espirito suprema.
 Era um assombro !

O Pharaó, calado,

Ficou irresoluto entre a ameaça
 Por popular credulidade imposta.

De Amehmât os nobres se acercaram
 Offerecendo as filhas, satisfeitos
 Por salvarem Semneh do sacrifício !
 Impossivel ! No Pharaó cahia
 Da expiação tremenda a negra sorte.

Os seus antepassados se esqueceram
Do culto de Sebak, o Deus do Nilo,
Da abundancia e da fertilidade;
Sob a estiagem, faminto o povo geme !

Recolheu-se o monarcha pensativo
Nos recéssos do esplendido aposento,
Sem coragem para entregar a filha
Ao desusado e bruto sacrificio !
Dos Kher-hib o Collegio se retira,
A determinação real aguarda ;
E na desolação da fome e sêde,
Por toda a parte o povo ergue lamentos
Que da peste espantosa o horror agrava.

CANTO II

Lentos os dias tristes decorriam;
E Semneh perguntava com ternura
Pondo no hombro do pae meiga a cabeça.,
Que intimo cuidado o afligia ?
Revelar-lhe o monarcha não se atreve
A imposição sacerdotal ! Ao parque
De magnolias e myrtos rescendentes
Com a filha desce para distrahil-a;
Entram na barca de ouro sobre o lago,
Como a bári de Rá no oceano ethereo.
Cantam as aves entre as verdes ramas,
O fundo azul do espaço a luz trasborda.
Semneh é como a Aurora. O sol a busca,
Um raio toca-lhe a cabeça loura. . .
Flór mimosa, que as calmas emmurhecem,
A tenue compleição devora a febre,
Dia a dia declina. Mais que a morte
É o quadro terrivel de cada hora :

Vêr apagar-se a rara formosura,
 Na lucidez do espirito, confiando
 No porvir, no espectáculo da vida!
 — Não morro d'isto ? — ingenua perguntava;
 O rei lançava os olhos para longe
 Para esconder as lagrimas pungentes.
 Debatendo-se entre as febrís visagens,
 Solevantado o corpo, pouco a pouco
 Foi-se tornando o rosto alvo e sereno,
 Tudo acabou por um sorriso amargo !

De Amenelimât que dôr, incomparavel;
 Parecia que a maldição cahira
 Sobre elle, e a geração sua se extingue.
 Lucta o Pharaó contra a lei dura,
 A lei da morte, e quer tornar eterno
 O nome de Semneh! Imperecível
 Fixar essa belleza nunca vista;
 Mas dar-lhe a luz moral, como ?

Acudiram

Os habeis esculptores, phantasiaram
 Estatua colossal, que resistira
 Aos seculos sem conta, patenteando
 N'um traço audaz a singular belleza !

— Nunca a vistes ! o escôpro não desvenda
 O ár, a luz, a graça — certa ideia —
 Que as memorias dispersas vivifica
 Typo ideal, na existencia subjectiva.

Vêm os Poetas:

« Nós, hymnos sentidos
 Comporemos, que irão de edade em edade,
 O nome de Semneh do olvido arrancam.»
 Um d'elles toma o cinnor melodioso,
 Pulsa cantando; o Pharaó escuta:

« O passarinho implume
Do ninho seu cahiu,
Transido pelo frio,
Saltita repellido
Por entre o matagal;
Da noite no negrume
Achou ramo pendido
Onde pousar tremente,
Pedindo ao sol nascente
Dôce calor vital.

Da voragem na beira
Que elle assustado encara,
Haste fragil topára,
Onde se pouosa a medo,
E que o sustenta mal:
Em ancia derradeira,
Nem mesmo ahi se atreve
A sacudir a neve
Das azas, hirto e quedo
No ardor do temporal.

Sem que sustel-o possa
O ramo baiancêa,
Com elle a ave baquêa,
No insondado abysmo
Ambos lá cáem. . .

Tal

Como a torrente engrossa,
A onda dos revezes
Cae sobre nós ás vezes,
E n'este paroxismo
Do prolongado mal,

Ah, como a debil ave
 Vae com o ramo em que pouosa,
 Por mais esforço, o que ousa,
 As mãos ao vacuo lança
 N'uma angustia final !
 Então o alento suave
 Da vida se conserva,
 Se, como o ramo de herva,
 Estende-lhe a Esperança
 A fimbria do cendal.

Esperança! tu dizes:
 — Vencido, eleva a fronte;
 Ao azul do horisonte
 Sorrindo os olhos lança,
 O bem supplanta o mal! —
 Felizes, bem felizes
 Os que tombam no sólo,
 Tendo ainda o consolo
 Da ultima esperança
 N'um fugitivo ideal ».

— Tudo isso é pouco, e debilmente exprime
 Esta estrangulação, o soffrimento
 Da perda de Semneh, d'aquella filha !

No cinnor plangitivo o rei dedilha.

Cataclysmo

(18 de março)

O sol ergueu-se bello;
 A luz vivificante
 Doura os nevados pincaros dos montes:
 Vae liquescendo o gelo,
 Um azul rutilante
 Enche a infinda amplidão dos horisontes.

Em festival concerto
Chilram as aves, funda
É a emoção dos matinaes amores!
Todo esse espaço aberto
O sol de luz o inunda,
Fundindo o prisma das iriadas cores.

Quando tanta alegria,
Doce acordar de um sonho,
Mas de um sonho feliz se torna um hymno,
Mal despontava o dia,
Subito, um véo medonho
Encobre o alvor sereno e matutino !

A terra, de alto a baixo
Enche opaca neblina,
Ficando tudo em tetrica penumbra !
Como apagado facho,
O sol, baço, declina,
Treva palpavel o universo obumbra !

Vi este paroxismo !
Vi, no horror estupendo,
Rolar o sol para os golfões do nada !
A terra ir-se fendendo...
E após o cataclysmo
Para quê, oh minha alma, eras guardada ?

Vi, revoltas as chaves
Do abysmo, — os arcanos
Do futuro tornados cahos bruto,
Quando aos dezaseis annos,
Quando os seus olhos suaves
Se me fecharam n'um eterno luto.

Deram-se os Poetas todos por vencidos.
 Os Architectos chegam; trazem planos
 De assombrosas Pyramides, mostrando
 Os hypogeos lavrados, com relevos
 Das paizagens mais bellas que encantaram
 Os olhos de Semneh na doce infancia.

O Pharaó na dôr que o punge, sente
 Quanto incompleta é a immortalidade
 Objectiva para esse amor immenso
 Da casta imagem que a saudade anima !
 Ninguem sabe inventar o ideal contorno
 Para perpetuar as formas bellas
 Do perecível corpo ! ainda menos,
 Á graça intelligente e deslumbrante,
 Á existencia moral fixar o traço
 Que sympathico e eternamente vibra.

CANTO III

Que poder tem a Morte! Sombra vaga
 Attenua os contornos inflexiveis
 Do character humano ; dá relevo
 As expressões moraes, ignotas, bellas.
 A morte é um cysol que o sêr apura,
 Que santifica a dôr, as paixões doma
 Impondo pela paz a piedade !

Na solidão Amenehmât sentia
 A orphandade infinda em que cahira,
 Quando em Thebas, Hierapolis e Memphis,
 Nos Collegios sacerdotaes resôa
 Nova terrível, má : Que se propaga
 O decahido culto fetichista
 Ee Sebak — do crocodilo informe,
 Personificação rude do Nilo !

Do Pharaó recorrem á presença
Para increpal-o, caso se deixasse
Dominar por abjectos curandeiros,
Os magicos Kher-hib, que pretendem
Restituir ao Nilo o velho culto
Na figura do informe crocodilo.

Absorvido na dôr, a tudo alheio
Só se achava o monarcha; a soledade
Dá-lhe á emoção o máximo relevo.
Nunca viveu tão íntimo e de perto
Em communhão moral com a doce filha,
Como desde aquella hora dolorosa
Em que lhe ficou n'alma impressa a imagem.
Representação pura e subjectiva,
Que o acompanha em todos os instantes !

Os Sacerdotes chegam perante elle;
Surprehendem-lhe as lagrimas humanas,
Contradizendo a situação divina
Que a soberania pessoal destaca.
O primeiro Hierophante austero falla :

— Tantas calamidades prolongadas,
Que do Egypto os povos acabrunham
Pela estiagem do sagrado Nilo,
Certo forçaram-te a buscar remedio
Para acudir ao teu Imperio ingente !
Deste ouvidos aos vis ensalmadores,
Os Kher-hib, os ignobeis curandeiros.
A herdada veneração faltaste
Dos antigos Hor-shésu, patriarchas
De quem descendem os que o Sol adoram,
Nas manifestações ethereas, puras.

O Sol feriu-te, ao extinguir a vida
De Semneh, tua filha, pelo incendio
Da mysteriosa febre consumptiva ! —

Alevantou-se o rei de sobresalto,
Como abalado pelo cruento agouro ;
Torna a ficar immovel, abatido
Da angustia incomportavel sob o peso
Em que vivia taciturno e oppresso !

O Hierophante proseguia firme :

— Quer o Nilo trasborde a enchente fertil
Que de felicidade inunda o Egypto ;
Quer a estiagem a miseria alastre,
A tristeza, a doença, o desalento,
É sempre o Sol e a Lua, que adoramos
Sob o nome de Osiris, e da Esposa
Isis compadecida, que dominam
E regulam do Nilo as grandes cheias !
Nos recéssos dos Templos lá se guardam
Annaes de milhões de annos, onde em séries
Estão do Nilo as cheias apontadas.
Nos Discos zodiacaes figuram Signos
Em que o Sol e a Lua determinam
Com previsão segura as ferteis aguas.
Ao Sol, á Lua adoração se deve !
Nós a vida civil organisámos
Pelo curso immutavel d'esses astros.
Não comprehende o Povo um tal mysterio
Em que a Terra e os Céos se identificam,
E em que o homem reproduz na Terra
Na Cidade quadrada a ordem celeste.
Para trazer o povo ao alto culto,
O Sol, a luz criadora se converte
Em Osiris, em lucta com as trevas,

Typhon medonho ! No esplendor da idade,
No solstício do outono succumbindo,
É quando a Natureza perde as galas,
E cobre a Terra uma tristeza immensa.
No solstício primaveral renasce !
Chora a morte de Osiris, a entrada
No sepulchro obumbrado o povo crente;
Com a resurreição se rejubila !
Fizemos com que os Reis antigos, fortes
As eternas Pyramides erguessem,
Os moimentos a Osiris consagrados !
As quatro faces olham immutaveis
Aos quatro pontos cardeaes do mundo ;
Cada qual d'ellas mysterioso fórma
Triangulo equilatero... Aparece
O Sol, nos equinócios, esplendente
Estavel por momentos, coincidindo
No ápice da altissima Pyramide
Conforme a latitude ! Quadro augusto,
Consagração das leis do Universo !
Vêr o disco do Sol pelo meio dia
Por um instante immovel destacar-se
No inacessivel vértice ! Calado
Prolonga o povo o olhar pavidó, attento,
Pelo plano inclinado contemplando
Na face boreal baixando Osiris
Ao tumulo, ou ás sombras do inverno,
Ou então já glorioso resurgindo !
O estupendo phenomeno repete-se
Na ascensão de Isis, a piedosa Esposa:
Aparece da Lua, á meia noite
Nos plenilunios do equinocio, o disco
No vértice do triangulo incidindo
Da Pyramide a Isis consagrada !
As Leis da Natureza o povo ignora,
Não as entende; as emoções prefere,

Chora com Isis, fêrvido a acompanha
Quando procura o Esposo assassinado.
Ha no fundo das cousas differentes
Intimas relações que unificam
O mundo physico e moral entre ambos :
O Bem e o Mal, o nascimento e a morte,
São a antithese eterna, inexplicavel,
Contradicção que mostra a Natureza
Entre a Luz e as Trevas, entrevista
Nas tradições sacerdotaes do Oriente,
Que aos accidentes do rio Nilo unimos. —

Mudo, assombrado, o Pharaó estava
Ante a revelação do Hierophante ;
Quanto uma ideia fixa o atormenta !
Do poder soberano a inanidade
Em prolongar-lhe de Semneh a vida !
Depois responde altivo ao Sacerdote:

« Por fórma alguma, restaurado o culto
De Sebak, eu jámais consentiria
No sacrificio horrendo de uma virgem !
Da Dynastia a que pertenço, a Historia
Fixará o character de bondade;
E os monumentos que ella erguer, por certo
Nunca serão com sangue argamassados,
Como outr'ora, por todo o vasto Imperio,
Eram milhões de obreiros subtrahidos
Para sempre ás miserrimas famílias.
Nenhum poder ethereo quiz ouvir-me
Para salvar a vida a minha filha !
Dizei, vós, pois sabeis tantos mysterios,
Como sem ficções frivolas, sem ritos
Vazios de sentido, imperecivel
Poderei de Semneh tornar o nome ? »

Entreolharam-se os Sacerdotes tibios;
Hesitantes ao Pharaó respondem:

— Instituindo um sumptuoso culto
Perenne! E Semneh seja a divindade.
Levada em barca de ouro, para vê-la
Ajoelharão as multidões constrictas
A adoral-a na esplendida belleza,
Com prantos sobre a morte prematura. . .

Incomprehendido, o rei os interrompe :

« Dos vossos Dogmas todos vejo a base;
Pelo terror da Morte e esquecimento
Vós subjugaes as multidões inquietas
Representando o engano de outra vida !
A dôr, que me arrojou á realidade,
Que aspectos da existencia me revela !
Já que eu perdi a incomparavel filha,
A saudade ardentissima me ensina
Da existencia moral a achar a fórmula
Bella e eterna, unida para sempre
A riqueza do Egypto firme, estavel!
Não são grandes Pyramides erectas
Guardando o corpo de Semneh graciosa;
Nenhum dos elegiacos Poemas
Será gravado nos umbraes marmoreos
Dos memphitas, nem dos thebanos templos,
Levando o nome ás gerações vindouras !
No valle immenso do Fayum, fechada
Por muralha cyclopica a garganta,
Será por mim um vasto lago aberto ;
Das enchentes do Nilo a mole de aguas
Quando excessiva, em impetos devasta
As planicies e veigas sorridentes,
Por canaes para o lago se desvie,
Supprindo, após, as quadras de estiagem ! »

O pensamento audaz e generoso
Nenhum d'entre os presentes o comprehende.
O Pharaó mandou chamar obreiros
Por todo o Imperio! Os planos se desenhã ;
Principiam-se em festa os desaterros,
Os supportes enormes se alevantam,
Para o Nilo os canaes abertos rompem.
Foi rapido o trabalho, alegre e santo!
Do Nilo as cheias desejudas voltam;
Trasborda no Fayum o excesso de agua.
Uma alegria louca ! riso e festa,
E desde esse momento em diante o Egypto
Não mais soffre accidentes da estiagem!

Sobre as bordas do Lago surprehendente
Mandou erguer o Pharaó um templo,
O Labyrintho ! Ali zodiacal Disco
O curso annual do Sol representava;
Em ampla sala, as Mumias se reuniram
Dos animaes aos Nomos consagrados.
O espirito asiatico e africano,
Que se contrabalançam no Egypto,
Profundo Amenehmât os concilia !

Erguem-se em meio do gigante Lago
Duas altas Pyramides, formadas
De tijolo. Antes mesmo que ao hypogeo
Se trasladasse de Semneh o corpo,
E o pae se repousasse junto d'ella,
A multidão agradecida em hymnos
Na memoria sympathica os consagra
Pela immortalidade subjectiva !

As edades remotas se afundaram
Sob o peso de seculos sem conto ;
As Pyramides foram esquecidas,

Por invasões os Templos arrasados,
 Os Dogmas desenvolvem-se no absurdo,
 Os Symbolos hieraticos são mudos;
 Mas a obra do Moeris, como humana,
 Subsiste, e ainda ás gerações proclama:
 — Quem para os outros vive, além da morte
 Viverá na sympathica memoria!
 Esta é do espirito a existencia pura.

CANTO IV

Realisada a portentosa empreza
 Da abertura do Lago, prompto ordena
 Amenehmât, que nas pomposas salas
 Do vasto Labyrintho se congreguem
 Os Sacerdotes, os Agricultores,
 Os Guerreiros e os Comerciantes.
 Como assembleia da nação inteira,
 Juntos, o Pharaó lhes annuncia,
 Que desde essa hora cuidadosos sempre
 De Mizraím sobre o interesse velem!
 Da absoluta soberania, agora,
 O Pharaó despoja-se, contente
 Por ter creado um mar, a obra estupenda
 De Pi-om, que o Egypto fertilisa,
 Sem ter custado lagrimas, nem sangue
 Como as altas Pyramides de Cheops.
 Não faltarão as aguas mais do Nilo;
 Terminada a estiagem, opulenta
 De Kem a rica terra se reveste
 De uma verdura alegre e vicejante.
 Já para todos a felicidade,
 O jubilo, renascem; mas...

Sómente

Amenehmât sentia mais o golpe
 Da perda de Semneh, a ideal criança.

Minava-lhe tristeza inconsolavel
 A existencia! Ah, foram dar com elle
 Encostado ao sarcophago da filha,
 Morto na Sala dos Antepassados.

Um grito de pesar percorre o Egypto;
 Pranto unanime e verdadeiro corre
 Acompanhando o funeral grandioso
 De Amenehmât ! Consagração de gloria.
 O conselho sacerdotal de Thebas
 No mirifico templo se congrega;
 Solicito procede ao julgamento
 Da memoria do inclyto monarcha,
 Da severa sentença dependente,
 Que lá no Mundo ínfero e divino
 No Cher-nuter augusto o incorpora !

Como as almas julgadas no Amenti,
 N'esse incognito mundo além da campa,
 De Amenehmât o Sacerdote falia:

— Não sei se no Aalu, paiz de encanto
 E de eterna ventura deve, acaso,
 Entrar Amenehmât? Quiz o monarcha
 Dar ás crenças do povo alento, contra
 Os Dogmas mysteriosos que guardamos,
 Antepondo o sagrado Crocodilo,
 Sebak, o deus oriundo da Ethiopia,
 Personificação da noite escura,
 Contra Phtah, a luz viva e fecundante,
 Contra as Sete manifestações puras:
Râ, o Sol ! *Tum*, o Sol sobre o oceano,
Osiris, Sol nas sombras do occidente,
Schu, o brilho! e a luz criadora *Kheper*,
Horus, o filho, o guia da não de ouro,
Harmarhu, na extensão do curso diurno !

Deu realce ao character africano
 Persistente no povo, amesquinhando
 Essa indole asiatica e abstracta
 Que na cultura esplendida do Egypto
 Distingue as altas classes dirigentes ! —

Dos Sacerdotes o mais novo falla;
 A memoria de Amenehmât defende :

— « A Amenehmât dirige o braço, o mando
 A preocupação de um nome eterno !
 Fez-lhe sentir o tetrico problema
 Da lucta contra a lei bruta da morte,
 A perda de Semneh, a doce filha
 Que no throno assentava a par comsigo !
 Elle quiz dar-lhe a immortalidade
 Palpavel, objectiva, — illusão breve,
 Concepção infantil do genio de Africa.
 N'uma terra coberta de sepulchros,
 Pyramides, hypogeos e pylones,
 Inscriptões, obeliscos, templos, tudo
 Vasio de sentido, está sujeito
 A material, vulgar caducidade !
 Tentou Amenehmât vencer a morte,
 Na eterna magoa o sentimento o inspira,
 Triumphá ! Vêde o altivo monumento:
 Fez o bem do Egypto dando-lhe agua,
 Agua, que é a alma do africano solo.
 O Moeris vale mais, é mais sublime
 Que todas as Pyramides reunidas !
 Ha de viver o grande rei, sereno,
 Aureolado na vida subjectiva
 Da Humanidade, que perenne existe,
 Porque usou do poder e da riqueza
 Não nas consagrações de um esqueleto,
 Mas realisando o Bem, no intuito humano,

Em que a razão ou a verdade sempre
Pela acção se harmonisa com a justiça.
Quanto é mesquinha essa immortalidade
Simplesmente objectiva, egoísta, muda !
Perdem as Mumias com o tempo o nome;
Do Canon real os seculos apagam
As séries de orgulhosas Dynastias !
As marmoreas e colossaes columnas
Tombam inertes; do deserto ambiente
As vagabundas tribus ameaçam
A Civilisação do Egypto, audazes !
Ha de viver Amenehmât, constante
Pela immortalidade subjectiva,
Que as gerações sympathicas conferem
Ao que seus actos funda no altruismo.
O genio de Asia Amenehmât comprehende,
Dando relevo ao humano sentimento. » —

Ali, revela o joven Sacerdote
N'aquelle instante, como nas consciencias
Transmutação organica se opéra
Dando ao Dogma da Morte aspecto novo.
Desde essa hora achou a Moral humana
Outra orientação ! O Bem descobre,
O estímulo suave das vontades,
Na aspiração ideal, fecunda e pura
De uma Immortalidade presentida
Na maior dôr, a dôr inconsolavel,
No mais desinteressado dos amores.

II

O PESADELO DOS TUMULOS

Como bafagens de soidões remotas
Levam os eccos de ignorada queixa,
Vem a Poesia recompõr as notas
Que o Egypto immovel no Amenti fecha.

Ao penetrar da Morte o dogma escuro,
Revelado na frente das Sphinges,
Da cidade lethal transpõe o muro,
Alevantando as funebres estringes.

Assim se vivifica a estrophe immensa
Da dôr que foi, surprehendendo o grito
Contra o que ha de aterrador no mytho,
E de absoluto na final sentença.

Assim o vento do passado pulsa
Da harpa animada na dorida fibra;
Como volteia no ár a folha avulsa,
Inerte Mumia esta linguagem vibra :

Monologo da Mumia

« Em náó que singra em mares não sabidos
Vae o gusano carcomendo as pranchas,
Abrindo um leito, e logo a sepultura;
Assim á vida fomos impellidos;
Construindo Pyramides sempre anchas
Gastámos nosso sêr cavando a lura.

Alargando os subterreos pavimentos
Aonde iriam gerações inteiras
Esconder-se no somno interminavel,
Fizeram-nos sentir que estes momentos
Da vida eram chimeras vãs, fagueiras,
E que era só verdade o que era estavel.

Fizeram-nos pensar sempre na Morte,
Ter volupia na immobilidade,
E fazer do sepulchro um sonho, um gôso !
Á luz da frouxa alampada, eu, forte,
Consummi-me como ella, na anciedade
De obter um leito de eternal repouso.

Esculpindo na pedra que não sente,
Immerso em trevas trabalhei constante,
Era o hypogeo baixel, eu o gusano :
O tempo corre rapido, e adiante
Se chego a conhecer que o Dogma mente,
Quem dá reparação ao torpe engano ?

Nunca o sol enxugou os nossos prantos
 Que abrandavam a pedra onde ficava
 O ignoto geroglyphico gravado.

Os Padres nos domavam com seus cantos,
 Submettendo ao trabalho a raça ignava,
 Na dôce aspiração de ser finado.

Quantos mil annos dispendeu o Egypto
 N'esse lavor das sepulturas baixas,
 Sem ninguem discutir da Morte o mytho !

Queríamos que a esposa bella e nova
 Fosse envolvida pelas mesmas faixas,
 Merecendo ambos uma mesma cova !

Nós pagámos com sangue o frio asylo,
 Como casta servil, e obedecêmos
 A todos os caprichos dos tyrannos;

Esperando alcançar por graça aquillo
 Que a natureza impõe, ledos morremos
 Crentes n'esses anímicos enganos !

Ah.' quanto melhor fôra o não ter alma,
 E ser como a palmeira quando cresce
 Que a luz procura e alarga-se no espaço !
 Ser como a areia que revolve o vento,
 Ser como a onda que se espraia insana,
 Ser tudo, menos homem, cuja vida
 Outro homem tem poder de ennegrecel-a !
 Ignorancia, fadigas e terrores
 Tiveram só por balsamo o sepulchro,
 Que gélido me abafa este protesto !
 Mirrada Mumia, eu, victima de um rito,
 Ai, ha já tres mil annos que estou fóra
 Da evolução activa da materia.
 Antes fôra levado na corrente
 Em barca sepulchral por sobre o Nilo,

Dormindo o somno dos que não têm medo,
Perdido pelos mares sem limites,
Até ser confundido no elemento
Rudimentar da vida do universo !

Oh, que não ha mais nada alem da morte !
Pois se houvesse, por que motivo a Mumia
Permanecera hirta, surda e inerte ?
Alimentam-se as arvores sombrias,
Que ao fellah extenuado dão alento;
Eu lhe daria sombra, aroma brando,
E lhe embalára o somno do cansaço.
Seria como a acacia que tem alma,
Pois sente o que se passa no deserto
E escuta as tradições dos que soffreram;
Como da Phrygia a alegre amendoeira
E o pinheiro da Syria, arvores santas
Que dão consolação, abrigo e acolhem
Os que chegam exhaustos, — tal eu fôra
Se me envolvesse o turbilhão da vida !
Fiquei, resto de um Dogma, como a concha
De época extincta, cuja vida ignota
Inda se accusa na expressão da inercia.
Mas quanto mais actua a gotta de agua,
Leve gotta de orvalho derramada
Na folha da palmeira, pela calma
Do clima tropical ! eis, cae na relva
E se infiltra a buscar a solta veia
De algum regato da floresta antiga;
D'ali se eleva em vaporosa nevoa,
E o vento a leva para além dos montes
Envolta em alvo floco. O sol brilhante
Restitue-lhe a apparencia crystalina ;
Mas longe, longe a congelada brisa
Rouba-lhe a transparencia, dá-lhe a fôrma
Do prisma ideal, de aspecto caprichoso;

Quasi fóra da natureza, espera
Seculos longos para vir \im dia
Atirar-se ás oceanicas correntes,
Misturar-se nas esplendentes vagas,
Recomeçar o curso interminavel,
Como em uma transmigração contínua.

Oh, como a vida do homem se resume
N'uma gotta de orvalho ! Eu, Mumia inerte,
Secca, mirrada, gélida e sem nome,
Fiquei fóra do cyclo da existencia,
Muda como os sacerdoíaes mysterios,
Immovel mais que a rigidez dos Dogmas. . . »

Como o rumor do vento em folha avulsa
A Mumia a sós esta linguagem vibra;
De extinctas gerações a queixa pulsa
Da harpa animada na dorida fibra.

III

A EXECRAÇÃO DE SAMUEL

Era a véspera da hórrida batalha ;
Sobre as encostas de Gelboé se estendem
Os Philisteus, vencidos tantas vezes
Por Saul, que Israel salva e liberta
Tornando-o entre as nações um povo forte.
Como, após as derrotas mais sangrentas,
Os Philisteus se atrevem destemidos
A affrontar de Saul agora a espada ?
Sabem elles que o rei não tem apoio,
Dos Collegios sacerdotaes de Silo,
De Nob, e que um partido audaz conspira
Para a coroa lhe arrancar, e o sceptro
Dar a David, o esbelto aventureiro
Casado com Mikal, de Saul filha.
D'ahi a audácia das frementes tribus!

Era a vespera da horrida batalha;
Quer Saul garantir sua bravura
Das tribus de Israel na confiança;
Vae pedir ao Sacerdotal Collegio
De Iahveh o Oraculo tremendo !
Mas fecharam-lhe a porta do santuario
Os Sacerdotes, — nada responderam!
Saul, sente-se só e abandonado,
Sem a força que as multidões impelle
Pela credulidade; e em desespero
Ante o perigo que a cada hora avança,
Para Endor caminhou triste e sósinho,
Para Endor, onde habita a velha bruxa
Que tem poder de evocação dos mortos !

« Faze surgir das sombras do sepulchro
A Samuel, o Grande-Sacerdote
Que me fez rei, a quem obedecia
Com a sinceridade da minha alma !
Por elle eu Israel trouxe á concordia,
E Israel erigi em nação livre ! »

A vontade do rei a bruxa cumpre.
Deu-lhe então a beber licor amargo
Que os sentidos perturba e hallucina;
Mandou-o conservar-se immovel, quedo,
Até que o vulto, a sombra aterradora
Do Propheta surgisse ante seus olhos !

Era a vespera da horrida batalha.
Saul tremeu, vendo agitar-se um vulto ;
Luz sinistra illumina-lhe o semblante,
Era Samuel, que se ergue diante d'elle
A increpal-o com a voz austera:

« Vens perturbar-me ainda aqui nas trevas
Do Scheol ! Não bastou durante a vida
Contrariar-me a vontade em teu orgulho ?
Rei de Israel te ungi, para teu braço
Do Dogma de Iahveh ser instrumento !
Independente te julgaste um dia,
Porque as victorias que te deu a espada
Entre o povo faziam-te querido.
Separaste no mundo os dois Poderes
Que em mim andaram reunidos sempre;
Não mais no mundo se hão de ajuntar, nunca !
Entre as nações farão confictio eterno.
Tu iniciaste o temeroso exemplo.
Quando eu lancei o verbo de exterminio
Do héren maldição irrevogavel
Sobre esse rei Agag e os prisioneiros,
E sobre os seus rebanhos, não cumpriste,
Saul, tiveste a audacia da clemencia,
Perdoaste-lhes por dó as torpes vidas !
Com tal perdão feriste-te a ti mesmo ;
Em tempo algum o Dogma não transige,
A Realeza segura não perdôa !
Sae d'ante mim ! Vae prestes á batalha
Que nas encostas do Gelboé começa;
Se aos Sacerdotes desses obediencia,
Como de antes, serias invencivel !
Mas, pois que te julgaste independente,
Soberania vã, serás vencido !
Verás diante de ti teus filhos mortos,
Jónathas, Malkisná, Abinadab,
Todos tres, e no meio da derrota
Voltarás contra ti a propria espada,
A que te fez temido ! E por ludibrio
Ha de vir a assentar-se no teu throno,
O inimigo, que á furia tua e insania
Escapou em Ramatha, em Nob e Ceila,

Em Engadhi e Ziph, pois que elle hade
Ao som dos nossos cantos religiosos
Hade dansar submisso diante da Arca. »

Foi tremenda a batalha e o destroço ;
Em um lamento o povo triste canta:

Na encosta da montanha
Toda a flôr de Israel
Teve morte cruel. . .
Que dôr! que dôr, tamanha.

Da triste nova o som
Que ninguem o relate
Na povoação de Gath,
Nos campos de Ascalon !

Dos torpes Philisteus
As mulheres alegre,
Saber a sorte negra
Dos eleitos de Deus !

Gelhoé em si recebe
Sangue que correr viu;
As chuvas do estio
Só tarde esse chão bebe.

Quem Saul não deplora ?
E humilde não adora
O Poder que destroe
O exercito e o heroe ?

IV

A SOMBRA DO PROPHETA

(POEMA)

I

Super Humina...

Sentado em fria pedra, em plaga estranha,
O velho, de olhos fitos na torrente,
Sentia n'alma a dôr, que dôr tamanha !
Ao esperar a Estrella do Oriente.

Soltas cans de Vidente fluctuando
Ao vento, já da vista extinto o lume,
Tornavam seu aspecto venerando,
Davam mais vida ao intimo queixume.

Contemplava das tribus a ruina,
Com que esperança no futuro dia!
E ao vêr que uma impia raça as contamina,
Cantava assim n'um canto de agonia :

« Nunca mais hade ouvir-se a harpa saudosa
Do filho de Israel !
Pendida no salgueiro hãode feril-a
As brisas em tropel !

De espaço a espaço nas soidões do exílio
Seu ecco soará !
Talvez suavise o cântico remoto
As iras de Jehovah ».

Calou-se ! muda lagrima fervente
Nas faces murchas, pallidas deslisa !
Encosta a fronte á cythara plangente,
Segredos ao passar lhe diz a brisa.

O vôo d'aquella mente foi altivo,
Perdido no infinito immensuravel !
E sorria, sorria o ancião captivo,
Vergado sob a angustia incomportavel:

« As Virgens de Israel, collar de perolas
Que mão impia quebrou,
São como os lyrios, que no fundo valle
A rajada tombou.

As pudibundas, candidas grinaldas
Nem já lhes deixam pol-as !
Oh, como silenciosas me parecem,
Do sacrificio as rôlas ! »

Mas como o tropear de asperas hordas,
O tufão sacudiu os arvoredos ;
Desde esse instante nas quebradas cordas
Não dedilharam mais os mortos dedos.

Nunca soube ninguem, saber quem hade
Do Propheta assombroso o nome ? o Canto
No captiveiro ao povo adoça o pranto,
Vaticinando a anciada liberdade.

II

O venerando ancião morrêra, vendo
Os soldados do imperio arrebatarem
Sua timida filha para as noites
Do palacio de Cyro. Emmudecera.
Como a penha lascada pelo raio,
Cahiu prostrado ao instantâneo golpe !

Jahel! Jahel, a candida, a mais pura
Das virgens de Sião, vae, como a pomba
Nas garras do abutre, espavorida;
Nem sabe para onde. Só lhe lembra
Um pae, que vê inânime, por terra.
Tão nova, e só no mundo ! Ella nascera
Embalada ao gemer do captiveiro,
No tumulto de Babylonia. Nunca
Vira os sitios cantados dos Prophetas,
Nem os rios sonoros, nem as rosas
Da campina de Sáron, os sepulchros
Sacrosantos dos velhos Patriarchas.
A saudade da patria fel-a triste,
Deu-lhe aos labios a voz do vaticínio,
Ao semblante a expressão de quem reflecte,
Face a face com Deus, sua grandeza.
Jahel ! Jahel ! a mãe que ao dia a trouxe,
Longos annos esteril, pranteava,
Morta de dôr, por se não vêr eleita,
Nem esperar que, um dia, do seu ventre
Visse a luz o bem vindo dos Prophetas.
Chorou tanto !

Faltava-lhe a esperança,

Bafejo genial, que a dôr alenta,
 E rasga aos olhos um porvir grandioso.
 Fôra uma vez para o deserto, attenta,
 Ver se a sombra de Elias se mostrava !
 Entrou pelas cavernas do Carmello,
 Fallou a medo.. . E uma voz lhe torna,
 Vaga, obscura, de um modo que imitava
 O vendaval na aguda penedia:

« Quando em teu horto reflorir um lirio,
 « Grato ao Senhor será tambem teu fructo ».

Santa mãe ! a alegria vem dourar-lhe
 A existencia de lagrimas que tinha.
 Esperança ! és aurora que rutila
 Ao fim da noite tormentosa e lenta,
 Vindo n'alma acordar concerto aério;
 N'um lampejo furtivo tu destacas
 A fímbria azul de um céo que mal se avista.
 Ao ullular das tribus sob os ferros
 Do captiveiro crú, viera unir-se
 O vagido flebíl de uma criança.
 Era Jahel ! Apresentou-a ao templo,
 No templo aberto d'esse espaço livre;
 Fez voto ahi da sua virgindade.
 Quem ousará tocar com mãos pollutas
 N'esta rôla do altar do sacrificio ?
 Quem beberá no consagrado vaso,
 Sem que leia a sentença da ruina ?

III

Lá no palácio de marfim da Arménia,
 Tudo luzes por dentro e harmonias

IV

Mandou vir a captiva israelita
Cyro ! E quer escutar a harpa saudosa
Da filha de Coré. Tel-a em seus braços. . .
Quer a Jehová roubar a flôr divina
Que essa captiva ha consagrado. N'isto,
Sons confusos da orchestra annunciaram
Nos penetraes a entrada da donzella.
Como ella vinha pallida e transida !
Cyro lhe pede que o seu véo levante,
Vae respirando sofrego esse enlevo;
A pureza infantil exalta o fogo.
Ungiram-na de um oleo perfumado,
E o rei, doudo de amor, a acaricia:

« Jahel! Jahel, inclina-te em meus braços,
« Como se deixa ao sol cahir o bago
« Das vinhas de Engadhi na sesta ardente.
« Vem ! das formosas foste a escolhida !
« No fulgor d'esse olhar abre-me a aurora.
« É rico o ouro em pó que em teus cabellos
« Espalharam aqui; rico o arminho
« Com que quero elevar-te á realeza,
« Mas é mais bello ainda o que me escondes ! »

V

Aproximou-se a escrava temerosa.
Como Jahel coroada estava linda,
Viva, dengue, engraçada, pequenina,
Quasi á altura de um beijo ! os olhos negros

Incendiando a paixão, nadando vagos
Na humida pupilla adormecida !
Leve, flexivel como uma vergonhea,
Era um pomo dourado pelas calmas
Do céu oriental; falta colhel-o:
Só não sabia o que era esse desejo,
Que deixa sempre uma anciedade n'alma.
Cyro ardia de amor diante d'ella,
Como as brazas de sandalo e de myrra
Que o recinto embalsamam *com* aromas,
Brandos aromas que á volupia incitam.
O rei, senhor de imperios, não se atreve
Ante o olhar de innocencia que o fascina !
Desvairam-no mil harpas susurrantes
Que gemem na ala dos jardins suspensos:

« Jahel, Jahel, criança encantadora,
« Das Virgens de Israel a mais sublime !
« Dá que te abrace, nuvem que me foge;
« Quero vêr-te, aspirar tuas palavras,
« Oh, falla-me de amor. . . Porque estremeces ? »

Soltára-se Jahel d'entre os seus braços
Como uma pomba quando bate as azas;
Lançou mão de uma cythara cahida
No tapete das pelles de panthera,
Que revestia o gynecceu. As tranças
Em catadupas descem pelos hombros;
Parece a prophetisa quando clama
A sombra das palmeiras do deserto
A consternada tribu uma sentença !
Olhos fitos no firmamento escuro
Assim cantava com a voz tranquilla:

As aguas cantam n'uma queixa dura :
« Reflectimos o azul d'esses ambientes,
« Que esmalta a luz que a jorros vem da altura.

« Revolvemo-nos sempre impacientes,
« O Espirito de Deus sobre nós passa,
« Mas prendem-nos os grandes continentes. »

E diz a flôr n'um cantico de graça:
« Abrimos na alvorada pudibunda,
« Que aspira o dôce effluvio que esvoaça ;

« Desfolha-nos o sôpro que fecunda,
« O calor que alimenta é que nos cresta,
« E assim cumprimos uma lei profunda. »

Dos insectos a queixa amarga é esta :
« Uma réstea do sol nos acalenta,
« N'ella brincamos doudejando á sésta;

« Mas quando baixa a noite somnolenta,
« Ao olvido de um somno atro, funereo,
« Fria rajada leva-nos sedenta. »

Senhor! Senhor, rasgae este mysterio !
Porque enlaçastes o Amor e a Morte ?
Dae que eu sinta do soffrimento o imperio.

Felizes os que soffrem ! Grande e forte,
Senhor, temos a graça, a gloria infinda;
De'ste-nos quanto um immortal comporte,
Mas falta-nos a dôr, a dôr ainda. »

VI

Cyro, absorto, escutára a melodia
Da dolorida voz que se calava
No intimo do peito. Os córos de anjos
Oh não possuem cythara mais dina !
Eram mudas as musicas nocturnas
Da estrepitosa festa, tudo escuta.

Nos sophás de setim Cyro se encosta,
No languor de um desejo fatigado;
Quer mais sons, mais palavras, mais suspiros.

JAHEL ergueu de novo o Cínnor santo,
Que sob as mãos cahira casualmente ;
Dedilha froixa. A tunica de linho
Desenha as fórmulas lindas, mal sonhadas.
Sua voz tempestúa o vaticinio
Lançado aos ventos ! Bella, n'esse instante
Terrível como o exercito em batalha,
Dera ao semblante uma expressão sinistra :

SAMYAZA

ou

O AMOR DOS ANJOS

THRENOS II

I

« Junto do Hermon, á falda da montanha,
Do tempo antigo nas primeiras éras,
Vivia raça altiva, audaz, estranha.

Eram gigantes, quasi irmãos das feras,
Vivendo solitarios pelas grutas ;
Tinham no sangue a lava das cratéras.

Alimentados de continuas luctas,
As solidões de horrores povoaram
Só com mostrar as cataduras brutas.

Foram elles tambem os que geraram
Aquellas formosissimas donzellas,
Por quem, outr'ora, o céo abandonaram
Anjos em legiões sómente ao vêl-as.

II

O flagello de Deus caíu tremendo
Da rija tribu em cima dos mais fortes;
Fome cruel e negra ! Mal horrendo

Que os desbastava com sangrentos córtes !
Deixaram suas húmidas cavernas,
Foram seguindo aventureosos nortes.

Elle a vem acordar quando amanhece,
Elle a vem bafejar quando é sol posto;
Quantas vezes dos céos tambem se esquece
Com as azas brancas a velar-lhe o rosto !

V

Despontava a criança ; e assim pequena
Samyaza se achava preso a ella;
Como encarnar em si fôrma terrena ?

De cada vez tornava-se mais bella,
Virginal, de uma candida meiguice;
Mas como humanisar-se para tel-a ?

Desvairado do amor pela doudice,
Poz-lhe por nome Tamiel, um nome
Que as saudades do empyreo traduzisse.

Tamiel, Tamiel ! quem ha que dome
A dôr que nos inspira um Anjo errante
Na terra, pelo amor que o consomme !

A soledade entristecia a amante ;
Samyaza fallava na linguagem
Que tinha a natureza luxuriante.

Dos desertos sorria na miragem,
Brandos desejos ia-lhe acordando
No segredar das agoas com a folhagem.

Mais preso a Tamiel de quando em quando,
A purissima e divinal Essencia
Ia o amor da terra penetrando.

Samyaza contára a impaciencia
De possuir a força que o fazia
Invisível do ár na transparencia.

Sorriu-se Tamiel com alegria,
Melindrosa, mais tímida que a rola;
Chorando instou que se amostrasse um dia,
N'essa esperança vaga se consola.

VI

Pedi a Deus Samyaza que o terreno
Involucro lhe dêsse, e as azas solta
Aos pé's do throno eterno ao leve aceno.

Somno mortal os olhos prende em volta,
Cae-lhe das mãos a cythara maviosa
Ao estridor de musica revolta.

Visões da beatitude gloriosa
Vão-se apagando n'alma pouco a pouco;
Regosijo ineffavel já não gosa.

O som da sua voz é triste e rouco,
No semblante não tem clarão risonho,
Mas sente-se de amor ainda mais louco.

No sobresalto de um ditoso sonho,
Tamiel acordára ; ella estremece
Vendo-o ao lado com um ár medonho.

Que dôr, quando lhe disse: « Não és esse
« Que na visão de amor enlouquecia,
« Samyaza radiante me apparece.

« Que segredos Samyaza me dizia !
 « Não tens nos labios musicas tão francas ;
 « Sobre o azulado ether ascendia,
 « E tu não tens as suas azas brancas. »

VII

Chorava o Anjo silencioso ; o rosto
 Escondido nas mãos ! A angustia mostra,
 Que o puro amor se aviva no desgosto,
 E a dôr que mais eleva é a que prostra. »

VII

Ficou Cyro a dormir a somno solto,
 Como serpente que não tem veneno,
 Esquecido do impeto feroso,
 Vencido pelos sons do mago plectro
 Que lhe insufflavam paz, tranquillidade !
 JAHEL cantava agora mais serena,
 O canto a protegia no combate
 Da volupia fremente do monarcha.

Mais pura que Judith, em vez da espada,
 Para alongar o descuidado somno,
 Lançou mão outra vez do Nablo augusto :

II

Viera um dia vêl-a. Um grito escuta !
O grito a voz da amada parecia. . .
Parte solícito e procura a gruta .. .

Não a encontra. Por entre os cedros via
Surgirem vultos de guerreiros ! Corre,
Arrancavam-lhe a flôr que mais queria.

Volveu a funda. Eis rue como uma torre
Um gigante ! Feroz lucha se trava,
Um desaba a seus pés, outro alem morre.

Samyaza recobra a força brava
Que nas celestes legiões tivera:
Rijo a horrida tribu derrubava !

Ia alto o sol. Alfim o anjo vencera.
Tamiel, Tamiel com susto ainda,
Reconhecida aos braços se prendera
Com a fraqueza que a tornára linda.

III

Fôra o combate do Hermon sobre os combros,
De traz do monte o sol já se escondia;
Samyaza subiu, levando aos hombros

A temerosa amada; a noite fria
Tambem do esconso vale sóbe aziaga
Por sobre as trevas com que o valle enchia.

VIII

Auréola de luz cingia o rosto
Da cândida JAHEL : — a prophetisa
Sente o mysterio do Amor e Morte,
O sonho incomprehensivel do Oriente.
Cyro dormia o somno mais profundo,
Sonho lethal occupa, agita a mente
Do soberbo monarcha dos emporios :

Uma aguia audaciosa vem pairando
Sobre a sua cabeça e lhe arrebatava
A corôa de rei ! — Cyro convulso
Tenta seguil-a ; como setta, fende
O espaço azul e pelo ár se libra,
Presas nas garras a corôa de ouro !
Para as alturas do Carmello vôa,
Quasi a pousar nos ingremes cabeços,
Levada no tufão. — Cyro aterrado
Caminha á pressa, o escaldado monte
Sóbe. . . o cansaço já lhe esgota as forças.
Aguia altaneira, para o mar se arroja,
Leva a corôa ! Se ella cáe no oceano !
Contra o vento e a chuva o rei investe,
Chegou aos visos do Carmello ingente.
De uma gruta sombria sáe terrifica
A sombra do gigante dos Prophetas,
ELIAS — alma eterna dos desertos !

Detem-lhe o passo mal bradou: «Acorda ! »

Do horrendo pesadello 'esperta Cyro,
Inda a Virgem cantava ao som do plectro,
Seu canto é como o orvalho que refresca.

O rei interpretou o aziago sonho,
Teme o Deus de Israel immenso e forte;
Acceita a medo o temeroso aviso.

Já vinha clareando a viva aurora
Pelo céo oriental; Cyro despede
Intacta a Virgem das captivas tribus :

«Oh vae annunciar com a alvorada,
« Ao teu povo, que chora ao pé dos rios,
« Nova aurora feliz de liberdade. »

E as harpas mudas, tristes, penduradas
Sobre os rios de Babylonia, expostas
As virações do céo que as desferiam,
Vêm aos braços cansados dos captivos
Que em côro partem a cantar saudosos:

— A Virgem de Adonai nos annuncia
O resgate ! Affigura-se isto um sonho !
Como é que o riso e o canto de triumpho
Irrompe em vez de queixas ?

Dirão agora as gerações da terra :
« O Senhor abençôa aquelle povo ! »
Jehovah nos protege em toda a parte;
Exultae de alegria.

Nós semeámos lagrimas amargas ;
D'ellas nos brota uma ditosa messe !
O Senhor nos afasta o captiveiro
Lá como outr'ora as agoas.

Porque Iahve perdôa n'este dia,
E com tanta piedade
Esquece a iniquidade !

Porque n'esta agonia,
Onde o mais forte cansa,
Não nos desamparou nunca a Esperança !

Jahel, seguindo á frente das tribus:

Louvae Iahvé, porque elle chamou Cyro
E o trouxe pela mão,
Dizendo : — A ti prefiro
Para pôr termo ao mal:
Libertarás meu Povo da prisão,
Sem resgate venal !

Louvae Iahvé, que em alta magestade
Fez Cyro o seu pastor
Para cumprir-lhe a incognita vontade;
Pois Cyro, com amor,
Disse a Jerusalem:
— Refloresce, cecem !
E ao Templo que o espanta :
— Ergue tua ára santa.

Louvae Iahvé na exaltação ufana,
E a Cyro em mil canções,
Por vir fundar a paz entre as nações,
Por dar inicio á alliança humana.

Na miragem ardente enamoradas
Sobre ellas fresco orvalho cáe do céu !
São pelo mesmo sopro bafejadas,
Sôpro amigo que apressa o hymineu.
Como noivos se vestem ; novas flôres
As toucam, vóa o pollen como um beijo :
São assim nossos candidos amores,
Pelo mundo te sigo e não te vejo !
Se te lembras do olhar era que disseste
Segredos de ideal melancholia !
Quando voares á mansão celeste,
Vôa após ti tambem minha alegria.

Côro das festas de Naím, ouvindo-se dista

Nota dispersa
De harpas do céu !
Vela submersa
Pelo escarcéo,
Cantico de ave
De outro paiz;
Nectar suave,
Taça de onyx;
Ouro e incenso,
Ostia do altar,
Biblia em que penso,
Concha do mar;
Rosa que á sesta
Languida cáe,
Dá vida a festa,
Ergue-te, vae !

*Sémida, junto da Virgem adormecida á som-
bra das palmeiras :*

N'aquellas tardes, quando
Furtivo olhar me lança,
Olhar suave e brando
Com que o empyreo alcança,

É triste ! aonde o fita?
Quem sabe ? ou no que pensa?
Baixa-o á selva extensa,
Que o oéste passa e a agita.

A selva escura é a vida,
Deixar lutar o vento !
É dôce o soffrimento,
Volupia dolorida !

E quando a vista espraiaes
Por essas margens verdes,
Ao longe a vista perdes
No azul de ignotas praias :

Oh vem moça e menina,
Repousa do cansaço ;
Sorrindo, no meu braço
O debil corpo inclina.

Assim a veloz corça
Ao pé de arvore enorme,
Descança e quieta dorme
Emquanto cobra força.

Sémida, erguendo-lhe o véo:

Á sesta na hora calida,
Na hora mais lasciva,
Sorrindo, pensativa
Te vi, languida, pallida.

Se o seio te palpita
Acaso descoberto,
Eu vejo e leio ao perto
Mysterio que o agita.

Teu seio é templo e ára
Em que deponho a vida !
E és mesmo adormecida
De tua graça avara ?

Timida o occultaste
No transparente manto;
Recebe o intimo pranto
Oh flôr pendida na haste !

Não findas este anhelos ?
Augmentas mais o enleio;
Escondem-me o teu seio
Anneis d'esse cabelo.

Côro das festas de Naím:

Rosa que á sésta
Flascida cae,
Dá vida á festa,
Ergue-te, vae.

Hoje é pallida ! não vêmos
 Que a seu tempo a alegre messe
 Tambem nova, amarellece,
 Treme, ondeia além no val ?
 E que o sol que doura os dias
 Traz a côr que esmalta o pômo,
 Que parece de ouro o assômo,
 Que dá vida ao laranjal ?

Eil-a pallida ! em silencio
 Ero e Psyche, abraço ethereo
 Na sua alma com mysterio
 Dão, celebram hymeneu !
 Desmaia como um semblante
 Quando a lua o illumina,
 Porque, brincando *menina*,
Senhora desfalleceu.

Sáem. Levam Cidlia ao encontro de Jesus para que a resuscite.

JESUS, *erguendo Cidlia:*

Pedes que mude a noite era leda aurora ?
 O pesar no enlevo de um sorriso ?
 A campa no vergel de um paraíso ?
 Como Deus, póde tanto a mãe que chora.

III

*A viuva, cie Naím chora ao vêr morta a amante de seu filho; ouve-se distante
 a canção de um peregrino que volta á pátria :*

A Voz, distante:

Eis meu lar solitario na encosta !

A Viuva, a vistando o filho:

Lá parou ! melancholico fita. . .
 Sobre o monte Moysés não medita
 Vendo a terra que aponta o Senhor ?
 Pára, olhando o seu tecto deserto,
 Mas de jubilo o pranto desata,
 Rasos de agua seus olhos dilata
 Pelos campos e sitios de amor !

Sérnida, de mais perto :

Foram estes os sitios queridos !
 N'esta selva de muda espessura
 Confidente inda a brisa murmura,
 Foi á luz de um tão meigo luar!
 Ella disse: «Talvez que na volta. . .
 (Se me lembro ! fatal despedida)
 « Como a dhalia sobre a haste pendida,
 « No sepulchro me venhas achar ! »

Eu lhe disse sorrindo: — Quem sabe?
 Do sepulchro heide triste ir em torno;
 Dá-me o braço de niveo contorno
 Para entrar n'esse thálamo frio !
 Murmurando o cypreste, hade á noite
 Sobre o valle dos prantos e dôres,
 Embalar nosso somno de amores,
 Mal que passem as auras do estio !

O Côro, seguindo-o :

Eil-o entrando no horto saudoso,
 Geme triste, lembrando-se d'ella !
 Viu á tarde fechada a janella,
 Murcha a linda, virente cecem !

Sémida :

Minha mãe ! nos teus braços me aperta,
Dá que encoste meu rosto ao teu seio !
Que me abrace a teu collo...

O Côro, vendo-o âesfallecer:

Ai, em meio...
Pende exausto ! sorrindo cahiu !

A Viuva, anciada:

Filho, alegre-me! oh dá-me um sorriso,
Porque os olhos formosos me escondes ?
Não tens pena de mim ? não respondes ?
Não responde. Está pallido ! frio !...

*Jesus, acompanhado de um immenso tropel. A Viuva lança-se-lhe aos
pês soluçando:*

Jesus:

Socegada em seu lar, toda carinhos,
Mãe, anjo na familia, a dôce falia
Quem lhe ensina, quando ella meiga embala
O somno da innocencia a seus filhinhos ?

O arroio que serpeia entre os espinhos,
Os effluvios que a flôr no prado exhala,
Os gemidos do armento quando bala,
A meiguice das aves nos seus ninhos:

Não exprimem a graça que se encerra
 N'este sonho da infancia breve e ledô,
 N'este nome de mãe — almo segredo

Que Deus transmite aos corações na terra,
 Concedendo o poder de n'um sorriso
 Fazer do mundo um novo paraíso !

*Jesus ergue nos orações o filho da Viuva, e ao heijal-o na face elle acorda
 Cidlia, apparece radiante de candura.*

Sémida, correndo para ella:

És a pomba que á tarde suspira,
 Sensitiva que ao vento languescê;
 Tenue corda de uma intima lyra,
 Harmonia que a dôr adormece !
 És um sonho sonhado por mim,
 Riso meigo de algum seraphim.

Oh que bellos os dias passados
 Na floresta de verde espessura,
 A fallarmos de amor e ventura,
 Na ventura do amor enlevados !

Na mudez *d'esse* espesso arvoredô,
 Oh que bellos os dias passados,
 Tu sonhavas destinos dourados,
 Eu fallava de amor em segredo.

N'um abraço febril, delirante,
 De brincar, de correr já cansados,
 Oh que bellos os dias passados
 Doudejando no prado distante !

E na dança em vertigem levados,
 Junto ao meu o teu seio palpita ;
 Se o amor, não cansaço, o agita...
 Oh que bellos os dias passados !

Cídia :

Sem sol, pendida n'haste
 Murchada a flôr bem viste !
 Ah, como a ausência faz-te
 Andar languido, triste. ..

Sémida :

Se te não visse
 Não vira o ce'ò,
 A reflectir-se
 N'um olhar teu !
 Nem vira ao menos
 Doudos acenos
 De anjos pequenos,
 A erguer-te o véo !

Se te não visse
 Pállida flôr,
 D'esta doudice
 Sentira a dôr ?
 Dôr ? n'alma a trouxe;
 Se ella não fosse,
 Martyrio dôce
 Não era amor !

Se te não visse
 Não vira a luz,
 Onde o olhar fixe,
 Que me conduz !

Luz no deserto
 De um mundo incerto,
 De um céu aberto
 Que me seduz !

Mudez querida
 D'este palmar,
 Tudo convida
 Na selva a amar !
 Diz, *como* cala
 Teu labio a falia
 Que o amor embala
 No seu scismar ?

*Cidlia, apertando-o nos braços dondamente;
 chora lembrando-se do voto de
 Jairo :*

Ah, sem poder amarmo-nos na vida !
 Virgem a Deus meu pae me oífereceu ;
 Na terra a esperança dolorida,
 O amor, o amor no céu.

Depois de prolongado silencio, preludia na harpa, e exclama :

No insoffrido desejo
 Esse Amor deu-me o dom do vaticínio !
 Que importa que da trípole ou triclinio
 As Sibyllas de Cumas, de Erythrêa,
 De Babylonia e Egypto,
 N'um pavoroso grito,
 Pintem em visão feia

Guerras, mortes, a destruição das gentes,
O fim do mundo em convulsões frementes ?

Sou de Israel a nova Prophetisa,
Com taes Sibyllas nunca me confundo !
O Verbo que dos labios meus deslisa
Nuncio é do Amor unificando o mundo:
— Os benignos dominarão no orbe !
Outra Edade começa: é de Esperança;
 A Graça nos absorve
 Em fraterna confiança;
E sobre a terra, um paraíso agora,
Refulgirá a Paz de infinda aurora !

A Lei commum, fundada na Verdade,
A Ordem nova ás consciencias dita !
Oh Reino de delicia alta, infinita,
De uma santa e immortal felicidade !
No meu delirio este futuro vendo,
 Ah, não são desatinos
 Os enigmas divinos
 Dos quadros que desvendo !
Embora, gente incrédula, presumas
Ser eu Sibylla de Erythrêa ou Cumas.

Que me apodem de louca, e que mentia !
Quando raiar a Paz na Humanidade .
De mim se lembrarão já tarde, um dia;
Quem vir da mansidão a potestade,
Quando nas almas o Amor se expande,
Dirá que eu sou a Prophetisa grande,
 Virgem que inspira o Poeta
 Que proclama em seus carmes :
— Da Ordem nova soam os alarmes,
Alta progenie a Humanidade enceta. —

Ao entrar n'esta augusta Edade de ouro,
Da terra os crimes hãode ser banidos ;
Em mil carmes de jubiloso agouro
Irão meus pensamentos repetidos.
 Os desastres medonhos
 Confunda-os a alegria
Que da ventura o seculo annuncia;
 Da Prophetisa a falia
Eternamente alentará os sonhos
Com que sua alma a Humanidade embala.

CANTO OUTAVO

UNIDADE ELABORADA PELA EXPANSÃO ESPECULATIVA (GRECIA)
E PELO POLYTHEISMO SOCIAL (ROMA)

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO OUTAVO

Á Theocracia inicial succede a phase social da Civilização militar: as raças defendem-se das mutuas invasões, separando assim e dando a supremacia ao Poder temporal. No terço das Civilizações do Occidente, o Egipto, operou-se esta transição em Mena. As fortes reacções sociaes suscitando emoções e opiniões, actuan no desenvolvimento poetico do Polytheismo, ao passo que no Fetichismo predominára a contemplação passiva das forças da Natureza. As Civilizações creadas sobre as margens do Mediterraneo, como a hellenica e a romana, pelo seu character essencialmente humano, racional e pratico, separam-se fundamentalmente das Civilizações orientaes, elevando-se pelas noções especulativas ao Ideal do *Bello*, na arte, da *Justiça*, na acção, e da *Verdade*, na investigação scientifica do mundo exterior.

I

Ideal do Bello

I. A Bacchante

Na antiguidade heroica, em que a nova concordia social se funda na protecção dos fortes aos fracos, e veneração dos fracos pelos fortes, as acções desinteressadas do valor conduzem á idealisação das formas plasticas na Estatuaria, e nos cantos épicos da tradição, e á cultura do indivi-

dualismo glorificado nos jogos athleticos. Da Civilização grega escreve Philarète Chasles: «Este pequeno povo grego, *orgamsado* para a *individualidade, analyse e consciencia*, para tudo quanto serve a dignidade humana armado com *estes tres poderes*, ganha todas as victorias e cívilisa o mundo, » (*Orient* pag. 31). As tradições heroicas actuando sobre a unificação social da Grecia, apoiam a resistencia contra a invasão das forças brutas do despotismo militar da Persia. A Lyra, que symbolisava a união civil das populações isoladas, torna-se em Homero o talisman de uma patria ideal — a Hellade, primeiramente sentida nas Pan-Athenêas.

O poema *A Bacchante* representa a Grecia depois das guerras medicas, quando tanto na Lacedemonia como na Attica se propaga a hallucinação religiosa e sensual do culto de Baccho. E ao que Aristoteles chama *a lucta de Flauta com a Lyra*, — aquella symbolisando a devastação guerreira e a dansa desenvolva da Orgia sagrada, esta o poder da eloquencia e da concordia politica. O genio grego, tão harmonico e sereno na idcalisacão da realidade, e penetrado pelo desvairamento dos cultos orientaes; e a adopção dos *Mysterios* e fórmãs do hetairismo vindos da Asia, transviam a Civilisacão da Grecia, dando-lhe em vez da actividade scientifica e philosophica a preocupação das iniciações *mystigogicas*, e em vez da liberdade politica a submissão a um despota perstigioso.

II. O desterro de Eschylo

O poeta que batalhou em Marathona, quando os destinos do Occidente estiveram em risco de serem desviados do seu curso progressivo pela extensão do domínio militar da Persia, ao vêr a transformação dos costumes hellenicos não transige com a crise religiosa dos Deuses-moraes allegorizados pelos poetas da nova geração. Depois de ter avisado o povo na *Ameaça de Prometheu*, desvendando o mysterio dos Deuses novos, abandona Athenas e refugia-se na Sicilia, no foco das antigas tradições doricãs ; recebido na *côrte* de Hieron, o unico favor que pede, é que lhe inscrevam sobre a sepultura: Esteve em Marathona, porque esse dia de victoria foi a garantia da civilisacão da humanidade.

III. O delírio rfe Alexandre

A aspiração universalista do Hellenismo, toma um caracter social, sob Alexandre; mas o monarcha imitando o typo oriental desnatura essa missão pelos arbitrios da personalidade, attentando contra a dignidade humana, promovendo a degradação dos caracteres, que as religiões orgiasticas tinham já preparado pelos ritos da queda e da expiacão. Ha um momento dramatico da alliança do Occidente com o Oriente, quando, como refere Plutarcho: « Alexandre reuniu em uma mesma barraca cem donzellas persas e cem gregos ou macedonios, que as tinham desposado; recebendo-os a

uma mesma mesa e em penates communs, onde elle mesmo com uma corôa na cabeça, entoando o canto do Hymeneo como um hymno de amor universal, elle celebrou a festa da união dos dois grandes povos, elle mesmo desposado com uma persa e servindo a todos de grande Sacerdote e de pae. » A morte de Calisthenes foi o presagio do predominio do theurgismo oriental sobre a Europa. Na sua carreira de gloria, Alexandre tem o presentimento de que a epopêa é um dos meios de attingir a immortalidade subjectiva, e tem inveja de Achilles.

II

Ideal de Justiça

Esta phase da Epopêa da humanidade em que o centro da civilização se desloca para o Occidente, póde resumir-se nas palavras de Plinio, referindo-se a Roma: « Esta grande Cidade parece ter sido escolhida pela Providencia para unir em um só corpo os Imperios esparsos e divididos, para adoçar os costumes, para aproximar pelo commercio de uma lingua unica tantos povos com idiomas barbaros e discordantes, em uma palavra, para tornar-se a Patria universal do genero humano, e para dar ao homem a Humanidade. » (*Fort. des Rom.*, cap. I, pag. 2). A acção civilisadora dos Romanos, depois da incorporação das diversas raças do Occidente, consistiu na criação do Direito elevado até ao ponto de identificar-se com a Equidade, *Urbi et Orbi!* A cidade e ao mundo se estende essa norma de uma Vontade abstracta que submete e harmonisa todas as vontades individuaes. As Religiões descem a simples actos consuetudinarios tolerados aos vencidos, e a Lei civil torna-se a base universal da concordia, como a mais avançada expressão da Sociocracia.

I As Cêas de Nero

O poder imperial absoluto deshumanisa os chefes temporaes, cria os grandes monstros moraes; é n'este momento que a hallucinação do Christianismo agita a plebe e as classes degradadas, ao passo que decae o familismo ou o patriciado romano. Escolhemos o momento decisivo da fixação da Igreja. Nero, segundo Renan (*Antichrist*, II) « por uma carnificina fundamenta o primado da Igreja romana, e prepara a revolução que fez de Roma uma cidade santa, uma segunda Jerusalem. A preponderancia da nova capital religiosa emancipou o Christianismo nascente dos seus elementos judaicos que lhe embaraçavam a expansão universalista. » A corrente orgiastica, que ataca a Grecia, como representámos na *Bacchante*, apparece no mando italico, latino e sabino, com um maior poder de dissolução; nas *Cêas de Nero* a crise de hallucinação do poder imperial é simultanea com a hallucinação do martyrio entre os proselytos do Christianismo.

I

IDEAL DO BELLO

Vis superba formae.

HORAT.

I

A BACCHANTE

(POEMA)

Á GRECIA

OH HELLADE ! irmã gemea da harmonia,
Lindo sonho de amor, virgineo seio,
Alva concha do mar, deusa engraçada,
Tens por nymphas as Cycladas dispersas,
É teu docel esplendido um céu puro,
Quando te ergues risonha e deslumbrante
Do azul da vaga iónia !

Oh Musa antiga,

São teus soltos cabellos, ondulando,
Sonoras cordas de maviosa lyra;
Tua falla é gemido de harpa eólia,
Tua alma o riso, a infancia, Anacreonte,
O beijo da poesia. És aureo cinto
Que em mimoso tropelconfunde as graças !

Oh lírio sobre a lápide nascido
Dos séculos pretéritos ! floresce,
Abre o calice ás lágrimas da aurora,
Deixa aspirar-te o matinal effluvio,
GEECIA, lírio singelo, immarcessível.

RHAPSODIA I

AS FESTAS DE CHIO

I

O Baixel

Corria vagarosa a amena tarde ;
De ouro e purpura em flocos envolvido,
Lento descia o sol ao extremo occaso,
Semelhando, ao afundar no oceano,
O esvaecer do espirito do justo.
A brisa embalsamada doudejava
Na vitrea face das quietas aguas ;
Sonoroso murmurio da ressaca,
Gemendo sobre a praia, vinha unir-se
Ao carpir vago da saudosa alcyone!
Poemas de ideal melancholia.

Que bello então ser nauta ! A barca lubrica
Fluctuando ligeira, como nayade
Que folga buliçosa á flôr da onda,
De Amphitrite era um mimo ! A fôrma esbelta,

Da iriada cinta as finas côres,
 O garboso esporão, a véla branca,
 Faziam crêl-a nympha transformada,
 Cymódoce travessa e delirante.

Assim, deusa de Chypre, irmãos de Hellena,
 Fazei luzir a estrella do seu rumo !

II

Ctésios, o piloto

Prôa ao mar, vento em pôpa, o mestre grita:
 « Desfralda o panno á viração da terra ! »

Rouca é a voz que asperrima se eleva
 Ao noto que assovia nas enxarcias.
 É o mando de Ctésios, bom piloto,
 Homem de cans alvissimas, intrepido,
 Quasi filho do oceano e da rajada !
 Profundas rugas na bronzeada fronte
 A idade e o pensamento lhe cavaram ;
 O vél-o causa uma intima alegria,
 E a voz, rude e cansada, no alto pégo
 Quão sonora é por noites de tormenta !

Ia caíndo a tarde. A barca leve
 Sobre o dorso da vaga, caprichosa
 Reclinada, mais célere corria,
 Que o namorado touro arrebatando
 A filha de Agenor, Europa, timida
 Ao vêr fugir-lhe a praia.

Arfando airosa,

Qual voga o cysne de brilhante alvura
 Ao regaço de Leda, ia levada
 Nas pandas azas dos macios ventos.

Assim, deusa de Chypre, irmãos de Hellena,
Fazei luzir a estrella do seu rumo !

O entendido piloto, o velho Ctésios,
Sentado junto ao leme, os olhos fitos
Nas suspensas cortinas do horisonte,
Mudo, quêdo, impassivel contemplava
O perpassar das nuvens.

Desce a noite ;

Veloz e penetrante como a setta
Sibilava a nortada aguda e fria.
Órça ao mar o timão, cassando a escota
Do infunado velâme; os duros nautas
Cantando ouvem do mestre os rijos brados.

III

A. partida

Amphínomo, com olhos rasos de agua,
Veiu á pópa assentar-se ! Além a terra,
Terra amiga da pátria, eil-a a sumir-se
Na fímbria do nevoeiro. Muda lagrima
Deslisa pelas faces do mancebo,
Vendo ao longe os casaes, vendo o seu tecto
Ma salitrosa riba alevantados,
Como um rancho de alegres lavandeiras
Na curva enseada a trabalhar cantando.

Era assim a cidade. Um véo distante
Que lhe acenava, a hora e as lembranças
Affligiam-no tanto !

Lentamente

Vão-se entenebrecendo as pardas nuvens,
E descem, como cáe sudario frio
Sobre aquelle que deixa erma saudade.

Em vez da luz vermelha dos coriscos,
Luz pallida, indecisa se diffunde
Sobre o espelho do mar, luz argentina
Do saudoso luar de estiva noite,
Que faz scismar no amor e no passado.
Amphinomo sorriu-se ! Em côro os nautas
Levantam mil confusas harmonias,
Do mar ás mais propicias divindades
Libando alegremente. Eis surge a lua.

« Dedilha agora em tua lyra de ouro ;
« O céo, a noite, o mar, tudo convida. ... »
Disse o mestre, abraçando o gentil moço.
Sentado á pôpa, Amphinomo na lyra
Percorre as cordas todas; sons dispersos,
Sons maviosos que tira e que vem d'alma,
Arrebatam, suspendem. Que magia:

VII

A. Nayade, ou origem da Flauta.

« Era joven a terra e berço de gigantes,
Trazia ao peito heroes, dançavam corybantes !
Um dia ao vir da tarde, em tarde erma e festiva,
Da molle sesta á hora, e era hora a mais lasciva,
No ardor da calma o nume errava pelo mato,
Morto de viva sêde, em busca de um regato.
Lá vê no fundo vai ondeando o arvoredado,
No vago susurrar ouve intimo segredo. . .
Segredo que uma brisa o diz quando suspira ;
O Satyro o entende e amor igual aspira.
E corre, corre, como a sombra inquieta e leve
Da nuvem passageira ou alva como a neve.

Torvada solta um grito, os olhos tapa, córa !
 Da visão de tal sonho o nume se enamora.
 Ligeira foge; segue-a o deus morto de amores ;
 Mais trépida se furta; assim se esquivam flores
 Se um zephyro subtil lhes dá travesso beijo ;
 Assim no ár divaga o som d'eólio arpejo.
 Vão, correm, partem, como á sésta não passára
 Macia viração na trémula ceara.

Nos braços quasi a toma, é a distancia curta ;
 Nos braços presa já, voltivola se furta :
 Escapa-se ! correndo o Ládon vê diante...
 A Nympha é mais esquiva, e Pan é mais amante.
 O deus se esforça, e quando o roubo era infallivel,
 Contra os seios aperta um canavial flexivel !

Deteve-se calado o amante a vêr seu erro ;
 As sombras tinham já descido pelo cerro
 Do monte, alto degráo que com o céu entesta,
 E o triste pôr do sol findava a alegre sésta.

Então louco tropel das auras buliçosas
 No verde canavial põe queixas dolorosas,
 Que ao vir da noite são recondito segredo
 Do amor perdido ali, perdido ali tão cedo.
 Invento Pan a Flauta, allivio a suas dôres ;
 Da flauta o triste fez seus ultimos amores. »

VIII

Á pôpa

Aqui findára o canto. Ouviu-se logo
 Anhérito abafado, enlevo de alma ;
 Era o acordar de um sonho de ventura.

« Mas quando arribei a Athemas,
Doido amor ! que dura guerra
 Soffri eu !
Oh que saudades da terra,
Ao lembrar-me das sirenas
 Do Pireu !

« Embalada sobre as aguas,
Da brisa na aza ligeira,
Faz-me esquecer essas máguas,
Minha barca aventureira !

« Captivei fero pirata
E fui depois a Mileto
 Refreshar;
Tredo o amor me andava á cata ...
Lá me deixei indiscreto
 Captivar !

« Minha barca aventureira
Embalada sobre as aguas,
Da brisa na aza ligeira,
Faz-me esquecer tantas máguas !

« Do horror dos negros escolhos
Fugindo, uma vez em Délos
 Hybernei !
Foi peor; vi lá uns olhos ...
Como não morri ao vê-los
 Nem eu sei.

« Minha barca aventureira,
Que importam passadas máguas ?
Do vento na aza ligeira
Oh leva-me á flôr das aguas ! »

X

A. ilha, de Chio

Iam cantando e rindo. A madrugada
Recatada no véo de espessa bruma
Apparece, respira-se alegria !

Quem vem abrir as urnas crystallinas
Das perolas de que se touca a aurora ?
Nuvem que mal se avista, mal distincta
Se descobre no limpido horisonte;
Vem crescendo, aproxima-se, parece
Que se alevanta das inquietas ondas.
Que fórmias ella ostenta ! Vagas côres
Esmaltam-n'a. Que aroma imperceptível !

« Terra ! terra ! » — com jubilo gritaram
Os sequiosos nautas; ri-se o moço
Vendo erguerem-se os pincaros altivos
Da pampinosa Chio. Aspero o vento
Encrespa a face lubrica das aguas;
Eil-a, Chio virente, ilha encantada,
Tirso alegre do filho de Seméle,
Sereia, que seduz com mil delicias !
Salve! oh terra hospedeira ! em tuas ribas
O perseguido Homero achou conforto.
Como a aragem da terra, embalsamada,
Embriaga os sentidos, revelando
Que o amor, o joco, o riso ahi habitam.

Faziam d'elle um Deus ! davam-lhe augusto aspecto.
 O hospede, o proscripto abrigo no seu tecto
 Achavam sempre, e sempre amigo dos extranhos
 Vira os filhos crescer, medrar os seus rebanhos.
 Qual cedro secular, dos cedros mais vetustos,
 Que á sombra sua acolhe os tremulos arbustos,
 Sentado em seus umbraes, este varão constante
 Vê seus filhos que vêm, sorri, corre adiante ...

Um joven estrangeiro então detem seus passos,
 Não ousa, extranho ahi, lançar-se-lhe nos braços.

« Oh joven, cuja lyra afinam dôces musas,
 A amisade, o meu lar, filho, não m'os recusas ? »

Sorriu-se o forasteiro, a nivea face córa ...
 Virginea timidez dá-lhe realce agora.
 Era tão lindo o moço, e a lyra nos seus dedos
 D'essa idade de amor dizia mil segredos !
 Vinha á festa de Homero. E Glauco que sorria:

« Forasteiro bem vindo! oh traz'-nos alegria. »
 Entram no alvergue chão; brinca o fiel rafeiro,
 Fareja, desconhece ... alfim vem prazenteiro
 Lamber timido a mão, que o rude affago acceita;
 Reconhecido aos pés do hospede se deita.

Era o poeta Amphínomo, mancebo
 De Mileto; na face mal desponta
 O louro e fino buço, como o vello
 Do sazonado pómo que o sol doura.
 Na lyra e no semblante parecia
 Gemo do filho joven, mais querido
 Dos filhos do pastor. Sentam-n'o á mesa,
 Mel do Hybla, nepenthes, a abundancia,
 Rodeam todos o hospede bem vindo.

Amphínomo afastando seus cabellos
 Longos, dourados, sobre os guapos hombros,
 Assim ao velho respeitoso volve:

« Quem não hade cantar o nome excelso
 D'aquelle que pagava o agasalho
 Com hymnos immortaes ? » Do velho Glauco
 Pende a serena fronte sobre o peito,
 Envolvida na nevoa da tristeza;
 Após longo silencio, mesto exclama :

« Tu que tambem entendes os segredos
 Que a lyra espalha ao vento, e recebeste
 Dôce beijo das graças, ouve, Amphínomo!
 Vê como os Deuses perseguiram tanto
 E os homens crús o immortal Aéo ?
 Como em trevas o deixaram, misero,
 Entregue aos riscos de viagens longas,
 Rodeado de extranhos, desprezado ?
 Os filhos de Thestor roubam seu plectro,
 Os remeiros da Phócea o abandonam
 Sobre as ribas de Chio. Elle, como aguia
 Que fita o sol e cae no vai profundo,
 Morre d'Ios na ilha ! »

N'este instante,
 O silencio do velho interrompendo,
 Amphínomo lhe diz:

« Oh Glauco, os annos
 Dos casos transitorios d'este mundo
 Te dão conhecimento ; só tu podes
 Explicar seu destino escuro, incerto.
 As cidades que o vate repelliram,
 Madrastas duras, todas querem hoje
 Ter a gloria de ser seu berço; Cymo,
 Chio, Smyrna, Colophon já reclamam
 Este rival do nume da harmonia . »

RHAPSODIA III

NAUFRAGIO EM DELOS

I

A. cerração

Prôa ao mar manda Ctésios ; pouco a pouco
Nimbo caliginoso a praia esconde,
Repentino pampeiro estoura, o dia
Foge, e com elle a ultima esperança.
Turbulento estridor nas surdas grutas
Rebôa lá por dentro, e nas restingas
Dos occultos parceiros rebrama a vaga:
Ecco soturno do trovão medonho
Pelo espaço ribomba e tudo atrôa;
O torvelino rue. Alta celeuma
Se eleva ás harmonias da procella.
Sossobra quasi a não ! Saltam de chofre
Emmaranhados ventos ; rôta a véla,
Sem rumo, e já partido o leme fragil,
Affrontaudo a borrasca e o céo escuro,
A que almejado porto a sorte os leva.

II

O naufragio

Nas voragens indomitas do oceano
Ruge altiva e estrondosa a tempestade.
Corisca o raio ! opacas nuvens fende,
As carrancudas trevas se condensam ;
Duro estrago mil vórtices vomitam.
Recrudescer o escarcéu, referve a onda,
Do esticado calabre o vento rijo
Arranca a branca véla. Obscura, tétrica
A cerração se torna, e as pranchas frageis
Rangem soltas no embate da tormenta.

Estala o mastro já lascado ! Vê-se,
No refluxo da vaga, a hirsuta grenha
Dos parceis, dos rochedos ponteagudos.
Ouve-se o estrondo surdo ! Rombo enorme
Sorve a ruina imminente; ergue-se a faina;
Que alaridos no ár em vão se perdem !

Restruge a sonora tempestade
Nas voragens indomitas do oceano :
Bate a onda na bronca penedia,
Atroando as cavernas salitrosas,
Confunde os gritos debeis do naufragio.
Desfez-se a densa nevoa lentamente ;
Ctésios, só, junto ao leme, a terra avista,
A rainha das Cycladas conhece !
Era Délos. Nas ribas escarpadas
Em turbilhões alveja a viva espuma,
Encapella-se a grossa marezia ;
Ctésios sobre ella vem d'encontro á fraga.

III

O voto

Amphinomo, no horror d'atra procella,
 Vendo o leve baixel quasi submerso,
 Aos céos levanta os olhos consternados
 E exclama:

« Oh cynthio Deus, a ti consagro
 « Esta lyra, meu unico thesouro !
 « Dá que eu mesmo no templo a dependure. »

E envolvido na vaga marulhosa
 Chega á praia, olha o mar, mudo o contempla.
 Elásos, o mais forte dos remeiros,
 Cançado baixa ao pélagó insondavel;
 E aquelle, que por noite horrenda, escura,
 Aos bramidos do mar cantava, Dmétor,
 Na véla rota envolto, ao cimo da agua
 De subito apparece, e engole-o a onda.
 Iásys, Amyntor, Itylos nutam,
 Nos antros da restinga alfim se perdem.

IV

A. morte de Ctésios

Granítico penhasco informe e bronco
 Sobranceiro se erguia d'entre as aguas !
 Lascado pela dextra de Tonante,
 Pelo tridente asperrimo ferido,
 As negras, oucas fendas, os contornos,
 As brutas saliencias lhe compunham
 Um como aspecto lugubre de athleta.

E a angustia o inferno d'alma, deslisava
 Nas murchas faces de palor terreno.
 Quem sentiu d'ôr assim! vêr parte d'alma
 Sorvida na voragem, vêr o abysmo
 Mostrar no fundo o cahos e fechar-se !

O mar salva o baixel ! Inclyta a prôa
 Adernou! ergue-a a onda irrequieta,
 E aparelhado este ultimo triumpho,
 Sobre a não cae de chófre e a não se afunda.
 Seguiu-se o desespero ! anciado o velho
 Volta a fronte bronzeada; o ethereo tópe
 Dos mastros vê baixando pouco a pouco.
 Sorriu-se ao vêl-os ir.

Depois, ancioso,
 Cego e trémulo ergueu-se, ao rijo vento
 Os madidos cabellos fluctuando,
 A mesma vaga impavido se arroja !
 E a vaga esconde em si essa agonia
 E os delirios do amor que o oceano inspira.

Cumprira-se um tão intimo desejo !

VI

O ancião do templo

Vira Amphínomo o nauta ! triste, absorto,
 Immovel sobre a praia solitaria,
 Ao vêr Ctésios sumir-se na onda escura,
 Solta um grito frenetico! Olha em roda,
 Vê um ancião de aspecto venerando,
 Tranquillo e placido a estender-lhe os braços.
 Apertaram-se ! as lagrimas diziam
 O que aos labios não vem, porque é só d'alma.

E sorria, sorria o ancião, alegre
 Como o pae quando abraça o filho prodigo.
 Erguera a fronte aos céos ! serena e franca
 Luzia n'ella a aureola do justo.
 Soltas cans de vidente ao vento soltas,
 Cahida sobre o peito a barba extensa,
 Seria acaso um deus que vinha occulto ?
 Mentor ? Quem sabe ! O naufrago estremece;
 Mas inspira confiança o extranho rosto,
 Como aquelle que faz dizer, se o vêmos,
 Onde vi, se me lembro, egual semblante ?

VII

O abraço do Antiste

Era o bom velho Euryalo, o antiste
 Do templo que dá gloria a Délos. Vinha
 Involto na alva chlamyde, tecida
 De Clytia pelos dedos delicados.
 Começa o sacerdote:
 « Oh forasteiro,
 Em terra extranha, á mingoa, andas errante :
 Vem enxugar teus húmidos cabellos,
 Pendurar tua cnémide alagada
 Nos troncos da floresta rumorosa,
 Que defende o vestíbulo do templo.
 Vem reclinar-te ao sol que vem sahindo,
 Tomar calor nos membros regelados,
 E frugal refeição ! Eia, partamos;
 Oh vem ! traze a alegria ao nosso alvergue. »

Amphínomo se lança enternecido
 Nos braços do ancião, as cans lhe orvalha
 De lagrimas sinceras : « Sim, partamos !
 Mas ao deus que te guia ao meu encontro
 Primeiro heide ir sagrar a minha lyra. »

VIII

A. floresta de Cynthios

Iam subindo juntos a collina
Com vagaroso passo e conversando.
Vinha a nascer o sol radiante e bello,
De jubilo inundando a immensidade ;
E rescendia a flôr do rosmaninho,
Gorgeavam na balsa aves canoras,
A abelha ia tocando as novas flôres,
Era mais fresco o trepido regato.
D'este hymeneu de amor, que o sol suscita,
Era a campina o thálamo aromatico,
Ia-se erguendo a nevoa da montanha,
E enlevados os dous no côro immenso
Da natureza, á hora a mais sublime,
Vêem de longe a secular floresta.

IX

O somno do peregrino

Os zephyros brincando nas ramagens,
O susurrar das folhas, pareciam
Como voz que interroga o forasteiro :
— Tu que vens das cidades turbulentas,
Profano evohé perdido lá da orgia,
Que procuras ? Silencio, paz, conforto,
Guardam a porta do retiro santo.
É boa a solidão para os que soffrem;
Entra e vê, forasteiro da existencia. —

Resoava assim a lugubre floresta,
 Ao perpassar das auras pelas grimpas
 Dos robles corpulentos.

Vão entrando

Na emmaranhada selva, e o silencio
 Pousou-hes sobre os labios. Escutava
 O moço a amena voz de tantas dryades,
 Os mysterios do amor que vão lá dentro.

De espaço a espaço a brisa interrompia
 A sagrada mudez. Suspende Amphínomo
 De um sycómoro as vestes alagadas,
 Sobre a macia relva se reclina
 Ao suave calor do sol que nasce ;
 Pendido o rosto na dourada lyra,
 Dormiu, vieram vê-lo as doudas nayades.

X

O casal da escarpa

Euryalo, o bom velho, se encaminha
 A choça humilde, erguida sobre a encosta;
 Vem avisar a filha, a de alvo seio,
 Que um hospede a seu lar um Deus envia.

Sorriu-se Clytia ouvindo a alegre nova,
 Deixou de mão a teia de lã fina,
 E foi mungir as cândidas ovelhas ;
 Levou á fonte o eantaro, cingida
 Das roupagens ceruleas, mais galantes.
 Viu-se depois na lympa crystallina ;
 Foi crestar as colmêas, brancos favos,
 Os mélicos panaes no cendal trouxe,
 Aguardando solícita o momento
 Em que visse o bem-vindo forasteiro.

XI

O templo de Apollo

Amphínomo desperta ao rir das nayades,
 Que deixando do Ínope a torrente
 Vieram vê-lo ! e na hora mais lasciva
 Acorda, segue-as; rápidas se escondem.
 Vem Euryalo, ri-se; o moço córa
 Ao vêr o sacerdote.

Ambos se embrenham

No mysterioso bosque; o moço pasma
 Vendo no alto o excelso monumento:
 Era o templo de Apollo.

Volve o antiste:

« Vem pois sagrar ao deus a tua lyra ! »

XII

Paeon

« Oh Deus que tanto amaste a esquiva Daphne,
 Que do perdido amor só tens agora
 A grinalda virente;

Que de Eurynone a filha meiga e flascida
 Cantaste em tua cythara maviosa
 Com languidos suspiros;

Oh cynthio deus, Apollo arcitenente,
 Como ouviste de Clicia a voz magoadá,
 Meus gemidos escuta :

Lesbos, Paros e Creta, Chio e Naxos
Repelliram tua mãe! Quiz ser teu berço
A vicejante Délos.

Por isso é Délos perola entre as Cycladas,
Por isso deste á nympha da onda egêa
O venerando templo.

Do naufragio no horror me acolheu Délos:
Assim tambem me guarde a lyra de ouro,
Que a ti consagro, oh nume ! »

XIII

A. dedicação da lyra

Entraram no recinto. É tudo aromas,
Tudo purpura rica de Sidonia,
Que as perolas de Ophir bordando esmaltam.
Aproximam-se da ára, o véo fluctua,
Geme a brisa nas franças do loureiro. . .
Dentro muge a caverna ! o mais . . . mysterio.

XIV

Clytia

Vinha descendo a escarpa o velho antiste ;
Ao lado o forasteiro. Avistam longe
A solitaria choça, quasi occulta
Entre loureiros verdes; era á hora
Em que a cigarra canta com mais vida,
Escondida entre a sarça, quando o armento
Repousa manso á sombra. Os dois caminham

Descendo pela encosta, á choça chegam,
 E á porta no poial se assentam ambos.
 Falias de longes terras, de outros usos,
 Do naufragio e de amor. ..

Quando, apparece
 Clytia, a filha de Euryalo! Ao vê-la,
 Do joven estrangeiro os olhos de agua
 Se arrasaram de subito; emmudece.

Como Clytia era bella! A vista louca
 Ao chão desceu, e um timido sorriso
 Fluctuava nos labios purpurinos.
 A delicada mão, nevado seio
 Que alvo linho da Iónia mal esconde,
 Para ostentar o amor brincão, travesso,
 Que em seus olhos pullula ; a côr do pêjo,
 Os movimentos flascidos e airosos,
 As pequeninas falias que endoudecem,
 São delírio de amor onde a alma vôa !
 As donzellas de Sídon e de Tyro,
 De Cós e Iónia, herdeiras engraçadas
 Da alma ardente de Sapho, oh ! não possuem
 Como a virgem de Pырpole taes mimos.
 Que imporia o sceptro para não amal-a ?

Tranças soltas de Timo, que inspiraram
 Canções a Meleagro em lyra eburnea,
 Não excedem por certo em gentileza,
 Os seus anneis dispersos, ondulantes.
 O sorriso mavioso de Anticleia
 Não diz amor tão puro. Ella sómente
 Tem uma lyra onde esse amor desfere,
 Com que alegre a velhice a um pae cançado ;
 E nympha occulta em candida donzella :
 Ha quem, sendo mortal, se atreva a amal-a ?

Córou a face linda ! Era o segredo
Mais intimo de Psyche, era a harmonia
Da brisa ao perpassar nos seus cabellos.
Lançou a Amphínomo um olhar ardente,
Não deu por isso o joven pensativo.

E Clytia amava o naufrago em silencio ! . . .

XV

A amphora de onyx

Sorrindo acode Euryalo : « Oh filha,
Tão meiga e dócil, minha branca rôla !
Canta um hymno de amor, todo alegria,
Pois que um hospede hoje entra em nosso tecto ;
Convidaram-no os deuses ! »

Mansamente

Começa a ouvir-se uma aria maviosa,
Um lubrico trinado que suspende
Os sentidos extaticos ; dedilha :

« Parece igual a Deus quem te contempla,
E diante de ti, perto assentado,
Te escuta docemente proferindo
Languidas fallas,

E os graciosos risos ? Tudo isto
Me assalta o coração dentro do peito ;
Mal te avisto me fogem as palavras,
Tacita fico.

A lingua se me prende; e subtil charama
Abrazeia-me toda ; com vertigem
Nada vejo, e um ruido ignoto
Mais me confunde.

Alaga-me em suór pávido abalo !
 Mais livida do que erva da campina,
 Parece-me que a vida me abandona
 E caio exangue.

Mas tudo obriga a proseguir. . . »

Calou-se.

Como que a selva escuta e aprende as notas,
 Que philomela, a sócia dos retiros,
 As decóra ! Quem sabe, era a sibylla ?
 Era a deusa baixada sobre a nuvem?
 Era Clytia ! Acabado *o novo* idyllio,
 No alvergue entraram juntos.

Agua pura,

Mel do Hymetto do favo a distillar-se,
 Vinho antigo de Chio, e mais que tudo
 Fraterna paz em volta, á mesa tinham.

Entrega ao forasteiro o sacerdote
 Uma amphora de onyx, lavor insigne !
 Coroavam-na folhas de ceryntho ;
 Por ansas, duas d'ellas destacando
 Da flexivel vergontea. A linda taça
 Por attico cinzel fôra esculpida,
 Bella como a odesinha mais lasciva
 De Anacreonte : o magico relêvo
 Mostra Léda a banhar-se com delicia
 Do Eurotas nas espelhadas aguas.
 No seio de alabastro as mãos de neve
 Pudibunda cruzando, parecia
 Do reflexo da onda recatal-o.
 Arfando voluptuoso vinha o cysne
 Encobrir com a aza o verticéllo
 Mais pudico da flôr.

Prodigio de arte

Para Jove libar no Olympto o nectar !

XVI

A. lyra, eburnea

« Aceita, oh poeta, esta amphora, ganhada
Por mim, quando inda amava Galathêa,
Dos loureiros da Arcadia á fresca sombra.
Bebe-a toda ! que o vinho é chuva de ouro,
Riso da inspiração, que alenta as fibras
Da lyra marchetada. O velho Homero,
O doudo Anacreonte, Panyasis
Cantaram-no; oh dilectos da harmonia !
Com voluptuoso somno o vinho cerra
Á luz do mundo as palpebras cangadas;
Faz acordar no Olympo entre delicias.
Infeliz do que ignora os seus encantos !
Como é bello sentir correr nas veias
Da terra o sangue venerando e puro !
Rejuvenesce o ancião, se o labio toca
Exhilarante cymbio que trasborda;
É como em quadra hyberna o dia escuro
Que se alegra de subito, se brilha
O rutilante sol por entre as nuvens.
O vinho, o irmão do fogo, é alliança,
É a graça dos cantos, o delirio
Da frenetica dança, amor e vida.
Orvalho matutino, o peito é o calix
Onde em mel de poesia se converte.
Quando serás, oh pampano virente,
Corôa de triumpho que eternize
Quem vir o fundo ás taças empinadas ?
Oh meu hospede ! apaga da memoria
As lembranças da patria, essa tristeza
Que te corroe da vida a essencia debil ;
Bebe ! — affoga-a no oceano de alegria !

A taça é largo oceano côr de rosa,
Onde o naufragio é dôce ! Desgraçado
O joven que em seus labios purpurinos
De Nyctileu os osculos despreza,
Que assim despreza o extasis de um trago.
Do ruidoso festim ledos convivas
De seu gremio o repellem ; gloria alcança
Quem firme, em punho o copo, desafia
O deus que anda enfeitado de corymbos.
Só para elle a festa guarda encantos;
Voz sincera, expansiva acode, exprime
Sentimento de amor, verdade, tudo.
Bebe pois, oh poeta ! na tua alma
Acorda o entusiasmo tumultuante,
N'uma mão ergue a taça, n'outra a lyra ! »

Na ryra eburnea a dedilhar, sorrindo,
Clytia vira o rubor do lindo moço ;
Findo o frugal convívio, o alegre antiste
Ao umbral do tugurio se recosta,
Ao tepido fulgor do sol da tarde,
E solta ao som do harpejo a voz canora:

XVII

A HOSPITALIDADE ANTIGA

PROLOGO

« Filhos ! veloz passára aquella idade de ouro,
Quando aos homens baixou de Délos o deus louro.
Desconhecida então a dôr e amargo choro,
Formava toda a terra augusto, immenso côro,
Cantando a mão de quem vê tudo das alturas,
Os mundos e a luz, e as gerações futuras !

Quando era a terra o templo, as almas o psalterio,
 A vida um culto, o céu cortina do mysterio,
 Vinham bordar o empyreo innumeras saphiras;
 Amphion, Lino e Orpheo pulsavam suas lyras:
 Soltos á doce voz, sentiam os rochedos
 Magnetica attracção ! dulcissimos segredos
 Dizia a rude lyra, e a múrmura corrente
 De ouvil-a assim cantar parava de repente.

Quebrada a corda já, perdida essa harmonia,
 A terra gerou logo a Hydra, a Sphinge, a Harpia !
 Surgiu tambem no mar Carybides e Scylla,
 E coriscou no céu minaz, rubra favilla.
 Na lobrega caverna Encelado relucta,
 Na íncude o bater do Cyclope se escuta.
 Eis de Pandora aberta a horrifica boceta,
 Saíu de dentro o mal e quanto o mundo inquieta ;
 Mas ai, sè a dôr e o mal na tétrica alliança
 Nos não deixassem vêr no fundo a esperança !

A doça de Phïmm

Desceu á terra Jove, ignoto peregrino;
 Não vem sobre a aza má do negro torvellino,
 Ou por senda de luz que em noite estiva e bella
 Deixa após si nos céos uma cadente estreita:
 Baixou como um viajante anciado de fadiga,
 A quem lobo nocturno a caminhar obriga.
 Por servo, um pouco atraz, firmando-se ao cajado,
 O deus do caduceo de andar vinha enfadado.
 Que vêm fazer ao mundo estes excelsos numes ?
 Quem sabe?

Vêm ouvir de perto ais e queixumes,
 Vêm vêr a dôr e o mal correndo a terra em bando;
 E foram pela terra andando, andando, andando.

Á Phrygia chegam já cançados e poentos,
 Batem de porta em porta ! e os surdos opulentos
 Abrigo lhes não dão, ninguém lhes mata a sêde;
 Um d'elles o sentar-se em seus umbraes impede !
 Então disse Mercurio ao deus a quem seguia,
 Saudoso já talvez do nectar, da ambrosia,
 Que á mesa tem no Olympo :

— Acaso a terra toda

Segue este caminhar ? Vou attentando em roda,
 Só vejo a escravidão, a angustia e a agonia,
 O riso mofador, o estrepito da orgia !
 Dize-me de que céu tamanho estrago chove ?
 — « Das mãos do homem, só ! (com dôr responde Jove)
 Logo que o cofre abriu que Pandora mostrara,
 Na terra germinou esta horrida ceara
 De raivas e de embustes, de odio e atroz vingança !
 Vamos nós respigar n'esta ceara a esperança.

E foram caminhando !

Havia calma ardente.

Mercurio fatigado e já impaciente
 De tanto collear veredas tortuosas,
 De confundir-se mais nas sarças espinhosas,
 Nem via a messe loura ondeando com a aragem,
 Nem aura no arvoredado a dar sua mensagem,
 Nem ternos rouxinoes cantando' seus amores,
 Suavisando o affan dos bons trabalhadores.
 Caía a amena tarde ! ambos os caminhantes
 A longa estrada ao vêr pararam por instantes.
 Convinha descansar ! Descia lenta a noute,
 E alli perdidos, sós, sem ter quem os acoute !

Avistam muito além, saindo de um vallado
 Um vulto sob um mólho a caminhar curvado.
 Já proximo os saúda o tremulo velhinho,
 Que o mólho ás costas leva, e segue seu caminho:

— Bom velho, (disse o deus) quando eu para ti olho,
Bem penso que o viver te pesa mais que o mólho,
Que assim te faz vergar e quasi ao chão te inclina.

E juntos vão subindo a ingreme collina.

Sorriu-se o pobre velho, e um ár sincero e crente
Na fronte lhe reluz ao fulgido crescente
Da lua que emergiu da nuvem que a esconde.
Sorriu-se o pobre velho e assim ao deus responde:

— A vida é boa; é lei que sobre todos pesa
O trabalhar; que importa a agrura da pobreza !
Lidei: no meu casal repouso encontro agora;
Depois revivo, acordo á luz da alegre aurora.
Vou vêr o meu pomar que fructifica o orvalho ;
A troco de suór meu improbo trabalho
Em ouro se converte, e a farta novidade
Inunda o nosso lar de tal felicidade. . .

Dizendo isto, chegava ao cimo da collina;
Em baixo mostra a choça humilde e pequenina.
Contente o velho torna:

— Honrae minha pousada,
Depois sem medo ireis, raiando a madrugada.

Sentada á porta estava Baucis, a consorte,
A recebê-os vem com intimo transporte.
Olhou para Mercurio o Deus que os raios lança,
Dizendo-lhe em segredo:

— Achamos a esperança ! —
Sentaram-se ao luar, a ceia estava prompta;
(Mas prompta para quem com hospedes não conta.)
O deus conheceu logo a candida pobreza,
A benção da abundancia espalha sobre a mesa :

De mel, de fructa e vinho a parca mesa é cheia ;
Era mais dôce o mel que o leite de Amalthea;
O vinho ! o odor que exhala é aroma da ambrosia,
O fructo era a concordia, a alegre companhia.

— Philémon ! . . . (brada a esposa) oh como á vil choupana
Guiaste a divindade occulta em fórma humana ? —

E lançam-se por terra.

O nume alli circumda
O divinal fulgor, que a pobre choça inunda. »

XVIII

Clytia depõe a lyra. O sacerdote
Deixa pender a fronte sobre o peito,
E todo absorto na visão celeste,
Ficou mudo, suspenso, como em extasis;
Depois adormeceu. N'este silencio
Que não diria o ardente olhar de Clytia
E o assombro do triste forasteiro ?

Beijaram-se uma vez. . . dôce delirio !

RHAPSODIA IV

AMOR E INICIAÇÃO

I

A. benção patriarchal

Tinha acordado o ancião, Era tranquillo
Aquelle despertar sereno e vago
Como o saír da lua d'entre a selva.
Sorriu-se ao vêr o hospede e a filha
Distrahidos beijando-se. . .

Coraram !

Euryalo os abraça com carinho,
Confunde em terno amplexo o par mimoso,
Abençôa-o, dizendo no seu jubilo :
— « Abraça, oh Clytia, o irmão que o céu te envia ;
Genio de amor o guia ao tecto nosso !

Pousando as mãos sobre as cabeças louras,
Põe os olhos no empyreo e reconcentra
Na férvida oração sua alma pura ;
Lagrimas silenciosas pullularam
Pelas faces dos dous.

Descia a noite,

VISÃO DOS TEMPOS

A selva murmurava seus louvores,
E pelo escuro azul do firmamento
Reflectiam-se as côres da saudade !
Passava o sul. Na praia solitaria
O rebentar da vaga somnolenta,
O suspirar d'Alcyone, o horisonte,
Dava tudo ao crepúsculo esse encanto
Que alma entende, e os lábios não exprimem.

II

As andorinhas do outro verão

E quando assim choravam de alegria,
Vem pousar-se no colmo da cabana
Casal de buliçosas andorinhas.
Parecia que o jubilo as matava !
Regressavam do exilio; ambas conhecem
O sitio onde embalaram seus amores;
Vieram visital-o, contar maguas
Da longa migração. Como hade ouvil-as
O colmo que guardou seus ermos ninhos !
E o casal volitava; era ao sol posto,
Clytia e o hospede e o velho sacerdote
Ao limiar do albergue se assentaram.

III

O milesiano

Disse Euryalo:

— « Oh joven, em meu tecto
Não és hoje um longinquo forasteiro,
És filho! Filho, é um pae que t'o pergunta:

Como é teu nome ?

« Amphínomo.

— « E a patria ?

«Em Mileto nasci ! terra querida,
Enchem-se os olhos d'agua ao pensar n'ella!
Ventos que de lá vindes, ai, na volta
Não conteis que me esquece a minha terra.
Sou de Mileto, sim, de Antémor filho. . .

— «Tu, principe! e aqui? Filho d'Antémor. . .

(Disse, e a fronte occultou no brando seio,
Que destino te trouxe a nossas terras ?
Que oráculos fatídicos da patria
Tão longe te afastaram ?

Como um fio

De perolas se rompe e solta a frouxo
A corrente das bagas luminosas,
Assim nas lindas faces do mancebo
Lágrimas silenciosas desfiaram.

IV

Reconhecimento

— « Se conheci teu pae ! Eramos ambos
Mancebos e guerreiros ... Como os tempos
Nos vão fugindo rapidos, saudosos !
No campo da batalha é que estreitámos
O vinculo fraterno. Inda me lembro,
Como se mesmo agora acontecesse !
Findava o dia. A sanha recrudesce
A embriaguez da lucta, e na planicie
As hostes se recontram ! Freme a terra,
As settas voam, lanças se espedaçam,
A calma ardente exalta o horror da briga.

Os cavallos da Media corajosos
 Com altivez relinham ! paira incerta
 A sorte do combate, e de um imperio
 O destino se joga. Ia descendo
 O sol para o occidente; eis das quadrigas
 Os heroes saltam, correm, peito a peito,
 Braço a braço, atrevidos nutam, cáem,
 Mordem a terra; e o Orço abre as gargantas
 Para sorvel-os todos, como o oceano
 Sorve os restos de um misero naufragio !
 Como as folhas já pallidas do outono
 Varre o vento na gemedora selva,
 Vão baqueando as fileiras !

Se me lembro!

Fechando-se ia a noite lentamente,
 Quando um chuveiro, subito, de settas
 Me traspassou; cahi. Desesperado
 Nas vascas da agonia, mortal sêde
 Tornava mais horrendo o transe escuro.
 Ao cêo ergui os olhos ; lá subira
 A voz do angustiado, quando ao perto
 Em célere quadriga, triumphante
 Desfilava um guerreiro ; conheceu-me,
 Entendeu meu gemido ! Oh ! se me lembro !
 De Mileto era o principe; do carro
 Baixa, e a sêde me estanca atroz da febre.

« Meu pae ?

— «Teu pae, oh sim, joven herdeiro
 De sua gloria, de tão grande nome.» —

E lavados em lagrimas se apertam,
 A eloquente mudez que não diria !

— «Descobre agora, Amphínomo, os teus males,
 Conta-nos o miserrimo desastre:

Como isso hade custar-te !

« Não importa ;
Sinto allivio ao contar tantos trabalhos. »

Aproxima-se Clytia, o velho escuta.

V

A. narração do hospede

« Gémeos do mesmo seio e no infortunio,
Orphãos de mãe, amámo-nos. Sorria
Em nosso amor a timida candura;
Era Nais tão linda; oh quantas vezes
Erravamos sósinhos pelas varzeas
Correndo após a leve mariposa !
Outras vezes sentados junto ao lago,
Sonhavamos venturas infinitas,
Que nos deram prazer, occultas máguas,
Doces máguas, por cedo nos mentirem,
Prazer, por tão risonhas enganarem !
O segredar das ramas do salgueiro
Com a corrente mansa não imitam
Nossas falias de amor ! Fugiam ledos
Esses ditosos annos de innocencia,
Como passa ligeiro o mez das flores,
Ou como cáe o não tocado pômo.
Riso infantil de amor, nas azas brancas
Do teu delirio ostenta-me o passado !
Minha irmã, com seus olhos buliçosos
Buscava sempre os meus, que o amor baixava ;
Redobrava de encantos ! Tive medo
De vir a amal-a tanto. Ella, mais linda
Cada vez, porque o amor crescia n'ella,
Apertava-me a si; cálidos beijos
A face de rubor me affogueavam.

Tentei fugir-lhe sempre ! E sempre Nais
 Ia encontrar-me no alcantil das serras,
 Na espessura dos bosques, pensativo,
 Pela soidade a dedilhar na lyra.
 Ella disse-me um dia, delirante,
 Não sei que fogo ardia nos seus olhos ?
 Nais disse a abraçar-me doudamente:

— Alta noite, no teu virgíneo leito,
 Como o ecco da selva adormecido,
 Amor levou-me a vêr-te. Triste, inquieto,
 Como se intimo sonho te agitasse,
 Tu sorrias. . . quem sabe ? era a poesia
 A dar-te um beijo, o mais voluptuoso;
 Teu seio palpitante, descoberto,
 Fascinava-me ; e quando. . .

Tu somnambulo

Ergueste-te do leito, mal cingido
 No cendal transparente! o alvor da lua
 N'esse instante espreitava da janella;
 Era tudo silencio, amor, segredo !
 Segredava tua alma, o que? Fallaste
 Em partir ! Para onde? Alfim na lyra
 Pousaste a mão inerte. Os sons dispersos,
 Diluvios de harmonias mal distinctas,
 Retratando a incerteza de tua alma,
 Enlevavam, matavam-me de encantos.
 Quiz apertar-te nos meus braços tremulos,
 Confundir-te na luz do amor que sinto !
 Receei acordar-te. Era tão bello
 Teu somno de innocencia ! —

VI

Assim fallava.

Não me deixara ouvil-a mais meu pranto;

Sorriu-se com desdém. Desde esse instante
Tentei abandonar o lar paterno,
Percorrer longes terras; d'este modo
Talvez que essa vertigem se esvaísse.
Meu pae comsigo em vão buscava a causa
Da estranha dôr que a face reflectia ...

Um dia ao vêr-me triste e solitario,
Entre afagos me disse:

— Oh filho, occultas

No intimo do peito angustia seva ;
Nem buscas para a mágua dôce allivio ? —
E eu lhe disse, lançando-me em seus braços,
Banhado o rosto em lagrimas ardentes :
Hade o filho de Antémor ser o herdeiro
D'um sceptro, sem também lhe herdar o arrojio ?
As glorias, os triumphos me enamoram;
Vou a Elida, ás festas turbulentas,
Corro aos Jogos olympicos ! Sou moço,
Quero ir abraçar Hercules, com elle
Ensaiai-me em athleticas palestras.

VII

Meditei longo tempo. Da partida
Affligia-me o golpe; era um inferno
O que tinha aqui n'alma ! amava-a tanto !
Sorria-me esse amor ; quiz combatel-o,
Senti-me debil, fraco ! auxilio invoco
A harmonia da lyra ; os sons vehementes
Acordavam-me ideias de volupia.
Quebrei-a ! Desvairado me escondia
Nas reconditas furnas da floresta.
Era esplendido o ce'o, o azul tão puro !
Ao céo levanto os olhos, senti forças ;

Supplicando conforto á divindade,
Alfim pude lutar tambem commigo.

Acordei do meu extasi ao queixume
De um velho cego e triste, abandonado,
Que se abraçára ao tronco de um loureiro,
Que no cairel do abysmo florescia.
Queixa amarga e sentida ! Conduzi-o
Para o marco da estrada, e ahi me entrega
Reconhecido a lyra, que inda ha pouco
Te dediquei, oh nume !

— Oh vae, me disse,

Vae a Chio, a de pampanos virentes,
Que a onda egêa abraça; lindos moços
Coroados de louro, doudejando,
Cantam por lá nas festas sonoras
Do filho de Crytheis. Vae procural-os,
Desafia-os ; bem sei que á gloria aspiras,
O triumpho te segue, ao mar em breve ! —

Da lyra extráe uns sons melodosos,
Sons que vem d'alma, eguaes aos que sentimos
Quando trasborda n'alma o regosijo.
Que transfiguração sublime, estranha !
E quanto mais dedilha, ethéreas fórmas
Ostenta divinaes. Já me deslumbra
O fulgor de tal vista ! Exhala em volta
Suavíssimo odor que tudo inunda
De ineffaveis delicias: n'esse instante
Poz-me a lyra entre as mãos; ao elevar-se
Sobre as ondas sonoras, remontando
Pelo azul da amplidão, me diz:

— Ao nume

Que essa lyra te ha dado entrega-a um dia. —

VIII

Quem era o excelso nume ? onde o seu templo ?
N'essa tarde parti. Veleira a barca
Singrava para Chio, a pampinosa.

Irada Venus, por fugir seu culto,
Fez soltar no regresso as tempestades,
O naufragio, e a morte. . . o amor. . . »

Sorriu-se,

Comprehendendo a timida palavra,
Enamorada Clytia. Sobre a fronte
Do venerando ancião cahiam mudas,
Irrepressiveis lagrimas candentes.
Era a lembrança de um tremendo oraculo,
Que á mente lhe viera, horrivel, feio.

IX

O oraculo

« Porque vamos mais longe ? » acode o joven
Ao vêr o ancião com vagarosos passos
De Cynthios o alto píncaro subindo.
Vinha raiando o sol, viva alegria
Diffundindo por toda a natureza.

Voltou a fronte o venerando antiste,
Tal se um raio do sol o deslumbrasse,
E disse ao vêr o príncipe proscripto :

— « Descancemos n'este ermo; ao pé do templo
Te descubro o recôndito mysterio
De uma lagrima; filho, oh filho, escuta. . .
Ai, se Clytia adivinha o meu segredo !

Sentaram-se. O cançado sacerdote
 Sobre o peito apertou do forasteiro
 A cabeça gentil, mudo, chorando.
 Foi profundo o silencio. Um ai sentido
 Arrancou-lhe dos labios taes palavras :

— « Um dia, Clytia, aquelia que amas tanto,
 Aurora da velhice de meus dias,
 Voltou da caça á hora do sol posto.
 Trazia exangue timida gazella
 Que no monte frechára. Ao hombro o arco,
 O faretrado coldre, tinha o garbo,
 O andar, a magestade de Diana;
 Fui offertar ao deus a sacra victima.

X

Tres folhas do loureiro sagrado

Interroguei o oraculo. Era mudo,
 Senti um santo horror ! e vacillante
 Interroguei-o acerca do futuro.. .
 Ouvi sómente o ecco de meu brado.
 Dolorosa vertigem! De repente
 A caverna restruge, o véo fluctua.
 Perpassa um rijo vento. . . e vi soltarem-se
 Do loureiro tres folhas. Que presagio !

Aterrado caí; fria rajada,
 Sibilando nas franças do loureiro,
 Quasi dizia no feral susurro :
 — Offerenda fatal da formosura,
 Ai funebre despojo de um naufragio!
 Afasta a ira da offendida Venus. —

Não sei que mais ouvi. Ergo-me pálido,
 Nas thuricremas áras sacrifico,
 Para aplacar o vingativo nume
 Qualquer que fosse a victima votada.

Permaneceu o ancião meditabundo,
 Como o nauta que espreita silencioso
 A nuvem que o horisonte lhe cerrára.
 E depois murmurou:

— « Tres folhas ! . . . Venus,
 Um naufrago. . . funesta formosura ? . . . »

As lagrimas lhe saltam copiosas,
 E delirante exclama :

— « Oh salva-a ! salva
 Minha filha! o meu unico thesouro.
 Fuge ! fuge, fatidico mancebo ! . . .
 Mas eu amo-te tanto. . . és também filho ! . . . »

E enlaçado de Amphínomo no collo,
 Pendida a fronte, as alvas cans dispersas,
 O antiste mal sustinha o inerte corpo.

XI

« Como posso eu fugir a taes destinos ? »

— « Sim, fugirás, (Euryalo responde)
 Curvemo-nos ao nume ! Já vem perto
 As Festas de Theseu; alvejam longe
 Da Não sagrada as infunadas vélas.
 Theóris vem sulcando a vaga iónia ;
 A brisa, que murmura pela gávea,
 Dos Deliastas confunde o alegre canto.
 A Athenas irás n'ella; assim regressas
 A Mileto, ao teu reino. Oh para a fuga

Convém que te inicie nos mysterios
 Que lá vão celebrar. Escuta, Amphínomo:

XII

O CYCLOPE

(Iniciação na montanha)

PROLOGO

Cahiu por fim vencida a raça inclyta e fera,
 A raça dos Titans, que a terra hoje não gera;
 Um deus a derrubou !
 Nos páramos do Orco attonita se esconde,
 Lá dentro o raio estala, e o ecco, se responde,
 A dôr não o vibrou !

Encélado convulso na horrida caverna
 Titanica ameaça ergueu ! ameaça eterna,
 Em vez de acerbos ais !
 Repousa Jove altivo o sceptro, e o mundo espanta;
 Assim findára a lucta ! O Olympo ethereo canta
 Em córos triumphaes !

Mas o forte será por sua vez vencido !
 O deus, que abrange o espaço, encontra Amor perdido,
 E vence-o doudo amor !
 Faz d'elle quanto quer: agora é manso touro,
 É satyro lascivo, é cysne, é chuva de ouro,
 Que orvalha occulta flôr !

O touro nedio e manso era alvo como a nata,
 Do azul dos olhos seus, que a mansidão retrata,
 Quem hade recear !
 Lambe a mimosa mão que tímida o enfeita,
 Travessa Europa está sobre elle, e não suspeita
 Que a leva pelo mar !

E o cysne ? parecia a fluctuante lyra
 Vogando pelo rio ; saudoso, ermo suspira,
 Lastima dor egual !
 Banhava-se a sorrir de Tyndaro a esposa;
 Ao collo toma o cysne. . . ah, como a mariposa
 Fecunda a flôr do vai !

Que lindo orvalho de ouro esmalta o azul do espaço !
 De Acrisio a filha ao vêl-o airosa abre o regaço,
 No collo o nume tem !
 Amor que não fará ? o amor ardente e vivo
 Faz tudo quanto quer, em satyro lascivo
 O deus tornou tambem !

E ao que fez baquear a Titanica raça
 Com raio vingador que os impios despedaça,
 Amor doudo o venceu !
 Fez d'elle quanto quiz! fez d'elle orvalho de ouro,
 Um satyro lascivo, um cysne, um manso touro;
 Fez-lhe esquecer o céu !

PRIMEIRA PARTE

O leito dumeo

Não foram esses, não, os unicos favores,
 Que Jove conquistara em perfidos amores.
 Como volita e foge a aragem pela sésta,
 Seméle assim se esquivava ao nume que a requesta.

Tredas fórmis gentis em vão elle assumia,
 Nenhuma namorava a filha de Harmonia.
 «Sou Jove!» alfim lhe diz. Semeie devaneia;
 Amada por um deus!. . . e jubilosa anceia.
 Já vencida se mostra aos olhos de Tonante,
 Que só raios de amor dardejam n'esse instante.

Languesce a meiga flôr ao declinar do dia. . .

Muda, raivosa, Juno occulta tudo via!
 Espera com ardor do amante a despedida,
 E na vingança atroz medita enfurecida.
 De uma aia carinhosa e antiga os áres toma,
 E com sorriso falso ao limiar assoma.

A saudosa amante, em pranto debulhada,
 Accusa o deus que olvida a volta suspirada.
 Aproxima-se a ama, e com fallaz carinho
 No peito lhe insinua o doloroso espinho:

«O amado que em teu collo ás vezes se adormece
 «Não é Jove», lhe diz.

— «Pois quem tem, senão esse,

A magestosa fronte, os olhos coruscantes,
 O labio que incendeia em fogos delirantes,
 O divino fallar que o peito me commove?
 A quem Semeie amára, a quem, a não ser Jove?

Mas encendida a deusa em rábido ciúme:
 «O moço te enganou! decerto não é nume;
 Bem vês que elle não sáe da nuvem rescendente,
 Que transporta dos céos á terra de repente,
 No olympico esplendor da augusta magestade,
 O deus que no relance abrange a immensidade.»

Deixou-a triste, incerta, em lucta violenta,
 Triumpho o amor na lucta, e n'ella mais se augmenta !
 Cerrou-se o horisonte, e em tão saudoso instante,
 Eil-o regressa alfim o suspirado amante !
 Cingindo-a contra o peito, a nivea face oscúla,
 Languesce e com delírio as falias articula:

« Porque choras assim ? os olhos teus formosos
 Que dôr veio turbar de prantos pesarosos ?
 Doce anhelos de amor do peito não exhalas,
 Nem me apertas a ti ? Semeie, não me falias ?

— « Trahiste-me ! não és, não és o excelso nume !
 Clamou Seméle enfim, rompendo o seu queixume.

« Sou Jove, o deus que lança os raios ! . . .

— « Ah se o fosses,

Tornáras do meu pranto as lagrimas mais doces.
 Se o és, mostra-te altivo, excelso, irradiante
 No olympico esplendor. . . »

Sorriu-se o doudo amante ;

Doloroso sorrir ! talvez porque presinta
 Vêr ao clarão do sol a flôr mimosa extincta.
 Ia alta a noite. Deixa o deus o eburneo leito,
 Leva uma intensa dôr no intimo do peito,
 E foi subindo o celso Olympo, sem ruido,
 Temendo realisar um tão fatal pedido.

A caverna de Lemnos

Era tudo silencio a essa hora nas alturas !
 Em baixo o furacão fracassa as espessuras
 Da selva secular, e horríficas procellas
 Borrifam com a vaga as nítidas estrellas. . .
 Noite sombria, aziaga ! Inquieto, triste e lasso,
 O deus se remontava aos páramos do espaço,
 Que a noite inda envolvia em denso, opaco manto.

Como um grito feroz de desespero e espanto
 Que o vencido arremessa ao baquear em terra,
 De subito uma voz fatal, que o nune aterra,
 Eocôa pelo ár, interrompendo anciosa
 A sagrada mudez! Assim águia orgulhosa,
 Pairando sobre o abysmo, eleva o eterno grito,
 Se o raio a traz de encontro á rocha de granito.

O deus pavido escuta, ainda distrahido,
 Pelas soidões do espaço o ecco repetido!
 Era a voz de estertor de um peito em dór immerso,
 Que vinha fria já do fundo do universo.
 O deus tocava quasi a cima do alto monte;
 Lançou ao longe o olhar, perscruta o horisonte;
 Nada alcança, e galgando os cumulos immensos
 Dos nimbos que no ár vogam ermos, suspensos,
 Apenas vê, do alto, o mar, a tempestade
 Sacudindo a aza negra em plena immensidade.
 Urra o vento na selva, e mais alto que o vento
 A queixa atroz eleva o ignoto soffrimento.
 O deus pára, contempla a machina do mundo,
 Lança depois a vista ao abysmo profundo,
 Sente que de lá vem essa estranha harmonia;
 Fixa mais o relance, espreita. . .

O que veria?

Era um Cyclope enorme, absorto em seu trabalho,
 Cantando ao estridor das pancadas do malho,
 Na solidão da noute e ás horas mais remotas.
 Na incude a pancada acompanhava as notas,
 E ao som que ia vibrando o raio incandescente,
 Pyrácmon e Bronteu dormiam longamente.

Canto do Cyclope

« Guerra eterna de morte! Em cima o deus se esconde,
 E ao grito de afflicção, lá, com trovões responde!

Inaccessível, só, no azul da immensidade,
Concentra a vida em si, a luz e a verdade.

Deixa o homem com dôr errar em densa treva,
E vem-no derrubar quando elle mais se eleva.

Mas no fundo do abysmo um dia quebra a algema,
Escala o céo e rouba a perola ao diadema.

Elle o supplanta e diz, quebrando o braço inerme:
— Revolve-te, mortal, na pequenez do verme! —

Encélado caíu; já Prometheu baqueia!
Que importa? hade outra mão romper essa cadeia.

Vêr-me eu forçado, aqui, no fundo da caverna
Os raios a forjar que vibra a dextra eterna! . . . »

Nas fauces pára a voz! o gesto é fero, hediondo,
Terrível, mas sublime! e ao repentino estrondo
Do malho que lhe cáe das mãos e o ár atrôa,
O deus ao celso Olympo inflado parte, vôa,

O banquete no Olympo

Inspira erguida taça
Frenetica alegria
Na mente que esvoaça,
No canto que extasia.

O nectar se derrama
E em languidez embriaga
O olhar que o amor inflamma,
O olhar que incerto vaga.

Risos no ár perdidos,
Lyras no chão dispersas,
Cabellos desprendidos
Em lubricas conversas.

Mas d'essas travessuras,
Na hora delirante,
Um ruido nas alturas
Se escuta. . . era Tonante.

Ao solio se remonta
E os penetraes atrôa,
Contando a dura affronta
Que a impia voz entoa.

E quando o Olympto estúa
Em ira e não descança,
Vozêa e tumultua,
Bradando por vingança :

De raiva transportado
O deus á terra desce . . .

SEGUNDA PARTE

Adomeida

N'um somno descuidado, offegante languesce;
Occultam-na do leito alvissimas cortinas !
É nayade que dorme em ondas crystallinas ;
Cabello destrançado, egual á chamma d'ara
A fluctuar do sul co'a brisa que passára ;
O seio alvo de neve, a furto descoberto,
E o lirio do val que o sol colhe entreaberto.

Era tudo silencio ! as horas tão propicias
 Para fallas de amor e timidias caricias !
 N'esse instante entra o nume. A raiva que o impelle
 Transforma-se em brandura ao vêr dormir Seméle.
 Enlevado a contempla; ah nunca tão formosa
 Se lhe ostentára Juno:

« Oh flôr pendida, rosa !

Não te esfolhe ao passar a brisa matutina,
 Que ao beber teu perfume aério desatina ! »

Abraça-a com vehemencia ! Ai, trépida ella acorda,
 Como quem dá por si do fundo abysmo á borda ;
 Ao vêr o falso amante apossa-se da ira,
 Mas o amor póde mais, e então chora e suspira.

« Porque choras, amor ? dei causa a taes queixumes ?
 Esquivas-te de mim ? de Jove, o rei dos numes ?
 — « Não és Jove ! se o és, que eu veja o meu amante,
 O rei dos numes, hoje, excelso, irradiante,
 No olympico esplendor da sua divindade.
 Quero-te vêr ! assim amar quem te não hade ! »

Mas de repente o deus, dos olhos deslumbrantes
 Deixa fulgir a luz a jorros coruscantes;
 O rosto n'um clarão diáphano se banha,
 A dextra se alevanta ! e d'esta vista estranha
 Attonita Seméle, em terra, espavorida,
 Caiu, como se esfolha a rosa emmurhecida
 Pelas calmas da sésta, ou como a borboleta
 Que vôa em tórno á luz, e morre de indiscreta.

Absorto em sua dôr, nutrindo angustias sevas,
 O nume anciado parte, e embrenha-se nas trevas.

Vozes de ao longe e ao perto

Ainda a ferrea voz do Cyclope raivoso
 Nas solidões acorda o ecco doloroso,
 E ao estrepito atroz dos golpes do martello
 Na incude, cantava um hymno horrivel, bello :

« O homem fórma o deus na mente creadora,
 Depois lança-se em terra e a obra sua adora !
 Baixo, sem ter um braço eterno que o opprima,
 Instincto abjecto o prostra ante o poder de cima;
 O clarão da verdade offusca no mysterio,
 Immola-se no altar, depondo o alto imperio
 Na mão do que hoje reina em toda a immensidade,
 Brandindo atra favilla, erguendo a tempestade.

Quebre-se um dia o sceptro ! Á luz do grande dia
 Bem vejo a divindade — é a Lei, a Harmonia !
 Á mente, quando indaga, e aos olhos não se esconde.
 Olhos meus, onde está ? aonde ? aonde ? aonde ?

Vejo-a ao romper do sol na luz que doura os mares,
 No gemer da floresta e aroma dos palmares,
 N'um sorriso de mãe, nas graças, no carinho,
 Na maviosa canção de uma ave no raminho.
 Vejo-a na viração mensageira de amores,
 Que no rosal doudeja a fecundar as flôres ;
 Na côr que á tarde tem o esplendido horisonte,
 No dôce murmurar de uma argentina fonte,
 No vir das estações, no declinar das éras,
 Na musica sonora e augusta das espheras.
 Contemplo em toda a parte o seu poder immenso,
 E mais me absorvo lá cada vez que mais penso.
 Quebre-se o impio sceptro, e ao vehemente grito
 Confundam-se outra vez o infinito e o finito ! »

Vida! Luz!

O Deus saíu da sombra opaca que o escondia,
E interrompendo a voz acerba da ironia,
Transportado da luz nas céleres torrentes,
Como passa um baixel nas vagas transparentes,
Ao Cyclope lhe deu a vida interminavel,
Deu-lhe o errar no cairel de um abysmo insondavel,
A sêde do saber, que o peito dilacera,
O vasio onde sempre um mundo achar se espera,
O abrasar-se na luz dos arcanos que indaga,
E ao peso succumbir do nada que o esmaga. »

XIII

Assim fallára longamente o velho ;
Brilhante luz de inspiração divina
Envolvia-lhe a fronte ! o horror sagrado,
O mysterio tremendo e o silencio
Prostram em terra o pávido mancebo !

RHAPSODIA V

A INFANCIA DE HOMERO

Criança ainda, mas sonhando glórias
Amphínomo deixara o lar paterno,
Fora ás festas de Homero. Quiz na lyra
Vencer das Ilhas os Aedos todos.

Com que saudade os dias lentos correm !
Desolada e afflicta, Nais olha
Continuamente o mar. Sempre deserta
A cinta azul, extensa do horisonte !
Nem uma vela ao longe, longe alveja,
Que lhe traga o albor de uma esperança.
Tem alagados os magoados olhos
De tanto contemplar o mar já roxos,
Não sabe novas de um irmão que adora !

Inquieta, mal desponta a madrugada,
 Até que as sombras gélidas da noite
 Vêm cora vagar descendo, inquieta fita
 Sentada em seu eirado o mar tranquillo.
 Os rugidos da onda que se quebra
 Na rocha em baixo os ternos ais confundem.
 Leva-lhe o vento o manto e os cabellos
 Revoltos, como vão seus pensamentos.

Nais, a loura filha de Mileto,
 Princeza encantadora ! A Ama ao lado
 Procura em vão trazer-lhe algum consolo.
 Interroga do Oraculo a sentença ;
 Nada responde ! Anciosa sobre a praia
 Sacrifica do mar ás divindades ;
 Invoca as mais propicias. Em vão tudo !
 Nais supplica d'este modo a Antémor :

« Meu pae, meu pae ! que insólita demora,
 Amphínomo sem vir. Sonha ruinas
 Presaga a mente ás vezes. E quem sabe ?
 Oh, mandae apromptar vossas galeras,
 Quero entrar n'uma, ir pelo mar dentro,
 Esperal-o na volta, vir com elle,
 Que traz as palmas de immortaes triumphos. »

Singra o baixel ufano, recamado
 De purpura por dentro. Vão cantando
 As donzellas em coro sobre a pópa ;
 Nais mais triste olhava para as aguas,
 Que ia cortando o esporão garboso ;
 Nada avista pelo ceruleo pégo.
 Enubla-lhe o desgosto o meigo rosto ;
 Pergunta aos nautas a monção fagueira
 De que banda soprava ? Em sua mente
 Juntam-se a medo funebres desastres.

Julga Amphínomo errante pelos mares,
Na borrasca levado a ignotas terras;
Perdido, morto em tenebrosas syrtes.

Como deusa que o mar com o peito corta,
Ia o baixel sereno ! Mar de leite;
Céo de anil; de feição frescos galernos !

Eis que alcyone avistam nas alturas
A librar-se gentil; outras em bando
Denunciam a terra não distante.
Na limpidez do ár leve reflexo
Se desenha: vão-se avivando as côres,
Vão-se erguendo as montanhas, as collinas
Esmaltadas de magica verdura.
As animadas virações da terra
Vêm infundir uma alegria franca.
Era a Ilha de Chio ! Náos sem conto,
Proa á terra deslisam mansamente !
Vêm ás festas de Homero de outras Ilhas.

Disse Nais ao côro das donzellas:

« Vinde afinar o meu dourado plectro ;
Meu canto virginal hade hoje ouvir-se
Nas sacrosantas festas que se fazem
Ao filho de Chryteis ! Heide, por certo,
Descobrir meu irmão por entre a turba !
Só elle poderá vencer na lyra
Os sons febrís que amor em mim desfere !
Heide a seus pés depôr minha grinalda;
Ah, não quero que a pobre irmã conheça,
irei como um dos vates mais crianças
Que ás festas acudiu. Vós, oh donzellas,
Escondei-me estas tranças de cabello
Sob o laço pendente da corôa.

Haode julgar em mim vêr o mais lindo
Dos moços do Archipelago ! Hoje sinto
Sacrosanta alegria que me inspira;
Guiæe o novo Aédo para a terra. »

Levada pelo aceno da esperança,
Lança a donzella os olhos desvairados
Á multidão fervente; não descobre
Esse irmão que solícita procura !
O tumulto redobra-lhe a tristeza.
Attenta escuta os sonoros cantos,
Nenhum da dóce voz lhe lembra o timbre.
Nenhum rosto o de Amphínomo parece;
A multidão abafa-lhe os soluços !
Estava Nais n'esse instante linda,
Fazia delirar de amor ao vêl-a;
Pousára a mão mimosa sobre o plectro,
Era a estatua do mármore arrancada,
Onde um genio divino transluzia.
Olhos de artista a viram; tudo acclama
A candura infantil do novo Aédo.
Nais percorre a lyra ; os leves dedos
Um diluvio de sons no ár espalham,
A multidão estúa para ouvil-a.
A mudez de um oráculo a escuta !
Alfim ergueu segura a voz sentida.
Branda, trememente, arrebatada canta:

— Ouvia-se no ár vago concerto
Que adormentava a noite do Archipélago !
Era o susurro divinal dos rios
Misturado ás cantigas das cigarras ;
Era o gemer das brisas mansas, doces
Conversando co'as aguas e a folhagem !
Eram os largos, azulados mares
A reflectir o ce'õ, bordados de Ilhas,
A cantarem de ignotas maravilhas.

Tudo fallava do sublime Aédo !

Os rios, na corrente prigueirosa,
A requebrarem-se em gentís meandros,
Como braços que a si a amante prendem,
Que doudos vencem, mas vencendo cáem,
Iam dizendo ás ramas dos salgueiros,
Aos eccos longos dos sonoros valles :
« Nós lhe démos um berço de verdura,
E lhe ouvimos attentos os vagidos
No estridor das festas confundidos. »

Tudo fallava do sublime Aédo !

As cigarras, na vagarosa noite
Embebidas no cantico estridente,
Cantavam todas nas confusas vozes :
« Nós lhe embalámos seu primeiro somno !
E enquanto elle dormia, não temido
Pelos do Olympo vingadores numes,
Revelámos-lhe em sonhos o segredo
Que occulta mão vibrou na eterna lyra,
E cada geração ao passar tira .»

Tudo fallava do sublime Aédo !

E em tropel caprichoso vinham, doudas
Como nayades indo á flôr dos rios,
Ou bacchantes que das collinas descem,
Vinham travessas brisas murmurando :
« Nós brincámos outr'ora em seus cabellos,
Nós ouvimos os sons d'aquelle plectro,
E espalhámos no ar o canto novo !
Enlevadas na languida magia
Andamos repetindo essa harmonia. »

Tudo fallava do sublime Aédo !

A onda azul e branca, desgrenhada
 Que vem beijar o alto promontorio,
 Que se vae a carpir de praia em praia,
 O alegre mar Egeu que abraça as Ilhas,
 O brando mar de Myrtho, no ruido
 Que ás musicas da noite se harmonisa :
 « Nós tambem o levamos de Ilha em Ilha,
 Abrimos-lhe os reconditos mysterios,
 Primeiro os disse em canticos aérios. »

Tudo fallava do sublime Aédo !

E as Ilhas, como as pérolas do manto,
 Nymphas dispersas na fluidez das aguas,
 Conchas da profundeza á luz sahidas,
 Respondiam na voz do córo immenso :
 « Aceolhêmol-o cego e foragido,
 Como a viandante que se mostra nume;
 Nós lhe démos altares ! na alegria
 Que inspirava seu canto, só de ouvil-o,
 Ficámos templos por ter sido asylo .»

Após esta cadencia, em que os instantes
 Esquecidos da vida deslisavam,
 Seguiu-se um breve, singular silencio !
 Vem perturbal-o um subito estampido.
 Como de uma cratera que rebenta,
 No ár se espalha o sulphuroso fumo,
 Candente a lava até ao mar escorre,
 Luar incerto a labareda offusca.
 Era o Vesuvio, que exclamou num grito :
 « Não existiu Homero, foi um mytho. »

Mas o susurro divinal dos rios,
E as cantigas ardentes das cigarras,
Os gemidos das brisas mansas, loucas,
Conversando com as aguas e a folhagem,
O mar azul, infindo, as verdes Ilhas,
Proseguiram no placido concerto:
« Nós o vimos ! nós todos o sentimos,
Disputamol-o ainda em dôce briga;
Nós lhe démos o sêr, dentro em nós canta,
ALMA PARENS de toda a Grécia antiga ! » —

No delirio da inspiração, envolve
Auréola divina o rosto a Nais ;
A infancia da'-lhe a graça da poesia !
Quando todos inquietos perguntavam
D'onde viera ? quem ensinára o canto ?
Se era um Deus ? n'esse instante as tranças soltas
Em ondas cáem sobre os hombros, livres;
Eram cabellos de mulher ! Sorriram
Doudos de amor os vates, que lançaram
A seus pés as corôas e as lyras.

RHAPSODIA VI

A ORGIA SAGRADA

I

No banho

O cysne, que deslisa n'agua pura
Do crystallino Eurotas, não vencera
Na graça e candidez Clytia, ali nua
Banhando-se risonha. Era a nascente
Tão limpida ! e os languidos salgueiros
Davam á urna recatada sombra !
Douda, douda a brincar, vendo-se n'agoa,
Namorando umas fórmãs delicadas,
Que delirio de amor não inspirava !
As solitarias aves gorgeando,
As brisas segredando na folhagem,
E o sol por entre as nuvens do occidente,
Vinham tornar essa hora tão propicia. ...

Clytia alegre, dispersos os cabelos,
Lascivo o olhar, mimosa Galathea,
Mais tímida talvez que a loura nayade,
A doudejar na trépida corrente,

Mais occulta que a ondina do nevoeiro,
 Não cuidava que a visse olhar travesso.

II

Viu-a o amante assim, morto de amores !
 Passou-lhe pela mente a voz do oraculo ;
 Inquieto foge.

A deusa de Cythera

Da alva espuma do mar não sáe tão linda,
 Como a virgem do banho; os peitos brancos
 Como a neve dos píncaros do Athos,
 A cóxa trémula, o macio pello,
 E a pyra de crystal onde arde a chamma
 Que incendeia sem vêr-se. . . A filha d 'Hellade
 Era um poema de amor! Na selva muda
 Ouvia-se um canto lubrico e sentido:
 A virgem toma o arco, a aljava, as settas,
 Veloz parte, detem-se, escuta !

Um riso

Adejou-lhe nos labios purpurinos,
 E ao conhecer a voz doce e maviosa,
 Corre aos braços do amante !

Elle cantava:

III

Á. sesta

« Estavas distrahida
 No banho á tarde respirando aromas;
 Ah, vi-te! hora de vida,
 Eu vi-te; n'esse instante
 Pareciam suster-te n'agoa as pomas
 O corpo fluctuante.

Eu. .. d'entre o arvoredado, quasi occulto,
 Temia que o desejo me trahisse,
 Pois tu, cysne do lago,
 Mostravas, na doudice
 De namorar as fórmãs de teu vulto,
 Anhelos ardentes e vagos !
 E vi-te ! . . . n'esse instante
 Pareciam suster-te n'agoa as pomãs
 O corpo fluctuante.

Como eras linda ! as cômas
 Caindo em anneis, soltas
 Ondeavam-te nos hombros,
 Ás quédãs e ás voltas !
 Mais bellas n'esse instante
 Pareciam suster-te n'agoa as pomãs
 O corpo fluctuante.

Irmãs gêmeas da graça
 Unidas n'um amplexo,
 Casal de pombas mansas,
 Throno de amor e da volupia a taça,
 Tremendo, qual nas danças
 Se corres delirante,
 Suscitavam desejos que não domas !
 E ainda n'esse instante
 Pareciam suster-te magoa as pomãs
 O corpo fluctuante. »

IV

A floresta de tnyrtos

Perderam-se no canto. Fascinada :
 « Venceste-me na lyra ; (lhe diz Clytia)

Se me vences no arco ou na carreira
Triumphá teu amor ! Vês este pomo ?
No ár o vou frechar com veloz setta. »

E a setta vò e traz o pomo louro !

« Arco c frecha, eil-os, toma! e se o ferires,
Sem me tocar este hombro, é tua a palma. »

Cáem da mão do joven arco e setta.

« Hesitas ? se na célere carreira
Me alcanças, a victoria é tua ainda ! »

Despede Clytia em desvairada fuga;
Travêssa a viração levanta a fímbria
Da chlamyde alvejante e vae a furto
Mostrando as alvas carnes torneadas.
Assim passa a leviana mariposa
Ao sol abrindo as argentadas azas.
Corre ! os braços abertos, como em busca
De seio onde se esconda ! Na fadiga
Exhausta aspira, e os nacarados lábios
Parece mesmo estão a pedir beijos,
Beijos que só de ouvil-os, se imagina
Chuchuriado mel. Baldas promessas
Ella não ouve na febril corrida
Pelo esparzido verde da campina.
Desliza o pé subtil por sobre a relva,
Rapido a segue o moço delirante,
De cansaço ou de amor, ella arquejando
Não póde mais, tropeça, cáe vencida.

Oh! como as atipladas avesinhas
Nos mélicos gorgeios seus confundem
Dôces quebros de voz com que se accusam !
Não arrulham mais ternas duas pombas,
Nem de um racimo o bago cáe tão leve,
Nem de uma flôr no calyce tremente
Duas gôttas de orvalho se misturam.

Cáem ! sorrindo, Clytia aos ceos levanta
Olhos languentos, humidos ; o moço,
O ledo milesiano, á terra desce
Os párpados na magica vertigem.
Os myrtos verde escuros da collina
Condensaram em torno as sombras gratas
Aos mysterios de amor.

Sorriu-se a Diva
A mãe do Amor brincão ; mas ai, não basta,
Que da passada injuria não se esquece.

V

Profanação tia lyra

No alto estava o templo. Repetindo
Dôces protestos de um amor eterno,
No templo entraram juntos; brisa tepida
Levemente passou : cáem tres folhas
Do loureiro sagrado ! e não conhecem
O mysterio que se abre ante seus olhos.

Penetram no recinto. O forasteiro
Toma a lyra do altar, dedilha ; as notas
Não traduzem tão intimos anceios

VI

Nua

« Amo-te muito ! Encantam-me
Tens nitidos contornos;
Despida dos adornos,
Realças o ideal !
Da Grecia és deusa, és symbolo,
És a ficção do artista ;
Diana assim foi vista
No lago de crystal !

Teu seio arfando trémulo,
Não córes, não o escondas
É véla sobre as ondas,
Onda em ceruleo mar !
E as pomas brancas, tumidas,
Amor, que brincas n'ellas,
Concede-me que ao vêl-as
Me abysme n'esse olhar !

O corpo ? as graças prodigas
Lhe deram seus primores,
As fórmãs, leves côres,
Melhor. . . nem a sonhar !
Macio pello, fláscido
Reveste-o, bem como
Ao sazonado pómo
A felpa vem ornar !

Macio pello occulta-me
Vedado paraíso !
Debalde vem teu riso
Negar-me o que entrevi.

Um anhelar prolífico,
Um gôso que fluctua
No sangue vivo. . .
Nua,
Lembro-me ainda, aqui?»

VII

Rebentaram tres cordas sobre a lyra;
O filho de Miléto empallidece
Ao vêr que profanara a lyra de ouro !
Vinha descendo a noute, espêssa bruma
Cobria em baixo a habitação do antiste.

Foram sentar-se á porta da choupana;
Sorriu-se o velho ao vêl-os vir sorrindo.
Era o luar saudoso, o mar tranquillo,
Dôce e plangente o rebentar da vaga.

VIII

Canto de amor ao luar

« Quando em mel se converte a gôtta de agua,
Que ao romper da manhã graciosa veiu
Dar vida á murcha flôr:

Como não fôra dôce a occulta magoa,
Se deixasses cair dentro em meu seio
Uma lagrima, amor ! »

IX

A. Náo sagrada

De ouvil-o, o ancião de Pырpole entre os braços
 Aperta doudamente o lindo moço;
 Já quando o horrído oraculo esquecia,
 Parece como ouvir vaga celeuma,
 Estremece ! na praia cresce a grita,
 Chegara a Náo sagrada.

Para a praia
 Vão caminhando. . . Amphínomo descobre
 Um rosto de mulher por entre a turba,
 Triste, pallido, inquieto, em soledade.
 Era Nais ! De terra em terra andando,
 Procurara um irmão, que a abandonára,
 Que escarnecera seu amor ardente.

O phrenetico bando das donzellas
 Toucadas de corymbos, doudejava
 Cantando em côro. E Clytia emmudecera
 Ao vêr que uma d'entre ellas, a mais linda,
 Nos braços estreitava o seu amante !
 Detem-se ! a labareda do ciume
 Comprimida, no peito lavra. . . Escuta:

« No silencio d'aquella despedida,
 Se inspirava saudade o azul dos mares !
 Eu disse-te: — Talvez serei sem vida
 Na volta, se algum dia alfim voltares.

E então junto ao meu tumulo esquecido
 Talvez que indifferente nunca passes !
 Nem ao soltar o sonho dolorido
 Deixes correr as lagrimas nas faces ! —

E languida sorria n'esse instante ;
Como a vergontea trémula e flexível,
Ao teu seio encostava meu semblante,
E via n'um abraço o impossivel.

Mas na mudez da amarga despedida,
N'essa hora de lethal melancholia,
Disseste-me: — Se acaso já sem vida
Te achar na volta, se voltar um dia. . .

Quando o vento gemer por entre as ramas
Dos cyprestes da tua sepultura,
Escutando essa voz com que me chamas,
Heide ir gozar teu somno de ventura. —

Vim de longe cançada da existencia,
Oh vista enganadora do deserto !
Quando buscava allivio para a ausencia,
Minha dôce illusão desfaz-se ao perto ! . . .

As lagrimas candentes, os soluços
Em que a alma se exhalava, entrecortaram
A dolorida queixa ! O alarido
Ao murmurio do Ínope se augmenta;
E as lagrimas febrís que a ancia inspira,
Que o rosto lhe escaldavam, frias cáem,
Quiz reprimil-as, cáem mais copiosas;
O corpo inerte pende ! Uma vertigem
Ennubla o passamento, e mal conhece
Que se transmuda em gemedora fonte.

X

Delias

Fdicou mudo o estrangeiro. Clytia, douda,
 Do tropel das Bacchantes sáe, coroada
 De pâmpanos, de nébride vestida !
 Soltos, dispersos os cabellos longos,
 E scintillante o olhar, em raiva accêso,
 O thyrsos ao ingrato amante ella arremessa ;
 Ao som dos berecynthios instrumentos
 A feroz comitiva ergue mil gritos,
 O moço cáe ferido. Eleides cruas
 O despedaçam, tingem-se no sangue,
 Lançam no rio o corpo delicado,
 Gritando como as ménades sedentas
 Do Rhódope e do Ismário.

XI

Opaca nuvem

Cobre a face da lua n'esse instante !
 De Nictyleu as virgens se dispersam.
 Clytia, só, desvairada, busca a selva,
 Calou-lhe a dôr a voz do soffrimento.

Oh nem póde chorar ! como ella esquece
 A velhice de um pae que amava tanto !

Sem aljava e sem arco entra na selva,
 Na caverna mais lobrega se occulta,
 Um bárathro se abriu no imo d'alma !

Vieram-lhe á lembrança aquelles dias
 De tão ditoso amor ! Brisa nocturna
 Sacode os arvoredos seculares,
 Urra o leão no deserto.. . e nada teme !

XII

Funeral de Amphínomo

Raiou da madrugada o alvor primeiro;
 Dos Deliastras na praia o canto sôa,
 Reina o jubilo em Délos ! Da tristeza
 Que sombras sobre a fronte veneranda
 Do sacerdote escondem a alegria ?
 Que pallidez mortal ? que occulta angustia
 De repente o assaltou ? Voltaram todos,
 Para vêrem do Inope nas agoas
 Lívido corpo de gentil mancebo,
 Os pávidos semblantes !

Da corrente

Dilacerado, inánime o tiraram.
 Como era triste o vêr tão lindo corpo
 Ferido, sobre a praia ! Onda plangente,
 Ao vir tocar seus membros, parecia
 Vir embalar-lhe o somno descuidado.
 Rôxos agora os labios purpurinos,
 Murchas as rosas da mimosa face,
 E extincto o fogo d'esse olhar ardente,
 Causava intima dôr ! Pomba ferida,
 Flôr que languescce na longiqua plaga,
 Na aurora da existencia, ao vêl-o o antiste :

« Oh desgraçado ! á mingua, em terra alheia,
 Longe do lar paterno, cruel morte
 Barbara mão te deu ! Quando a esperança

No horisonte da vida despontava,
 Sentindo n'alma o beijo da poesia,
 Quando era o mundo o teu vergel florido,
 Tu n'elle a mariposa, impio destino
 Te arroja á eterna sombra ! Ai, se em meu tecto
 Buscando amigo amparo, achaste a morte. . .»

Caíu por terra o misero ululando !
 Do moço o corpo languido na areia
 Estendido ficára; mãos piedosas
 Do sacerdote vêm cerrar-lhe os olhos;
 Deita-o docemente sobre o lado,
 Beija-lhe a bocca, o espirito recolhe.
 E chora! Em roda o côro das donzellas
 No estrepito dos tympanos de bronze
 Confunde o alarido que alevantam.

Trazem ramos virentes de loureiro,
 O tóro lhe entretecem. Triste, Euryalo
 Abre-lhe os olhos novamente, occulta
 Na longa chlamyde a sombria fronte.
 Eil-a, a grinalda aos pés do moço aédo,
 Para enfeitar-lhe os humidos cabellos,
 E a lyra virginal em que entoava
 Cantos do amor primeiro.

Antes que o fogo
 Fosse lançado á pyra, o anel lhe tiram;
 Lavam-lhe o corpo em perfumadas aguas,
 Com balsamos o ungiram. Flébil grito:

— Oh Amphínomo ! Amphínomo !

Alva toalha

Envolve o corpo, fluctuando ao vento,
 Parece o extremo adeus da despedida.
 As donzellas de Pырpole plangentes
 Nas faces descobertas lhe puzeram
 Rosas de côr perdida. Inda era bello !

Frautas mygdóneas vão acompanhando
Os luctuosos carmes. Sobre o corpo
O cinamômo, o incenso; mel e vinho
Na labareda fulva se derrama.
O velho antiste as virações invoca;
Brisa fagueira e doce, talvez vinda
Das ribas de Miléto, brandamente
Atêa a labareda que fluctua !
Quem guardará as cinzas ? quem, um dia,
Leval-as hade ás terras de sua patria ?

XIII

Quando a chamma rogal, viva, faminta
Se enlaçava a seus mádidos cabellos,
Cobrando os olhos onde o amor sorrira,
Os dedos delicados que pulsaram
Maviosa lyra, a lyra do infortunio,
Ao estálido lugubre dos ossos,
Clytia, bella, apparece ! O desespero
A arroja ! Desvairada, espavorida,
Vertiginosa, inquieta em seu delirio,
Como na luz se abraza a borboleta,
Precipitou-se sobre a mesma pyra.

II

O DESTERRO DE ESCHYLO

I

Envolvido na purpura, sombrio
Sob o peso do fúlgido diadema,
Estava o rei sentado no alto solio;
Rodeavam-no attentos os ministros,
Quando Hiéron, deixando sobre o peito
Pender o sceptro, diz:

— Pobre, e estrangeiro
Deixem-n'o entrar! Ouçamos quem me busca.

II

Ao vêr o ancião de venerando aspecto,
Tacito entrar, os rostos se voltaram;
Que augusta magestade ! a fronte altiva
Mas de quem não supplica, e seus cabellos
Branços como a ramagem do arvoredo
Onde as geadas do inverno se accumulam,

Sorriso doloroso e indefinido
Fluctuando incerto nos seus labios trémulos ;
A pallidez na emaciada face,
E de antigas batalhas os vestigios,
Dos cortezãos sobre elle as vistas chamam.
Cansado da jornada e da existencia,
Triste, ás portas de Athenas sacudira
O pó da terra, que era a doce patria !

III

O forasteiro de cabellos brancos
Baixou ao chão seus olhos rasos de agua,
E um soluço quebra-lhe o silencio:

« Por sobre mim os annos tem deixado
Correr pesado nivel; mas, que importa?
Não poderam quebrar-me! sinto ainda
Pulsar-me o peito pelo amor da gloria;
Pela Patria. . . oh, a Patria que é madrasta,
Por ella combati em Salamina
Contra as hordas asiaticas; nos campos
De Marathona; em tudo ouvia o nome
Nome caro da Patria a dar-me força,
Gerando a inspiração ardente na alma !
Sou eu mesmo que ouvi silvar as settas
De Pláteas na batalha, e a meu lado
Cáe-me um irmão ferido; ainda trago
N'esta enrugada fronte as cicatrizes.
Dae asylo ao soldado peregrino.
Que sem querer cahir ao golpe ignobil
De uma traição escura, implora hoje
Logar entre as fileiras de teus bravos
Para morrer de pé no ardor da lucta.»

IV

De um terror santo Hiéron apossado :

— Oh nobre velho, (diz) que fado adverso
Do berço á sepultura te persegue ?
Guerreiro e bravo, como ainda o mostram
As cicatrizes que o respeito infundem,
Como ha podido a patria desprezar-te ?
Desacatar tão inclyta velhice ?
Se os teus Penates se tornaram furias,
Oh vem, acceita o asylo de outros lares;
Teu mudo soffrimento me domina,
Comtigo soffro, ancião ! Dize o teu nome.

Como estremece o pescador incauto
Tocando o anzol o electrico gymnoto,
Assim de prompto os cortezãos se abalam,
Quando Eschylo profere alli seu nome.

Eschylo! o grande nome; ecco remoto
Repercutiu n'aquelles peitos todos ;
O principe dos tragicos de Athenas !
Estende o rei os braços a apertal-o;
E como ao pôr do sol o borborinho
Se escuta em derredor de uma colmeia,
É assim o rumor dos que segredam.
Põe a seu lado Hiéron o poeta.
Homenagem do genio á magestade,
E diz para os que cercam :

— Vede-o; honrae-o.

Honrae, honrae dos tragicos o principe,
Que vibra as cordas do terror supremo,
Que ao côro das Eumenides assiste,
E como um deus, abala as consciencias.

A fortuna o conduz á côrte nossa ;
Se eu as leis da hospitalidade infrinjo,
Eschylo ! não me respondas. Que destino
Te fez abandonar a patria bella ?
Essa lucida Athenas, lar e gloria ?
Para vir á Sicilia, ilha mesquinha,
Bem pobre do esplendor da sciencia, da arte ?

Tal como ao fim da tarde vae cahindo
O sol para o occidente, e do alto monte
Os tenebrosos cumulos errantes
Cobrem subito o alcantilado cimo,
Assim pesada nuvem de tristeza
Envolve a fronte do Poeta ; longo
Foi o silencio anciado, interrompido
Como uma vibração remota de harpa :

« Se de saber os males do proscripto
Te estimula o desejo ; e ao perseguido
Só lhe é consolação contar seus males,
Esses males escuta: Sobre a scena
Eu alcancei as palmas do triumpho,
Tambem com ellas do martyrio as palmas.
Na scena ao povo ahi libei meu sangue,
Revelei pelo Ideal pura verdade,
E como o Prometheu, que rapta o fogo,
Rasguei-lhe a venda que a rasão offusca:
Revelei dos Mysterios o absurdo,
Sacerdotal e criminoso embuste,
Da doutrina orgiastica o delirio
Que dissolve de um povo as energias,
E para a escravidão o vae dispondo !
Quiz submergir-me a furiosa onda,
Que vem da Asia, que traz os novos Deuses.
Salvaram-me estas velhas cicatrizes.
De Prometheu o vulto então na mente

Me appareceu um dia, dei-lhe fórma,
 Revesti-o da minha propria carne,
 Eram seu estertor minhas angustias;
 Oppuz a acção contra a sensual dolencia !
 O povo escuta pávido, aterrado,
 As mulheres abortam ; as crianças
 Estarrecem exanimes de susto.
 Na apotheose era o povo o meu abutre.

Athenas que eu amava, cujas portas
 No meu regresso triumphante abrira,
 Que me dera a corôa immarcessivel,
 Que me acclamára entre estrondosos cantos,
 Athenas tudo esquece e atroz me humilha:
 Prefere-me um rival ! . . . uma criança.. .
 Que eu vira, ao regressar de Salamina,
 Da mocidade atheniense á frente
 Cantando a gloria do immortal triumpho.
 Mas, adoro essa terra.. . »

A falla corta

Um vágado, um soluço ; era a lembrança
 De uma saudade que não mais se extingue.

V

Eschylo abafa em si a funda mágoa,
 E na revelação de um genio immenso
 Que se inspira na intuição da vida,
 Com serena e segura voz prosegue :

« Um rival ! um rival, isso que importa ?
 É vasto o mundo, onde logar têm todos;
 Talento algum a nenhum outro eguala,
 Todas as vocações têm seu destino.
 Amo o rival que me prefere Athenas,
 É Sóphocles! é novo; uma esperança !

Lei eterna da vida insuffla a morte,
Condição immanente do progresso.
Estulto é o odio que se oppõe aos novos ;
São de outra edade os novos flór e fructo,
Nós ficamos o humus que os alenta.

Hiéron, assombrado da grandeza
Do portentoso espirito, prorompe :

— Que mais gloria ha no mundo para dar-te?
Tens tudo quanto a mente ambiciona !
As miragens de um horisonte novo
Has revelado aos genios do futuro ;
Tu do mundo moral tocaste as ribas.
Tambem cos transe duros dos combates
Em Marathona e Salamina, quando,
Bravo, as hordas ignaras vindas da Asia
Pela avidez da Persia, repellias,
Tu salvaste os destinos do Occidente.
Salvou-se a Europa do atro cataclysmo,
E Athenas, fôco da cultura humana.
Oh, se te desconhece a patria ingrata,
A humanidade o nome te eternisa
Como um sol que os espíritos orienta.
Que maior premio um rei poderá dar-te !
Que monumento consagrar-te ? Pede,
Eu cumprirei tua vontade inteira

Do Poeta o rosto inunda-lhe a alegria:

« Uma só cousa peço, oh rei ! Na lagem
Que meus ossos cobrir, manda, que inscripta
Fique esta phrase : *Esteve em Marathona,
Em Plátea, Salamina, e por piedade
Extranha terra deu-lhe sepultura.*

III

O DELIRIO DE ALEXANDRE

I

A. dignidade humana

Depois de altos triumphos decantados
Com que Alexandre impávido avassalla,
N'uma marcha fremente,
Os maiores Imperios do Oriente,
Aos companheiros de armas dedicados
Intimamente falla:

« Sabeis como os monarchas portentosos,
Seguindo o seu costume oriental,
Perante mim ajoelham jubilosos,
E vêm, de rojo, a mão beijar-me altivo
Como a Rei sem equal !
Vós, que não tendes magestade real,

Com insólito orgulho estaes de pé,
E d'essa honra me privo;
A causa, bem se vê,
Sois cidadãos da Grécia livre. . . Observo
Com sentimento vivo
Que cada Rei que tenho como servo,
Vendo egualdade tal, prompto adivinha
A prova clara da fraqueza minha. »

Quando apparece, no seguinte dia,
Alexandre no throno deslumbrante,
E da soberania
Incomparavel, n'um enlevo fica,
Eis n'essa occasião,
Os novos e os velhos
Vêm; cada um por sua vez pratica
A cerimonia baixa, degradante
Da Prokinesis, indo de joelhos
Bem rasos com o chão,
Arrastando-se, até beijar-lhe a mão.

Alexandre glorioso n'esse instante
Vê-se acima dos outros homens todos !
O que é que mais cubica ?
Da Attica insubmissa
Quebra o orgulho — os republicanos modos.
Com sorrisos alegres, prazenteiros,
Com olhar penetrante
Que as consciencias devassa,
Levantava do chão os companheiros
Com o desdem de omnipotente graça.

D'entre todos aquelles bravos falta
 Um só ! Não ajoelha, a mão não beija !
 Fizeram-lh'o notar ! Aos olhos salta
 De Alexandre, a figura independente
 Cuja altivez inveja !
 Viu-se mesquinho o Rei dos Reis do Oriente ;
 E pensando de longe no castigo,
 Fitou opprésso e mudo
 Calisthenes, o companheiro antigo
 Com quem brincára no primeiro estudo.

Alexandre sentiu-se, então, diante
 D'esse poder moral, desconhecido !
 Que terrivel confronto !
 Sob um sorriso vago e hesitante
 De rancor comprimido,
 Que o desdem mal esconde,
 Perguntou a Calisthenes de prompto:
 « Porque não vens beijar-me a mão ? Responde. »

— Nas conquistas que te abrem o Oriente
 Tens ouvido contar a estranha lenda
 Do rei Nabucodonosôr, por certo ?
 Do throno, o omnipotente
 No delirio, que a razão lhe venda,
 Descia, indo de rastos pastar erva,
 Como alimaria bruta
 Pelo campo deserto !
 Sempre esta insania triste se observa
 Quando a acção do Poder é absoluta !

E como o audaz imperador assyrio
 De rojo as ervas verdes
 Na sua illusão pasta,
 Desvaira-te a grandeza, a gloria ufana !

Vaes caminhando para egual delirio,
 O Poder incondicional te afasta
 D'este nivel commum da especie, — perdes
 A luz da solidariedade humana.

Com abjecções servis tanto te embriagas !
 Sobre os homens o pedestal eriges,
 Sem conhecer, que em peitos opprimidos
 A dignidade humana assim apagas;
 O limite que a Auctoridade encontra !
 A Hellenos livres, como tu, exiges
 A adoração de escravos e vencidos
 Por cúmulo da affronta. . . —

N'um cárcere é Calisthenes mettido,
 E depois de alguns mezes de tortura
 Ali morreu, nas trevas garrotado !
 A gloria de Alexandre destemido
 Esplendida fulgura ;
 E desde aquelle dia
 Historiando o ignobil attentado
 Que essa grandeza empana,
 Contra o Martyr da Dignidade humana
 Inda a abjecção procura
 Dar-lhe o nome de infanda rebeldia,
 Para encobrir a tragica loucura !

II

O poder do espirito

Parte Alexandre ; o exercito avassalla
 Os Imperios do Oriente. A Grecia em lucha

Contra a Persia, salvára da barbárie
O mundo occidental, a quem um dia
Veiu a caber a hegemonia humana.
Trimphante, Alexandre, quer em tudo
Audaz manter o seu dominio; e prompto
Ao chegar a Persépolis, glorioso
De Murghab á Pyramide subindo,
Dá com a sepultura do monarcha
Que o vasto Imperio persa cimentára.

Na pedra tumular vira Alexandre
Um breve lemma em letras mysteriosas;
Quer saber as palavras e o sentido.
Chamam-se presto os Magos, vêm os sabios,
Ninguem já reconhece os caracteres,
Nem entendem a lingua sacrosanta !
Faz o tempo um arcano impenetravel.

E o que impoz pelas armas mais dominio,
Alexandre, sentiu falhar-lhe a audacia
Contra esse lemma ! E que um Poder lhe falta.. .
E os seculos correram; e mais forte
Do que as armas e indomitas phalanges,
A intelligencia humana cria a Sciencia
Que a luz projecta ás sombras do passado,
Alevantando as gerações extinctas
Como um termo da progressão que busca !
No vetusto epitaphio ella desvenda:

Eu sou o Rei da Acrménida, o alto Cyro.

Foram essas palavras como a chave
Que as portas abre de ignorado mundo;
O passado resurge a um novo *Fiat*,
Os Codigos, as Leis e a Poesia.

Que buscava Alexandre nas conquistas ?
Foge ao desvairamento, e cede á morte;
Mas a Sciencia, revelando ao homem
Sua origem e o nexo do passado,
Fecunda as tradições d'onde dimana
Da liberdade a affirmação consciente.
Este novo Poder nos emancipa !

III

Nos jardins de Babylonia

A marcha triumphal com que entra ovante
Em Babylonia, as festas estupendas,
Que a Alexandre circumdam, — delirante
Lhe trazem o sentido ! Audaz e forte,
Ao ir pisando as victoriosas sendas,
Na agitação de tal deslumbramento,
De Calisthenes a iniqua morte
Nem de longe lhe ennubla o pensamento.

Na sala vasta onde se ergue o throno
Os generaes se alongam perfilados,
E Alexandre, no olympico abandono,
Vendo tanto thesouro,
Valores infinitos,
Já da propria grandeza o tedio sente !
Uma fila de eunucos ajoelhados
Sustentavam no ár mil urnas de ouro,
Que espalhavam perfumes exquisitos
Por todo o espaço ambiente.

As calmas eram grandes, o ár faltava !
 O lento beija-mão dos Reis vencidos
 Que de longe attrahidos
 Vêm da bajulação áquelle assedio.
 Deputações dos Templos e Cidades
 Sem fim, nunca acabava !
 Cae com todo o seu peso
 Sobre o espirito de Alexandre o tedio
 Ao conhecer-se preso
 Pelas cerimoniaes fatuidades !

Do throno aonde está sentado avista
 Jogos de agua de um lago crystallino,
 Manso, ondulando no jardim suspenso;
 Do throno a agua não dista,
 E no capricho immenso,
 Com regio desatino,
 N'um impeto instantaneo, grande e bello
 Do Poder arbitrario que se admira,
 Alexandre o seu manto imperial tira,
 Sceptro e corôa põe sobre o escabello.

Por entre os generaes, direito ao lago
 Inopinado abala
 A mergulhar-se na agua que murmura !
 Mas que signal aziago !
 Quando estava no banho, a regia sala
 Atravessa uma sórdida figura;
 Com desdem os eunucos afastando
 Em pávidos assombros
 Sóbe os degrãos até chegar ao throno;
 Lança o manto de purpura nos hombros,
 Na cabeça a corôa collocando,
 E no solio se assenta em abandono.

Ante audacia tamanha, ficam todos
Attonitos ! Será um louco ? um Nume
Pelo mundo, entre os homens ignorado ?

Tem de um e de outro os modos ;
Mysteriosa expressão no olhar resume !

E para quem o veja
No throno de marfim e ouro encostado,
No momento que á audacia lhe deu azo,
Prognostico fatal, talvez, acaso
Para o Imperio de Alexandre seja !

Prompto o Conquistador veste-se á pressa,
Curiosidade o chama

Para vêr espectáculo que enleia !
Sem reparar em cousa que o empeça,
Com um gesto implacavel

Chega Alexandre ao homem que se arrêa
Com as insignias imperiaes, e exclama :
— Quem és tu? «Um escravo miseravel;

« Um escravo por condição da guerra !
Soffri, andei por carceres infectos,

Onde em trevas me sómem
Os caprichos de brutos vencedores !
Como um verme da terra
Entre ultrajes abjectos,
Nem por isso deixei de ser um homem,
Nem por isso deixei de sentir dôres.

«Pelo poder dos Symbolos, agora
Tenho de um Rei a excelsa magestade,
Sou teu igual ! meu gesto é iracundo. . .

Emquanto aproximaste
Os Povos como irmãos, mostrando o mundo
Como immensa e pacifica Cidade,
Do alto universalismo realisaste
A aspiração humana encantadora.

« Não tinhas só dos Symbolos a gloria ;
 Dando ao espirito hellenico o alento,
 Eras a incarnação de um sentimento
 Que se realisa na ascensão da historia !
 Desde que d'esse Ideal te has esquecido,
 Que era do heroe o generoso impulso,
 És esteril cabido
 D'onde pendem um manto, uma corôa,
 E vás levado á tôa
 N'esse bárathro de paixões convulso. »

Interrompe Alexandre os desvarios :
 — Arranquem as insígnias ao captivo !
 Todo o castigo me parece pouco:
 Que bastonem até morrer o louco ! —
 Mas desde esse momento pensativo,
 Soffre insomnias; a febre, calafrios
 Devoram-lhe o vigor ! Preoccupado
 Da morte prematura, mais o opprime
 Vêr-se na historia um ruido vão, sonoro,
 Fugaz, esplendoroso meteoro,
 Na inconsciencia de um hallucinado
 Oscillando entre o heroismo e o crime !

IV

O paroxismo do Heroe

Ardendo em febre intensa, que o devora,
 Alexandre, inclyto, ergue-se do leito,
 Na hallucinação da extrema hora;
 Como afouto a perigos
 Quer respirar e acha o espaço estreito,

Quer caminhar, esforça-se com custo
 Immerso em sombras do perdido norte.
 Elle se lembra dos Heroes antigos
 Que ao sentirem aproximar-se a morte,
 Impavidos, sem susto
 Na vereda perdida
 Por entre a selva escura
 Seguiam incansaveis á procura
 Da recondita, ideal *Fonte da Vida*.

— Onde existe, onde existe essa encantada
Fonte da vida? Eu quero beber n'ella. —
 A commiseração os labios séla,
 Não lhe respondem nada.
 Fez Alexandre novo esforço, avança
 Como quem uma estrangulação soffre,
 Grita sedento: — Eu quero. . . —
 E n'um presentimento de esperança
 Parou junto do marchetado cofre
 Em que guardava a Illiada de Homero.

No seu delirio leva o cofre á bóca,
 Como se ardesse em sêde inextinguivel,
 Mas cambaleando cáe no estrado inerte !
 Quando o labio no cofre eburneo toca,
 A phrase incomprehensivel
 N'um riso luminoso se converte :
 Previu a alma, attingindo as lethaes métas,
 Que será immortal, sendo levada
 Na voz da Humanidade, modulada
 Nos Hymnos da concordia dos Poetas.

V

Quando o extremo e derradeiro alento
 Alexandre perdia,
Como elle, o velho mundo já termina
Da bruta força infrene e indomavel !
 Oh mysterioso evento !
Em vez da compressão da theocracia,
 Á penumbra divina
Succede aurora fulgida, ineffavel.

 Aos seculos vindouros
 Documento vedado,
Do seu viver reconditos thesouros,
Com sublime intuição lega o Passado:

 Eis, na lingua da Ionia
Redigindo os annaes de Babylonia,
Dá Beroso á Historia os seus inicios;
 Menander, dos Phenicios
 As Memorias relata ;
O hierophante Manethon desata
 D'entre o confuso mytho
Papyros chronologicos do Egypto !

E o velho mundo, que se extingue, lega
Na lingua universal da luz, da sciencia,
 Na clara lingua grega,
Ao Porvir as lições da experiencia,
Que do espirito funda a omnipotencia.

IDEAL DE JUSTIÇA

Stet Capitolium. fulgens.

I

AS CÊAS DE NERO

Na longiqua soidão de ignotas plagas,
Esquecido na paz da sepultura,
Em meio de átras, ponteagudas fragas,
Dorme uma testemunha da Escriptura.
Pousam em bando as aves aziagas
Ali, por noite tormentosa e escura.
Guarda-lhe a campá Leão robusto e velho,
A dura garra posta no Evangelho !

E disse-lhe uma voz de dentro:

« Acaso

Dormes quieto o somno do jazigo ?
Ergue-te, vae do Oriente ao extremo Occaso ;
Se vieres um dia ter commigo,
Vem contar-me do mundo o estranho caso,
E onde á sombra da Cruz achaste abrigo !
Parte ! embora pela amplidão o vento
Disperse folha a folha o Testamento !

Entra em Roma ! da desenvolta plebe
Escuta obscenas, lubricas risadas !
Sedento o Circo em triumpho te recebe
Com freneticas palmas desvairadas !
Vae ! prosta-te no solo que impio bebe
Sangue puro das victimas sagradas
A verdade do Verbo, o mais profundo !
Vae ! sabe o que se passa pelo mundo. »

LIVRO I

A SATURNAL DO IMPERIO

Eil-a, a escrava dos Cesares ! vaidosa
Sobre sete collinas se espriguiça,
Pousando o duro sceptro ensanguentado
Na cerviz das nações ! N'um fero abraço,
Prostituta, ella o orbe a si estreita,
E delira, no estrépito da festa
Com que a funda agonia esconder pensa !

Vão da orgia no ár notas perdidas,
Blasphemias torpes ! Vaga a turba infrene,
Onde revolta n'um refluxo eterno !
Erguem-se ao alto as amplioras, coroadas
De corymbos, e o phalerno ardente
Perfumado de heléboro trasborda !
Nas arcadas do ergástulo restruge
Dos escravos o grito, audaz, insano :
— Livres um dia só ! —vehemente arranco
Que horrendo torna o longo paroxismo.

A plebe desenfreada anda sem tino,
 Traz nos labios o insulto, e vibra alegre
 Sarcasmos vís, sua unica vingança,
 No estertor lento da Cidade eterna !
 Como os vermes corróem lentamente
 Esphacelado, tábido cadaver,
 A raça de Enobarbo em gaudio estúa,
 Ebria, ao som de improperios e risadas;
 Ella esconde a vergonha atroz da queda,
 Nos retalhos da purpura, pedaços
 Arrancados da tunica do Christo !

Pelas trevas attonitas se embrenham
 Do bairro de Suburra. Nas clepsydras
 Remoto o serão passa, e da protervia
 A procella frenetica se augmenta !
 Sáe Petronio, vem Nero; fundas taças
 Com furor levantadas, lhes suscitam
 Idéas de lascivia e de loucura.
 Onde os leva a vertigem ? Casualmente
 Ouvem um som perdido, como de ária
 De uma ave, quando á tarde o sol expira.

Escutam, param.

« Vês ? »

De novo espreita

O solerte Petronio :

— Oh, sim, bem vejo.

Deitada em seu triclinio como é bella,
 Que encendido fulgor no olhar faminto !
 Mil desejos alados tumultuam
 No seio que palpita. —

« Quem ? »

— É Celia !

Celia, a dama romana a mais lasciva,

Do mais inclyto sangue dos patricios,
 Na pompa de seu fausto, deslumbrante
 Espera anciosa alguém ! Magoada e triste,
 O rosto na mãosinha delicada,
 Flexível, meiga, pallida reclina !
 Lagrimas espontâneas lhe rebentam
 Dos roxos olhos, como em seio virgem
 Bagas de aljofres, se um colar se quebra !
 Ella respira em ondas de perfumes,
 Cinge-lhe o rosto esplendida grinalda,
 Gregas libertas vestem-n'a de gala.

Disse Nero a Petronio :

« Oh poeta, sempre

Levaste a palma da volupia na arte;
 Vencendo a natureza saturada
 Tu sabes idear novas delicias.
 Hoje invoco-te o auxilio. Vê se trazes
 Á nocturna anthesperia Celia ! Celia,
 Sem ella a noite é longa e somnolenta.
 Uma amphora gentil, de artista grego
 Por mão lavrada, Amystis, será tua
 Se a trouxeres á cêa.

— E minha a taça ! —

E aguardando o momento em que a arrebate
 Se embrenham nos alcouces suburanos.

E suspirava Celia; era a harmonia
 De um segredo de amor Impaciente,
 No frenezim de quem espera, anciosa
 No triclinio se encosta :

— « Amal-o eu tanto,

Sem poder apertal-o entre meus braços,

Beber nos labios seus a vida toda,
 A candidez, a graça da innocencia !
 Amal-o eu tanto, e sem poder ao menos
 N'um gemido de amor dizer — sou tua.
 Depois deixar meu pallido semblante
 Pender no brando seio, ouvir lá dentro
 Recondita, maviosa confidencia !
 Bello e joven ainda, já tão cedo
 Queimado á luz do sol de mil combates,
 Desprezando as corôas de triumpho,
 As glorias, tudo, o amor que lhe hei jurado !
 Descobrir-lhe o mysterio de um sorriso
 Para vencer-me, e nunca ser vencida !
 Podesse eu desprezal-o ! altiva sempre
 Calco a purpura aos pés, e a ti, Licinio,
 A ti, que me desprezas, adorar-te!»

N'isto, a dama romana, em seu delirio,
 No semblante a expressão do desespero,
 E o amor, o amor nos olhos lacrimosos,
 Ergue-se trémula, ergue-se violenta,
 Em vão, a dôr a prostra ! Ella, vaidosa
 Para esquecer a angustia excruciante,
 Manda ao côro de gregas que a circumda,
 Modular as canções mais favoritas:

Côro das libertas gregas na vigília de Celia:

O Pardalinho de Lesbia

« Pardalinho, d'essa esquivã
 És delicias !
 Folga pois; sem dó me priva
 Das caricias.

Accendes
Em Lesbia
Desejos ! . . .
Por certo
Que escutas
Segredos
Lascivos,
Furtivos
Queixumes,
Eu, não !
Tu saltas
Em joco,
Bicando
Seus dedos;
A troco
De beijos
No seio
Te escondes. ..
E tenho,
Presumes,
Ciumes
Em vão !

Pungem-te saudades, brincas
Louco !
É para a mágoa esse allivio
Pouco.

Seus disvellos
Como apagam
Teus anhelos
Meu rival ?
Como, os dedos
Seus te afagam?

Como roubas
 Meus segredos,
 Não meu mal ?

Lesbia, Lesbia, taes carinhos
 Se os fruira,
 Do desgosto estes espinhos
 Não sentira...

E o folguedo me seria
 Tão ditoso, como outr'ora
 Quando do cinto virgineo
 A maçã de ouro caía
 A ligeira caçadora.»

Celia sorriu-se ouvindo o côro, e inerte
 Deixou com languidez pender a face
 Desbotada da orgia ! vem tingil-a
 Voluptuoso rubor.

— « Sem vir Licinio. . . »

Como quem scisma, triste adormecera,
 Na morbidez o desalento exprime ;
 O joven cavalleiro chega, leve
 Deixa voar-lhe um beijo sobre a face,
 Ella acorda sentida, extenuada.

« — Se prometti voltar, porque me accusas ?
 «—Tão tarde ! oh vem, estreita-me a teu peito,
 Licinio, a flôr ephémera da vida
 Desfolha-se depressa, eia, vivamos !
 Como vens triste ! nem me falias ? triste
 Talvez por me suster entre seus braços ?
 Se me não dás amor, a morte ao menos !
 Serei feliz assim, assim não vejo
 Outra roubar-me o sonho da existencia.

Sem ti que vale a vida ? Olha, uma virgem
 No Ágape christão prostituida
 Me prefere, bem sei ! E nem ao menos
 Me sabes embalar no doce engano ?
 Nem tu ousas negal-o ! Heide vingar-me,
 Heide ir vêl-a, graciosa e deslumbrante,
 Sobre a arena do Circo exposta ás feras,
 E rir-me ! rir do amor, de ti ! que importa ? . . .
 Não ouças meu delirio ! é a doudice
 D'esta paixão que inspiras ! Porque foges
 Dos braços sem vigor ? e a tua face
 Voltas aos beijos que no ár se perdem ?
 És de neve !

« — Triumphas, sempre bella :

És grinalda que ornou soltas madeixas,
 Mas, calcada no ardor de aérias danças,
 Emmurche por fim !
 És a estatua quebrada ! amargas queixas
 A face diz; tão pallida não canças
 Da vida no festim !

Tens no peito com letras de atro fogo
 Do desespero e dôr o sello escripto !
 Bella, tão morta já !
 Libertina, alevanta a Deus teu rogo !
 Emmudeces ? pois Deus teu debil grito
 Como pae ouve lá !

Manchou-te impuro beijo a face linda,
 Não foi o teu algoz punhado de ouro,
 Ah, descuidado amor !
 Levaram-te, mulher, todo o thesouro,
 Mas deixaram-te as lagrimas ainda,
 Expressão d'essa dôr ! »

— « Amo-te muito.

« — Eu só não posso amar-te !

— « Impio, não digas !

« — Celia ! o sangue romano em minhas veias
Corre puro, eu não quero em ti manchal-o.
Como a Roma potente que ha prostrado
Ante si o orbe todo, e ebria, ás gentes
Prostituida hoje os seios abre,
E deixa gangrenar-se de seus vicios,
Tu pareces-me a patria! Eu abraçar-te
Fôra abraçar a ruina do Imperio.
Odeio-te, mulher ! »

Morto silencio

Se prolongou entre ambos ! Era bella
A sublime altivez do moço, herdeiro
Das tradições da Roma primitiva !
Celia, rica de encantos, n'esse instante
Humilde como a timida donzella,
Ante o olhar vehemente que a feria,
Arrebatava! As côres pudibundas
De virginal candura, o abandono
Que o desalento dá, transas dispersas
Do nitido cabello ! Enlouquecia.
Na transfiguração de intima angustia
Ficou muda, magoada, pensativa !
Quando voltou a si, para lançar-se
Aos pés d'aquelle que só tinha insultos,
Em troca de blandícias não sonhadas,
Deu por si erma, só :

— « Ah, sonho ainda ?

É desvario do goso que me illude ?
É a febre da insomnia tumultuante
Que traz esta vertigem? Não me abraças,
Até me lacerar no teu delirio ?
Que importa á flór, que a aragem matutina

Que se embriaga de effluvios rescendentes
A desfolhe ao passar, se é dóce o beijo
Que lhe traz de outras plagas ! Não me imprimes
Na face macilenta da vigilia
Um osculo de fogo? muitos, muitos,
Como em noite estrellada e silenciosa
Raios de luz se cruzam pelo espaço.
Oh leva-me contigo a esses mundos,
Nas azas de um frenetico desejo !
Desespero de amor ! ancia da vida,
De loucura, Licinio, me devora !
Coroêmo-nos de flôres ! breves dias
São estes da existencia: emmurhecidas
De nossas fronte soltas as grinaldas
Eil-as no chão pisadas, sem perfume !
Oh não ! inda as anima côr tão viva.
Coroêmo-nos ! A taça que trasborda
Esgota-se tão breve ; eia, de um trago.
Não me escutas sequer ? onde te escondes ?
Nos alvos cortinados de meu leito ?
Oh não ! fugiste ! barbaro, detem-te ;
Que me importa a rival encantadora,
Se a manhã da existencia raia alegre,
E me ostenta a meus pés curvados todos !
Quero a volupia ignota da vingança. »

Do delirio acordára ! no semblante
A expressão da colera profunda
Lhe lampeja de subito. Revolve
Na mente os planos que suscita a raiva ;
Ao som do meigo canto das libertas
Buscando distrahil-a da agonia,
Para o banho se despe ! Alvas roupagens,
Como a pétala avara se desdobra
E mostra a flôr setinea, luxuriante,
Deixam vêr perfeitissimos contornos,

Tumido seio, alvissimo de neve !
 É a deusa que se ergue da alva espuma,
 É a estatua animada ao beijo ardente,
 É a dama romana, vencedora
 Da rigidez dos Consules.

Em concha

De porphydo lavrada, similhando
 Uma trireme esbelta, que fluctua
 De leve, como a espuma á flôr das aguas,
 Eis se derrama a flux leite e perfumes
 Dos mais lascivos que o Oriente envia.
 Aspiral-os embriaga ! Celia, flascida,
 Ergue-se, do hombro cáe-lhe o alvo amicto,
 Como a nuvem que o sol esconde, o vento
 Varre no céo. Deslumbra ! ella doudeja
 Dentro de agua travêssa, já risonha;
 Ah, se a visse Licinio, então, deixára
 Austeridade impropria de seus annos !
 E quando mais brincava, distrahida,
 Mirando as fórmãs de brilhante alvura,
 Ouve-se fóra um cantico saudoso;
 Escuta-o:

Canto nocturno do bairro de Subura:

« Na relva, que orna o prado
 Da graça n'esses mezes,
 O pômo sazornado
 Ao sol cáe tantas vezes !

Typo de aérios traços,
 O sol do amor, tão lindo
 Te fez pômo, em cahindo
 Ca'e só entre meus braços ! »

Celia sorriu-se ouvindo-o. Desenvolta
Disse : — Tu que tanto amas, aparece !

Era Petronio, o poeta da volupia,
Conselheiro de Nero nas orgias,
Vem chamal-a ao festim. Vestem-na á pressa,
A dama parte absorta na vingança.

LIVRO II

AS HORAS DO ÁGAPE

Doude de amor, quem sabe aonde o leva
O passo mal seguro, ás horas mortas,
Na solidão da noite ? Anciado, triste,
Erra incerto, engolfando-se nas sombras,
Que como o olhar de réprobo o opprimem !
Vem-lhe á lembrança aquelle amor ingenuo
Da dolorida virgem, que se esconde
E teme o olhar da plebe turbulenta.
Inda o passado a mente lhe povôa
De fugitivo encanto. O pensamento
Fórma a visão graciosa que se perde.
No desvairado sonho, ella tranquilla,
Graça de Seraphim, vem meiga, dada,
Pairando na aza lubrica e ligeira,
Do leito do repouso pôr-se á borda,
Contar-lhe seus amores. Sonho breve,
Que se esvae como a névoa, e deixa a mágoa,
Fundo, abysmo que se abre. Em vão procura

Seguir a aparição encantadora.
 Parece ouvir-lhe a voz branda, saudosa
 Dizer:

— Licinio, esqueces-me ?

O romano

Sentiu então o horror d'essas palavras
 Da sonhada vingança. « Celia, Celia,
 Quem te ha dito o seu nome ? oh como ousas
 Proferil-o, malvada, sem sentires
 O horror de tuas noites criminosas ? »

E foi seguindo pelas trevas densas
 Da carrancuda noite. Não mais vira
 Eurydêa — quem sabe, perseguida ? . . .
 Se a ervada setta busca a pomba branca
 Que na rocha escarpada se escondera ! . . .
 O peso immenso do rancor o esmaga,
 O desespero o morde, como serpe
 Que em seus anneis tortura onça sedenta.

Era a mudez da noite mais profunda,
 Sereno o ár, as trevas mais cerradas,
 Velava a angustia só. De longe em longe
 No ár se espraia um som aério, vago,
 Como de um côro de argentinas vozes;
 E perde-se no vacuo do silencio,
 Como a ondulação de um véo suspenso,
 Da vitrea face de um quieto lago,
 Do vapor tenue, que do val se eleva
 Quando um raio de luz baixa do alto.

Parou Licinio a ouvir a confidencia
 Dos mysterios da noite. Sons mais claros
 Indecisos se escutam, solta estrophe
 De um poema indefinivel que medita

A natureza absorta. O moço pasma
 Ouvindo o accento magoado e doce
 De harpas longiquas; elle sonha as notas
 De angelico concerto. Pouco a pouco
 Vozes de virgens, vozes crystallinas,
 Resoam brandamente. Escuta, scisma.

Psalmo

Do côro das Virgens ignotas

Senhor! á sombra de tua mão benigna
 Vim acolher-me, tu me deste amparo,
 E os golpes dos que me atribulavam
 Contra elles desferiram;

A tua mão derruba os crús tyrannos,
 Alevanta os que gemem ! Pae, entornas
 Na chaga dos afflictos o teu nardo
 De jubilo ineffavel.

Para mim o teu nome é sempre grato,
 Mais que a fonte de Siloé na sésta,
 Que a fresquidão das tendas do deserto ;
 É meu unico escudo !

O teu nome assombrou todos os principes
 De Memphis e Iduméa, era um flagello !
 E eu sinto que é só elle quem me inspira
 Tão santo regosijo !

N'esta sarça da vida me apparece,
 Qual no Oreb, tremendo ! excelso brilha
 Mais do que o sol, do que as estrellas juntas;
 Louvemos o seu nome.

Vós que sentis o espinho do desgosto
Pungir dentro do peito, erguei as fronte
Ao monte do Senhor, vossos algozes
Baquearão nas trevas.

E se o Deus de Israel immenso e forte
Inclinar o seu braço, hãode os abysmos
Repetir, como attonitos e roucos,
A sentença dos impios.

As almas sossobradas pela angustia
Exultarão, porque Iahvé derrama
No seio dos afflictos o seu balsamo
De jubilo ineffavel.

Quando acordou do extase imprevisto,
Em que o deixara a musica plangente
Do doloroso psalmo, o cavalleiro,
Licinio, foi seguindo a erma toada,
Como saudoso olhar um véo que acena;
Deu por si sob a arcada extensa, lobrega
Da escura Catacumba. Eccos soturnos
Nas abobadas frias se confundem.
Visagens diabolicas confrangem-se
Nas condensadas trevas; vaga a medo
Por dédalos de ruas tortuosas,
Estreitas e confusas; o seu passo
Sôa no pavimento humido, ossadas
Ante os pés se revolvem, vae seguindo
Pelo accento das harpas sonoras !
Ouve-as já mais ao perto. Eis de repente
Quadro esplendido aos olhos se lhe mostra :

Era a hora do Ágape sagrado.
Mudo contempla : Virgens radiantes,

De uma alvura diaphana vestidas,
 Bordam em volta as mezas e parecem
 Terno bando de rolas foragidas
 Em surda gruta timidas occultas.
 O vinculo fraterno ali estreita
 A familia christã. O ancião Antiste
 Levanta a voz saudando o Dia novo
 Em que no orbe hãode reinar suaves
 A paz e o amor á sombra do Cordeiro :

Parabola do Bispo d mesa do Ágape

Jesus peregrino

« Angelicas harpas entôam trindades;
 Ai que hora tão santa, de tantas saudades.

A tarde era fria ! seguindo caminho
 Da aldêa distante, coitado, sósinho

Vae triste, ao relento, sem lar, sem abrigo
 De rotos andrajos coberto um mendigo.

Um carro na estrada passava cantando,
 Seu dono adiante com ár venerando,

Voltava a essa hora do assíduo trabalho,
 Buscava no alvergue da escarpa agasalho.

Ao vêr o mendigo silente e gelado,
 Levou-o piedoso no carro assentado.

E o pobre embebido n'aquella agonia,
 Com frio e com fome nem mesmo gemia.

Á choça chegados, o bom do velhinho
Não quiz que elle fosse seguindo o caminho.

Ouvindo-os, a esposa senil vem á porta,
Contente o recebe, sorrindo o conforta.

Os pe's lhe lavaram, sentaram-n'o á meza !
Nem come, nem falla ! tamanha extranheza.

O velho e a consorte lhe deram seu leito,
Com roupas de linho, macio, bem feito.

Por horas remotas da noite calada
Os gallos cantaram ! Rompia a alvorada;

Ouvia-se um leve, magoado gemido,
E a esposa anceada acordou seu marido.

Levantam-se inquietos á voz que assim chama,
A luz accenderam, vão juntos á cama.

Eis á cabeceira do leito uma cruz
Só viram, sobre ella pregado Jesus !

Das chagas abertas o sangue corria,
Orvalho que a aurora do empyreo annuncia.

Em rosas mudada a corôa de espinhos ;
E em paga de tantos sinceros carinhos,

Jesus lhes dizia n'um almo sorriso :
— Commigo vinde ambos hoje ao paraíso. »

De venerando aspecto, as cans dispersas,
 Embranquecidas pelo gear dos annos,
 Tinha o Bispo a candura de criança.
 Riam-lhe os olhos, quando a voz sentida
 Revelava ao neophyto os mysterios
 De uma vida beatifica. Inspirava
 Esperança e amor, tranquillidade.
 Pendida ao chão a fronte, sob o peso
 De atribulados annos, a alma ardente
 Não vergava nas ancias do martyrio.
 Era um anjo esquecido sobre a terra,
 Trouxera a Roma a sciencia imprescrutavel
 Das escholas do Oriente; é Fidus, Bispo
 E Confessor e Martyr ! quantas vezes
 Já viu reverdecer a sua palma !
 E Licinio sentiu tambem que o amava.

As Virgens da mão trémula recebem
 O manjar eucharistico da graça ;
 Trocam na face o beijo da alliança,
 E, enquanto o velho Antistite rodeam,
 Voz peregrina e solta decantava :

« Sou a pomba ferida
 Levada na ribeira;
 A setta despedida
 Por uma mão certa,
 Fez-me tombar do puro azul do céu
 Por onde ia seguindo o amado meu.

A vida n'um suspiro
 Se exhala; mas, que dôr
 Me faz sentir um mais agudo tiro. . .
 A distancia do amor !

Oh boninas da beira da torrente,
 Relva do ameno prado,
 Murmúrios d'estas aguas ;
 Quando á sésta, na hora mais ardente,
 Vier o meu amado
 Contae-lhe minhas maguas.

Alva plumagem tenho
 Toda tinta de sangue;
 Morta de amores venho,
 Dolorida e exangue !
 O doce amado soube os meus desejos
 Vem transpondo os espaços. ..
 Cansado, pede beijos,
 Co'as azitas abertas pede abraços.

A vida, n'este aneio
 Se exhala ; mas que dôr
 Me faz sentir unida áquelle seio
 O não morrer de amor ! »

Era a voz de Eurydêa. Transportada
 No ardor da inspiração pura e divina,
 Era a Sibylla que annuncia o Verbo,
 Era o murmúrio do celeste canto !
 A cythara gemia sob os dedos
 Percorrendo de leve as cordas todas.
 Arde no amor do céo; de amor ferida
 Conheceu-a Licinio. Arrebatado
 Na vertigem de um sonho que lhe foge,
 Corre aos braços da amante, ella emmudece,
 Abraçam-se! Tão intimas saudades.

— Ah ! se eu fosse branca pomba
 Mais alva do que a neblina,
 Do que o lírio da campina
 Quando n'haste pende e tomba
 Desmaiado ao sol de agosto,
 Venceria a minha dôr :
 Pousando nos vossos hombros
 Como a alvéloa nos combros,
 E beijando a gelasina
 Que a sorrir vos toma o rosto
 Se fallo de occulto amor.

Fidus, o ancião, ao vêr o impio romano
 Sair da sombra, como um leão da cova,
 Posto a abraçar a virgem que desmaia,
 Corre intrepido! Pasma, vê só lagrimas
 Dos olhos do pagão virem ferventes,
 Espontaneas a flux !

« Oh quem te envia
 A espreitar os mysterios sacrosantos,
 Que a noite esconde aos olhos dos perversos ?
 Como ousas vir tocar a Virgem pura,
 Tu, manchado da infamia da Cidade ?
 Ah não responde ? misero, só chora,
 Acaso é irmão que busca a irmã querida ?
 Como vieste até aqui? O que annuncias ?
 Acorda, falia oh alma transviada ! »

Ficou hirto o romano, mas do Antiste
 No olhar ingenuo ria alma candura.
 Então Licinio ante os seus pés se prostra :

— No deserto da vida, á mingua, errante,
 Busco sequioso a fonte do baptismo,
 Devora-me atroz sêde !

«Filho, filho !

(Exclama o Antiste unindo a face meiga
Do joven sobre o peito) mas que angustia
Te faz descrêr da vida ? Acaso o vicio
Ha deixado em tua alma só ruínas,
O desalento, o tédio ? Oh não, bem vejo,
Transluz-te na expressão virginea graça.
Porque vens tu, romano e cavalleiro,
Receber a Lei nova, expôr-te aos tranes
Do tremendo flagício ? »

— Anjo risonho

Veu dourar-me o sonho da existencia;
Ella me aponta esta espinhosa senda.

Esconde a face pallida Eurydêa
Sob o véo transparente. O santo velho
Conhecera a expressão timida e pura
Do recondito amor.

« Bem hajas, filho !

Foi em visão celeste que a sonhaste ?
Mandou-a o céo, para acordar-te a vida ?
Eurydêa és a pomba solta da Arca,
Trouxeste um ramo de verdura. Oh conta
Como podeste amal-a desde essa hora ?
Porque a buscas de longe ? »

Dois suspiros

Tão intimos e vagos, n'esse instante
Se confundem. Os sons de uma harpa eólia
Não se harmonisam tanto, quando passa
A viração da tarde embalsamada.
O venerando Antiste emmudecera,
Traduzindo a resposta fugitiva.

« Falla-me d'esse amor ! »

Pende-Ihe a fronte

Sobre o seio opprimido.

« Falia, escuto . »

Deslisa pela face mudo pranto,
 Pranto que a face escalda. Era o silencio
 Profundo, augusto e o terror se augmenta,
 Ao vê-lo como attonito, abysmado
 Na dôr incomportável.

— Longes terras

Percorri na vertigem sanguinaria
 De combates violentos. Oh bem cedo
 Fui embalado ao estrépito das armas !
 Era a gloria o meu sonho. Arduas empresas,
 Feitos de audacia incrível, tudo ousava,
 Só para vêr feita árbitra das gentes
 A senhora dos Cesares. E a gloria,
 Nuvem que esconde aos pés o precipicio,
 Quão breve se esvaece ! Á Lusitania
 Enviaram-me a bater tribu do Herminio
 Irrequieta, indomita. O triumpho
 Sorria-me de longe ! a toda a pressa
 As legiões se apromptam; já tremulam
 Ao rijo vento as aguias audaciosas
 Do estandarte sanguento. Altas montanhas
 Escarpadas transpuz, vôa a cohorte,
 De vai em vai retrôa clangorosa
 A tuba, acorda o ecco das batalhas.
 Eis se encarnaça a lucta, nem dá treguas
 Da noite a escuridão tetrica, horrenda.
 Ao outro dia, á luz do sol que nasce,
 Cahindo a jorros do alcantil dos montes,
 Achei por terra as legiões romanas
 Sobre as cruentas fragas. No destroço
 Fiquei tambem, perdido, extenuado.
 Senti a raiva, o opprobrio da ruina !
 Ao vir da noite negra, a todo o custo
 Ergui-me ás roucas vozes dos abutres
 Pairando sobre as cryptas escalvadas
 Dos fragedos do Herminio. Ergui-me a custo,

Tactei a medo ignotos precipícios,
Numa caverna lobrega me escondo.
Ali gemia as horas do desterro !
Á noite ouvia o mar rugir distante,
O vento urrar na aresta dos fragedos;
Eu só, longe da patria ! Ás horas mortas,
Quando tudo dormia, ao luar tranquillo,
Levantava a cabeça d'entre as fendas
Da funda gruta, e no intimo silencio
Da noite, o olhar no céu puro, azulado,
No passado scismava. Quantas vezes
Ao pallido clarão do luar incerto
Vi perpassar um vulto de alvas roupas,
Sobre os penhascos leve, distrahido !
Era sonho ? illusão da vista absorta ?
Não sei ! Era a ondina do nevoeiro,
Era a fada que scisma divagando.
E costumei-me a vê-la, e affligia-me
O vê-la assim, sobre o cairel do abysmo.
Pensando sempre n'ella adormecia:

« Dize em que scismas, quando geme a vaga,
Ao luar do estio em praia solitaria ?
Ou quando ave que emigra a extranha plaga
Modula triste sua trémula ária ?

« Tu vens assim ao leito do repouso
Dourar-me os sonhos, vaporosa fada ;
Beijar-me, como á areia onda agitada,
E somes-te, murmurio saudoso. »

Tentei seguil-a em vão; por entre as penhas
Confundido me perco, não descubro
A caverna, meu unico refugio.
A aurora purpurêa a orla extrema

Do longiquo horisonte, sobre as ondas
 Escamas sobre escamas de ouro espalha.
 Assim me achei nas mãos do inimigo.
 Era o rancor eterno, inabalavel;
 Ataram-me ante o idolo terrivel,
 Endovélico! em roda os punhaes brilham,
 Para o nocturno, abjecto sacrificio.

Ia remota e vagarosa a noite,
 Nimbo opaco escondia o luar saudoso,
 Gemia o abutre sobre a rocha alpestre;
 Eu aguardava o instante em que das grutas
 Visse surgirem as violentas hordas
 Dos guerreiros Herminios. Passa a brisa,
 Varre do céu as nuvens, raia a lua
 Com morbido fulgor, do firmamento
 Na immensidade. Escuto, olho, prescruto,
 Sobre a aresta das fragas volteando
 Passa veloz a apparição risonha.
 Vi-a então de mais perto. Era impossivel
 Um sêr igual no mundo; ella divaga,
 Como por mão ignota conduzida !
 Sinto-a em breve a meu lado:

« Que receias ? »

Era sua voz como o estalar da fibra
 Mais intima de uma harpa. Ella desata
 As cadeias que na ára me prendiam.
 Abraça-me em delirio :

« Quantas vezes

Fui vêr-te adormecido, como a rola
 Escondida na rocha ! Eia, fujamos !. . . »

Ia dizendo, a voz no labio expira.
Eurydêa, mais bella n'esse instante,
A seus braços se arroja, e então soluça.
Fidus contempla o par gracioso. O côro
Exulta ao vêl-os loucos confundidos:

« — Oh venerando Antiste, oh pae, agora
Aquelle amor purissimo abençoâ !

Nada responde o Ancião, pende-lhe a fronte,
As lagrimas debulham-se dos olhos.

« — Porque choras ?

« Meu Deus, é impossivel
Unil-os sobre a terra ! a ti a virgem
Ha votado, Senhor, sua candura ! »

Recuou de horror Licinio; ella desmaia
Ouvindo o grito:

— Maldição, oh Christo !

LIVRO III

FESTIM DE TRIMALCIÃO

Entremos na mansão do joco e riso;
Que inebriante aroma pelas salas
Revôa em ondas tumultuosas, como
Tropel de alados, lubricos desejos.
De purpura os listões, as colgaduras
De cambiante setim, cupulas altas
De porfido entalhadas, o reflexo
Dos candelabros de ouro, tudo aterra
Os sentidos extaticos, suspensos.

Das marmoreas abobadas pendentes
Immarcessiveis, fulgidas grinaldas
Com profusão entornam mil perfumes.
Sobre as mezas, de jaspe cinzeladas,
Dourados rolos de poesia obscena
Se desdobram com graça. Os alvos dentes

De balêa britanica, esculpidas
Ostentam fôrmas puras, seductoras,
Que o raro manto de gentil beldade
Deixou roubar de subito. Os espelhos,
Com pensado artificio collocados,
Tornam mais surprehendente a pompa
Da habitação de Nero. Taciturno,
Ao som dos beijos que no ár murmuram,
A vista d'esses flascidos requebros,
Nero succumbe ao tedio que o devora !

A pallidez de longas anthesierias
Desbotára-lhe a face, já mirrada
Nas vigílias da crapula sedenta.
Lacerado de incognitos desejos,
Sofrego experimenta, nada encontra.
Em vão Thymele, prodiga de encantos,
Ladeada de tímidos disvellos,
Lhe descobre um segredo de volupia;
Ella suspira meiga, como Lesbia
Quando foi achar morto o Pardalsinho,
Folguedo em horas de insoffrido anhele.

Nem assim. Thais e Lydia, ambas divinas,
E perdição de consules austeros,
Tentam debalde avassallar do Calvo
A fria indifferença; ambas porfiam,
Uma desata o cinto, o abandono
Das tranças, sobre *os* niveos hombros soltas,
Arrebata. Outra em magicos volteios
Deixa o indiscreto olhar colher furtivo
Sacratio de melindres, onde sonham
Prolificos anceios. Desprendidas
Das mimosas capellas, lindas flôres
O chão tapizam. Ambas se enamoram,
Apertam-se ardentissimas ; famintos

Vôam na face os beijos; duas pombas
 Não são no fim da tarde tão lascivas.
 Emboscados desejos accommettem
 O par suspenso em vehemente arrobo;
 No frenesim das dansas as madeixas
 Desennastram-se, os lirios dos convalles
 Caem; como elles, pendem fatigadas !

E como o eunucho indifferente Nero.

Eunuchos e trinchantes vêm velozes
 Entrando pela sala; as iguarias
 Piparas da cêa já rescendem.
 Um em punho a travessa do guisado
 Traz de peixe thyrreno. Aurea baixella
 Deslumbra mais a vista fascinada.
 Tudo peixes raríssimos. Á meza
 O rodavalho ingente, que pescado
 Foi no mar Adriatico, apparece
 Nadando em môlho de Venafro azeite.
 Do Circeu promontorio vem as ostras,
 Das rochas do Lucrino.

Enfastiado

Nero nem ri de profusão tamanha !

Sobre os outros manjares já triumpho
 Lamprêa da Trinacria. Entre o phalerno
 Vem amphoras profundas de Massico,
 Perfumadas de aromas exquisitos.
 Entre ambos vê-se o rubro caranguejo,
 Trazido da lagôa Rutupina.

A Nero esta opulencia mais o enfada !

Mas de repente um riso transparece
 Pelas faces cavadas. N'esse instante
 Entrava Celia, a dama que deslumbra
 Em pompa e fausto a caprichosa Roma !
 Vem bella como nunca, pelo braço
 Do astuto Petronio, como afflicta
 Por ideia recôndita que a opprime !

O frémito da aragem fugitiva
 Que passa, ao fim da tarde, perfumada
 Do aroma inebriante da campina,
 Em vão imita o afan de seu cansaço;
 O arquejar do peito, na fadiga
 Era a vaga indolente que o sol doura,
 Era uma haste flexivel que balouça,
 Vergada por dois pomos que a aura agita.
 A alvura dos contornos, a harmonia
 E nitidez dos traços do seu vulto,
 Dão-lhe a graça, a altivez de uma rainha
 Vindo trazer-lhe as páreas do Oriente !

Ante a vista de Nero ella estremece;
 Mas a vingança a anima.

Desvairado,

Nero ao vê-la sentira-se poeta
 De inspiração selvagem, sanguinaria.
 Levanta-se em delirio, ao ár a taça
 Trasborda de phalerno.

Elle a sauda:

Birde a Celia

« Celia ! na vida o thálamo,
 Na vida — atro deserto,
 É paraso aberto,
 Seio feliz de mãe !

Rosal todo aromático,
 Onde és vergonheira airosa;
 É luz, tu mariposa
 Que em ella cahir vem !

Rôla engraçada e tímida,
 Vem ser puro holocausto !
 Deixa teu peito exausto
 Pender no altar de amor !
 Entremos ! noite esplendida !
 Oh, vem de olhos enxutos,
 Troca por doces fructos
 A pudibunda flôr ! »

Tigellino, seu aulico e valido,
 Genio da intriga sordida e abjecta,
 Em vão quiz disfarçar gesto insensivel
 De profundo rancôr, ao vêr a taça
 Pertencer como dádiva a Petronio,
 A Petronio, ao rival que mais odiava.
 Jurou perdê-lo !

Celia, é sempre triste.

Debalde canta Nero seus amores,
 A dedilhar na lyra marchetada;
 Vertigem douda a mente lhe devasta,
 Quer agradar á amante, surprehendê-la
 Com pompas não sonhadas. Ambos descem
 Para os jardins; sentados em quadriga
 Celerrima, desfilam pela arena
 Alumiados ao clarão estranho
 Dos christãos que ardem firmes, impassiveis
 Em resinosa chlamyde envolvidos.
 Nenhum solta um gemido. Passam leves
 As saxifragas rodas, mais ligeiras

Que na carreira olympica.

Não falla

A distrahida Celia; em desespero
Nero quer-lhe ostentar novo espectáculo.

Sobe com ella ao cimo da alta torre,

E diz:

« Mulher contempla ! »

Pelas sombras

Da procellosa noite luz brilhante
A vista absorta cega. As labaredas
Já, famintas no ár, rubras fluctuam;
Era o incendio de Roma! A chamma indomita
Lambe por toda a parte, o estrago vòa,
Baqueam altas fabricas, por terra
Ruem torres enormes. O alarido
Da consternada plebe se mistura
Ao crepitar do fogo que a circumda !
As chammass vão do Ccelio ao Palatino,
Como farpadas linguas de serpentes
A flamma brilha d'entre o espesso fumo,
E corruscante lavra, e se derrama
Madeixa loura e solta sobre o corpo
Da Meretriz das gentes. Brada insano
No ergastulo profundo o escravo, as grades
Vergam-lhe sob os dedos na ancia extrema !
No tumulto se esmagam, se atropellam !
Os monumentos inclytos desabam,
Cobrinndo a multidão que tripudia.
Falta um refugio, o desespero cresce,
Nos canos da cidade, no asco abjecto,
Ahi se escondem ; morte escura, hedionda.

Nero alegre-se ao vêr o incendio. Á lyra
Embutida das perolas do Oriente,
Engrinaldada de virentes louros,

Encosta o braço descoberto. Envolto
 Em roçagante purpura, que fulge
 Recamada de pedrarias, de ouro,
 Attonito contempla, como oppresso
 Por diluvios de inspiração violenta.
 Celia a seu lado, na mãosinha breve
 Tem pômo de ouro ! o que alcançára Helena ;
 As roupagens dos hombros se despenhara,
 Deixando adivinhar alvos contornos,
 Provocadoras fórmas. Mesmo Homero
 Não sonhára tão bella a realidade.
 Cabeça que desvaira:

« Celia, Celia !

Quero cantar as ruínas de outra Troya,
 Sê tu a musa ! »

A dama alfim sorriu-se.

« Porque estavas tão triste ? »

Tigellino

Que o ouvira, responde-lhe em segredo:
 — É teu rival Petronio !

Nero ordena

Um epitaphio ao poeta ; percebendo
 A terrivel sentença, elle se occulta
 Nos braços de Thymele; segue-os Lydia
 E Thais. Principia outra anfhesteria.
 Elias tecem corôas rescendentes,
 Acclamam-n'o poeta da volupia,
 Arbitro e nume. Cobrem-n'o de beijos;
 Ri-se Petronio ; lembra-se que deve
 Tornar libidínoso o suicidio.
 Enche a taça ganhada n'essa aposta
 Da noite de Suburra. A vista d'ella
 O fascina, trasborda de massico;
 Bebe, saudando a hora fugitiva
 De inebriante prazer. Meiga Thymele
 Pede-lhe um canto de amoroso enlevo:

Canto de Petronio

ao lançar-se nos braços de Thymele

« Teu braço
De neve
Nas dansas
Ligeiras,
Fogosas,
Lascivas
Me prende
Subtil !

Com passo
Mais leve
Nos ricos
Tapetes
Das salas
Faustosas,
Resvalas
Não cansas,
Arfando
Gentil !

Teus olhos
Ardentes,
Vehementes
Me fitam,
Volveis
Se agitam
Com vida
Louca !

No fogo
Das dansas
Teus seios
Palpitam;
Mais linda
Realças
Se as faces
Mimosas
Imitam
As rosas,
Se as louras
Madeixas
As deixas
Revoltas,
Já soltas
Pairando
No lubrico
Afan !

Se quando
Te esqueces
Na maga
Vertigem,
Pareces
A virgem,
Que vaga
Sonhando
Do abysmo
Nas bordas
Um sonho
Fatal !

Mas n'esses
Instantes,

Se trépida
Acordas. . .
Semilhas
A fada
Das ilhas
Distantes,
Occulta
Na névoa
Do lago
Trememente,
Que á lua
No estio,
Doudeja
Lá, núa,
Nas aguas
Do rio,
Scismando,
Scismando
No immenso
Areal !

Ai louca
Travêssa,
Na alegre
Corêa
Se a medo
Tropéça
Teu passo
Veloz :

Cahindo. . .
Promessa
Mentida
De amores

Recorda
 N'essa hora,
 Que agora
 Bem vejo
 Que um beijo,
 Se o furto,
 Tu logo
 M'o pagas;
 Mas nunca
 Me apagas
 O fogo. . .
 Desejo
 Ingénito
 Em nós.»

Desprende-se com languidez dos braços de Thymele.

Como áspide saindo d'entre as flôres,
 Petronio, assim, do seio um punhal tira;
 Uma vêa, a que torna mais graciosa
 A alvura de seu braço, rasga, o sangue
 Jorra; detem-n'ô:

« A vida é breve instante !

Brinco ao vêl-a affundar-se para o nada,
 Como na praia solitaria o infante
 Ri, atirando ao mar concha quebrada.»

Rasga a vêa de novo e o cymbio emborca.
 Lydia, Thymele e Thais empallidecem.
 « Fazei dos braços deliciosa força !
 Já no triclínio as forças me fallecem.

«Abraça-me Thymele ! como as flôres
Vão cahindo da frente desbotadas !
Inda uma vez, oh fallem-me de amores,
Seja o aroma das taças esgotadas,

« Embale-me da vida o epicedio,
O nada é frio ! cantae, cantae, mulheres;
Largas hoje ao delirio ! a vida é o tedio,
Quero fugir-lhe na aza dos prazeres.

« Eu deixo a vida como se desprende
O som febril das cordas do alahude;
Como a taça, quando o rubor accende,
Se atira ao chão depois de uma saude !

«Abysmado na duvida, pungido
Pela tristeza acerba, rio, rio !
Vosso olhar me pergunta condoído
Porque me alegre, a luz que a alma entreviu ?

« Porque espero gosar o somno ledo
Que este veneno me dará, não córes !
Acabará quando eu quizer mais cedo
Este inferno de dores ! »

Rasga outra vêa; a toga de Proconsul
É manchada de sangue. Desvairado
Petronio ergue-se, o copo trasbordando,
Saúda o engano, as illusões da vida,
Os desejos e tudo que lhe foge.

Da face esvae-se a côr leve e mimosa,
Dos olhos o fulgôr diamantino
Extingue-se, esmorece. No triclinio

Flascido, inerte cáe, o sangue pára,
Fluctua a vida no sorriso extremo,
Como a ultima nota que se perde
Na vibração remota de alguma harpa.

Nero exultava ainda vendo o enlevo
Da alegria de Celia:

« Que me pedes
Que te não faça, diva encantadora ?
Eil-a Roma no altar do teu capricho.
Que mais pedes, mulher ! »

— « O Circo, o Circo ! »

E a opulenta Celia dissoluta,
Lembrou-se da vingança inabalavel
Que jurára a Licinio: vêr a amante
Sobre a arena do Circo exposta ás feras,
Rival obscura, que audaciosa a afflige !

No alarido do medonho incendio
Urro estupendo estruge e tudo aterra !
D'onde parte essa voz ignota, horrenda ?
Era um Leão do deserto, errante, vindo
Da Lybia adusta. O resplendor das chammas
Seduz-lhe a vista, entra a Cidade eterna,
Divaga solto, sacudindo a juba.

Proclama Nero o edito sanguinario :

« Christãos ás feras ! » grita a plebe infrene;
Agrilhoado o Leão, ruge no Circo.

LIVRO IV

FLOS MARTYRUM

Era junto do altar santo da Virgem,
A luz erma da alampada suspensa,
Na mudez das arcadas tenebrosas
Das surdas Catacumbas !

Junto da ára

Eurydêa e Licinio conversavam
Dos segredos do céo, que o amor descobre.

Como era linda a virgem n'esse instante !

« Meiga estrella cadente que fulgura,
És como um seraphim quando se esquece
Do céo, se ama na terra a creatura !

És um anjo esquecido ! oh quem pudesse
Fazer do peito a urna, ostia querida,
Fazer do peito a urna, e te escondesse.

Erma rola que gemes dolorida,
Que ao pôr do sol procuras a soidade,
Que pela soledade andas perdida:

Que vaga, indefinível saudade
Te inspira a migração ? como tão cedo
Tua alma pura anhele a immensidade ?

De uma cythara angelica és segredo
Que ao peito amor puríssimo transmite,
Como a mensagem da aura no arvoredo.

D'esse extasis acorda, Sulamite,
Ao berjo... ah nunca o beijo de um amante
Cáe tão leve, que o labio não se agite !

Porque occultas a face n'este instante ? »

Ella escondera a face magoada
Sob a alvura do manto, temerosa:
Do catechumeno a paixão ardente
Quasi esquecer-lhe faz o alto mysterio
Da fé em que o inicia. Ella combate
A tentação que passa fugitiva,
Prostra-se ante o retabulo piedoso,
Toda absorta na prece angustiada.
Silencio augusto. A luz remota, morbida
Da veladora alampada crepita.

Então, começa o Neophyto fallando
Do passado e de amor. E tão saudosa
A voz com que elle a accusa ! Mudo pranto
Desata-se nas faces de Eurydêa,
Como de um lirio a balouçar na aragem
Cáe o crystal do orvalho matutino.

Contava-lhe Licinio como viera
 Na calada da noite, ao luar estivo,
 A elle, junto do idolo sangrento,
 Acordal-o, trazer-lhe a liberdade:

« Vieste, branca pomba,
 No tenue manto envolta,
 Como paira sobre arvore que tomba
 A pomba da Arca solta.

Mãe, que o seu filho acorda
 Que dorme sobre o abysmo,
 Vieste achar-me do sepulchro á borda
 No anciado paroxismo !

E respirando a custo
 No ésto e ardor da febre,
 N'aquella noite eu era como o arbusto
 Que o vento ao passar quebre.

Que vida ? era o segredo
 Que sabem duas lyras !
 Disseste n'uma lagrima : — Tão cedo
 Na flôr da vida expiras ! —

Depois muda ficaste,
 O pranto de quem soffre
 Brilhava, mais que a perola no engaste,
 Do que um collar de aljofre :

— Tão joven, como a vida
 Vôa no ai que solta!
 Destino incerto volta
 A pagina não lida. —

Corôa do martyrio
 Me dava a crença vivida,
 E á luz da lua, lirio,
 Beijaste a face livida.

Que beijo o teu ! que fogo !
 Cerrou teu beijo um tumulo;
 Das ancias n'esse cumulo
 Senti-me viver logo.

Assim na veiga flórida,
 No cimo da collina,
 Ao vir da manhã rorida
 Floresce uma bonina.

Já não te lembras hoje
 Da noite em que beijaste a face livida ?
 Como córas ? teu labio porque foge

Quando pago essa divida ? »

A seus braços arroja-se Eurydêa:

— A brisa matinal, que doida e leve
 No rosal aromatico volteia,
 A imitar tuas falias não se atreve !
 Que beijos se não dão ! soffregos, loucos !
 Como em joco de infancia e de innocencia.
 Esquecem-se do céo, vôam-lhe as almas
 No delirio do amor; são dois archanjos
 Que amor confunde n'uma mesma essencia
 Ante o solio do Altissimo.

O Antiste

Irradiante de graças apparece,

Tinha a expressão da tímida candura;
Vinha salval-os ; trémula velhice
Unge-lhe as fallas de sincero affecto,
Nem sabe reprehender essa loucura :

« Como esqueces a via dolorosa,
Oh transviada pomba ? e a vista afastas
Do côro de anjos que de lá te acenam ?
Como esperas a volta do Esposo
Pela augusta mudez das horas mortas,
E deixas tua alampada extinguir-se ?
Teu vaso de eleição ser derramado ?
Emmurchecer-se a candida grinalda ?
Oh filha, és a solícita pastora,
Pois segues o cordeiro enamorado,
De vai em vai de lagrimas perdido.
Tral-o ao nosso redil! hade o empyreo
No concerto das harpas ineffaveis
Cantar e bemdizer a tua culpa! »

Fidus a si a estreita, pesarosa;
Não quer mais magoal-a. Elle emmudece,
E pelas faces desmaiadas cáem
Como punhos as lagrimas ferventes.
Nem já póde contel-as. Repentino
Ruido atroz se repercute ao longo
Das arcadas sombrias, pavorosas
Das vastas catacumbas. Era a plebe
Que no solo de Roma tripudia,
Lançando ás féras os christãos inermes,
Culpados da catastrophe estupenda.

Parte Licinio para vêr se acaso
Barbara gente vem, raivosa, fera,
E assola indomita a Cidade eterna.

Falla-lhe o amor da patria, lembram-lhe hoje
 As tradições gloriosas. Chora vendo
 A baixeza do nome de Romano;
 Só póde dar-lhe força o Verbo novo.

Fidus, então sustendo entre seus braços
 A semimorta virgem :

« Eurydêa,
 Oh não chores assim, o céu perdôa.
 Mal sabes a visão que ante meus olhos
 Se ostentou hoje esplendida, risonha?
 Um anjo de azas brancas, vaporoso,
 Vestido do fulgor de chamma pura,
 Coroado de immarcessiveis lirios,
 Suspenso na onda etherea, vem dizer-me
 Que do transito a hora se aproxima;
 Vinha trazer a palma verde ! Aceita
 O dom que o céu te envia ! »

No semblante
 Da dolorida virgem transparece
 De subito o fulgor de almo sorriso,
 Como de perola em ceruleo manto.
 Desfallece outra vez. Proximo da ára
 Languida cáe. O Antiste a passos lentos
 Ao longo das arcadas intrincaveis
 Perde-se triste, e a deixa a sós, tranquilla,
 Extenuada, bella, adormecida:

« Senhor ! oh dae-lhe forças para o transe,
 Apparelhae a via dolorosa !
 Não deixeis que a cordeira alva, innocente
 Se prenda pela sarça emmaranhada.
 Abram-se os céos em gloria, a recebel-a
 Anjos em legiões saiam cantando,

A receber a pomba foragida,
Que volta á Arca do Senhor com o ramo,
A palma do martyrio aqui ganhada
No pelago do mundo vario, incerto. »

Assim orava Fidus, sobre a terra
Prostrado, humilde. A dôr que o compunge
Nos baços olhos sécca o pranto mudo.
E n'esse instante a Virgem deslumbrante
De languidez e graça, como oppressa
Pela visão tremenda do martyrio,
Somnambula, risonha se alevanta ;
Alva chlamyde envolve-lhe os contornos
Do delicado corpo. Fluctuando
Ao vento seu cabello destrançado,
Aonde a leva o sonho, o desvario ?
Como um traço de luz, desaparece
Nos meandros de abobadas soturnas;
Pelas voltas dedálicas caminha
Impavida, segura. Não a acorda
A luz do sol que nasce, o sopro frio
Da viração travêssa e os insultos
Da plebe dissoluta. Encantadora
Passa como um baixel por sobre as ondas.

Celia, levada em rapida quadriga
Para o Circo de Nero, ao vêl-a pára !
A labareda do ciume, indomita,
Atêa-se violenta. Vaga e tímida,
Eurydêa desperta, mãos selvagens
Arrastam-n'a sem dó. Terna suspira,
Mas debalde. Que infame regosijo
O de Celia, encontrando-a transida,
A atropelada virgem sobre a arena
Do atroz, sangrento circo.

Sequioso

De sangue, o povo acode para vê-la ;
Quer saciar seus instinctos ! As risadas
E os obscenos cânticos se entôam,
Improperios, blasphemias se repetem.

Entre a turba frenetica Licinio
Vem vêr que martyr hoje acceta a palma
Do transe doloroso. A face volta
De indignação e horror quando vê Celia
Na mentida opulencia ali vaidosa.
Aproxima-se mais ! o desespero
O prostra quasi em terra, ao vêr pendida
No truculento circo a amante.

Pasma !

Nos ferreos gonzos range a porta enorme,
Indomavel Leão entra, sacode
A juba, urra violento, e cáe de chofre
Sobre a virgem. Arroja-se de um salto
Sobre a fera, Licinio ! em vão relucta.
Em seu collo Eurydêa se lhe inclina
Trespasada, confusa. Ambos devora
O esfaimado Leão da Lybia adusta.

Á longiqua soidão de ignotas plagas,
Aonde a Testemunha da Escripura,
Em meio de atras, ponteagudas fragas
Dorme, na longa paz da sepultura,
Ao pio de aves negras, aziagas,
Que alli revôam pela noite escura,
Chega á campa o Leão robusto e velho,
A dura garra assenta no Evangelho:

« A raça de Enobarbo em gaudio estúa,
Ebria, ao som de improperios mais devassos !
Só a protervia faz com que reflúa
Resto de vida para os membros lassos !
Ella occulta essa ulcera atroz, núa
Nos retalhos da purpura, pedaços
Arrancados da tunica do Christo.
Entreí no Circo, não mandastes isto ?»

Sentiu-se então na funda sepultura
Um ruido, como o de árdida phalange
Que viu saír da horribil espessura
Mão ignota, brandindo igneo alfange !
Não aterra o Vidente a impia loucura
De Roma; mas a ossada fria range
Ao pensar, que esse Verbo que elle adora,
Moloch, um dia os filhos seus devora:

— De Nero fez a atroz carnificina
De Roma agora uma Cidade santa !
Jerusalem! tua missão divina
A Roma se transfere; aí se implanta
Recebendo a evangelica doutrina
Universal character, que a levanta
Da plebe rude, crédula, indigente,
Como o Verbo de Luz no Occidente.

II

VAE VICTIS !

I

Vercingetórix

I

Da raça audaz dos Celtas, jaz vencido
O ultimo campeão ! Cesar triumphá.
Um pensamento só lhe encherá a vida :
« Reunir em um todo a Gallia inteira ! »
Pelo ciúme e vaidade de dois chefes ,
Que a lucta contra Roma abandonaram,
Falhára o generoso pensamento.

Depois de uma batalha, a mais ferina,
Refugia-se o brenn, com as tropas
Que subsistem da immensa mortandade,
Dentro de Alésia ! Repentinamente
Pelas tropas romanas é fechado
N'um invencível, apertado cêrco.

Vercingetórix, com vigor, dispersa
Toda a cavalleria que lhe resta,
Proclamando : — « Parti ! Cada qual, volte
Á Patria sua, e chame para a guerra

Quantos possam pegar em armas, quantos
Queiram vir defender o solo caro
Que a todos viu nascer ! Parti, de prompto !
Mas lembrae-vos, que se a defeza tarda,
A fio de espada o rispido Romano
Fero outenta mil bravos estrangula !
Parti ! Temos apenas trinta dias
Para, seguros, resistir ao cêrco ! »

Cavalleiros intrepidos desfilam,
Rompendo as linhas com que os fecha Cesar,
Que os largos fossos e trincheiras abre.

Para o largo horisonte anciado olhando
Dia a dia, esperava, a cada instante,
Vercingetórix, sempre algum reforço.
Apparecem primeiro os Eduanos ;
Poucos dias depois vêm os Carducos,
Sequanos em seguida, e os Senones,
Biturriges, Cornutus, Bellovakes,
Pictones, Helvios, Suessões, Ambiâni,
Além de outros os Boios ! Vem, ao todo
Duzentos e quarenta mil gaulezes,
E outo mil cavalleiros aguerridos !

No entretanto os viveres se acabam,
E mais ferrenho o cêrco Alesia aperta !
Falla-se em rendição entre os sitiados ;
Vercingetórix o horisonte fita,
Espera, espera que desponte auxilio !
Cadaveres do campo da sortida,
Arrastam para dentro da cidade ;
Quantos procuram resistir á fome !

N'um momento apparecem coroando
 Os montes em redor, troços sem conto,
 Dos Gaulezes o exercito fremente !
 Vercingetórix ávido de lucta,
 De uma acção definitiva, avança,
 Sobre os Romanos cae. . .

Eis que dois chefes,
 Virdumar e Eporédirix, immoveis
 No fervor da batalha permanecem,
 E traiçoeiros as tropas dispersaram,
 Para que o brenn, seu rival, não vença,
 E venha a ter imperio sobre as Gallias.

Vendo tudo perdido, irremediavel,
 Vercingetórix pede á ousada gente:
 « Por vossas mãos a morte ! Ou pelo menos
 Entregae-me á vingança dos Romanos ! »

O valente caudilho atraídoado,
 O Heroe da gauleza liberdade,
 Monta o corcel; sombrio e resolutto,
 Desfila e vae a Cesar entregar-se!

Cesar cuspiu-lhe com desdem ! Mesquinho.
 Acorrentou-o com algemas ! Torpe.
 Entre os chascos brutaes da soldadesca
 Para Roma o envia, onde é guardado
 Na prisão Mamertina humida, á vista.

II

Decorreram seis annos. Era vivo
 Vercingetórix; na masmorra infecta
 Sempre a pensar na patria e liberdade.
 De Cesar celebrava-se o triumpho

Sobre Pompeu, Labieno e Catão d'Utica ;
Com elles a Republica era extiuicta,
A Republica estava destruida,
E sobre as ruinas solitaria impera
A vaidade de Cesar insaciavel.
Com phrenesim a plebe alto o acclama!
Segue ao longo da Sacra-Via, Cesar
De pé, n'um carro de ouro; vão puxando
Quatro cavallos brancos; e na frente
Arvorados escudos com os nomes
Dos Povos mil por Cesar subjugados.

Eil-o, adiante do Carro do triumpho,
Vae com as mãos por grossa corda atadas,
Cercado por um grupo de lictores,
Em trajos de gaulez, Vercingetórix.
E emquanto a plebe o Imperador acclama,
Elle, o heroe da gauleza liberdade,
Insultado por Cesar na desgraça
Por mesquinhez, o vencedor avista,
Ri-se do orgulho audaz do parricida,
E canta ao ruido do tropel immenso :

« Oh Roma ! a Liberdade destruiste
Dos povos que as fronteiras te formavam;
Agora os generaes que te engrandecem,
Fazem-te escrava do pessoal imperio !
Tua excelsa missão esta' findada !
Monstros do despotismo que criaste,
Tens de soffrel-os dentro dos teus muros ;
E aos vencidos povos, que hoje contas,
Escrava, tu dar-lhe-has a liberdade.
É findada a missão de Roma, o orbe
Outra nova potencia reconhece
Que hade offuscar a tua altiva gloria ;

Porque hade um dia essa Potencia extranha
Dar ás Nações a confraternidade.
Oh Gallia! Oh Gallia! Eu vejo o ingente dia
Quando unida, como uma Nação grande,
A Civilisação do Occidente
Hasde imprimir um generoso impulso.
E tu mesmo, tu, Roma, porque vales ?
Na vida das Nações foste o instrumento
Que pela guerra aproximou as raças ;
Só a Gallia fará que irmãos se abracem
N'uma effusão de secular justiça. »

Cesar bem comprehendera a linguagem
Do brenn, que marchava adiante firme;
Fitando com desdem o prisioneiro
Lançou-lhe olhar de colera profunda.
E quando a plebe o Imperador aclama
Na abdicação da humana dignidade,
Vercingetórix proferiu n'um grito:

« *Coecos Cesar !* » É Cesar um covarde !

Chegados ante o Forum, aos lictores
Faz Cesar um signal: No subterraneo
Do Mamertino carcere despenham
Vercingetórix! N'esse mesmo instante
Com a cabeça do gaulez voltaram
Numa lança espetada, ao alto erguida,
Meneando-a com gritos de alegria,
Emquanto Cesar vae solemnemente
A ladeira subindo para o Templo
Do Jupiter Capitolino, triste,
Instrumento inconsciente do destino.

II

A Confraternidade

Para expulsar da terra Lusitana
Rival que lhe jurou ruina e estrago,
 Andava a guerra insana
Contra os Romanos ! Move-a Carthago.

Chefe gaulez, que falia e que se entende
Do inimigo arraial com um mercenário,
 A occultas o surprehende
Asdrubal, duro, astuto e sanguinario.

Era Ambáctes, o chefe ! Altivo, irado
 No rancor que o domina,
Mandou que o chefe á cruz seja amarrado,
E nú exposto ás aves de rapina.

Quando Ambáctes nas vascas se extorcía,
 Dilacerado o vulto,
Dos olhos cada orbita vazia,
Asdrubal lança-lhe um feroz insulto :

« Oh chefe poderoso,
Quanto eras rico e forte,
Vês-te agora da morte
No transito affrontoso,
No paroxismo escuro;
Convertido n'um ente
Miserrimo e mesquinho
Que a irrisão provóca:

Eis-te, como a minhoca,
Verme sujo e daninho,
Que esgravata indiff'rente
A ave no monturo. »

Attentando no ár, sem saber d'onde
Lhe vibram tanto insulto,
Sorrindo, e certo que não fica inulto,
Impassivel Ambáctes lhe responde:

— Bem louca impertinencia !
Quanto és mais miseravel,
Na tua auctoridade
Sem ter por laço o amor !
Impões a obediencia
Ao mercenario instavel
Á custa de terror.
Eu sou Gaulez ! e tenho
A Confraternidade
Quer para a vida ou morte !
Asdrubal, não te importe
Quem cumprirá o empenho
Elo pacto da amisade,
Que hade vingár-me ! Oh, se hade !

Asdrubal riu-se da impotente ameaça ;
Gaulez escravo a entende;
Sae do troço dos mercenarios, passa
Junto do General! De um golpe o estende.

Vingou o escravo obscuro o leal amigo,
Tranquillo a adaga limpa ao rijo sago ;
Nenhum, nenhum castigo
Compensará de perda tal Carthago !

III

Blasphemias do Cantabro

Para ser devorado por abutres .
Manda o romano general, que puguem
Sobre a cruz o Cantabro prisioneiro,
Montanhez e indomavel guerrilheiro !

Elle, em vez de exprimir angustia ou queixa.
Contra Roma vociferava injurias ;
Cantando com desdem soberbo, e rindo
O Cantabro no seu rancor infindo :

« Como um vento de morte, oh Roma, passas,
E roubando as mais inlytas cidades,
Vaes deixando ruinas e o deserto,
Antro aos crimes aberto !

« Destruiste Carthago ! e das riquezas
Te apoderas ! O luminoso fóco
Da civilisação da Africa tu apagas,
E com ouro te embriagas !

«As Cidades liberrimas da Italia
Ao teu jugo submettes; conquistando-as
Estrangulaste a propria liberdade,
Na torpe iniquidade !

« Potentes generaes, que te alcançaram
Triumphos estupendos, ao Imperio
Te escravizam no despotismo abjecto,
Só dentro em Roma erecto !

« Para que violaste, oh Roma egoista,
Da Gallia a civilização nascente?
E feriste as Federações da Iberia ?
Impelliu-te a miseria.

« O castigo do estólido attentado
Não virá longe ! e ficas sem apoio
Ante a incursão dos Barbaros do norte,
Que te ameaçam de morte !

« D'essas hordas, que o Aquilo vomita,
Do Santo Imperio, aonde o arbítrio é norma,
Vem continuar as tradições sangrentas
Dynastias odientas.

« Converte em Lei os usos das Communas,
Se buscas subjugar todo o Occidente;
Faze a nós todos Cidadãos romanos,
Dar-te-hemos soberanos !

« Roma ! Só tens do retrocesso a força;
Com as armas destroes a Liberdade,
E a Rasão, com as religiões do Oriente,
Atacas mortalmente ! »

Do alto, na cruz, com grandes gargalhadas
O prisioneiro cadenciava as phrases ;
Não supporta o Pretor tanta insolencia,
E apressa o fim da indomita existencia.

Quando ao Cantabro chega um legionario
Para varar-lhe o peito com a lança,
Achou-lhe a bocca escancarada, rubra,
Como chaga que a luz do sol descubra !

E cuspindo-lhe á face a propria lingua
Com os dentes cortada, ficou morto
N'um accesso de cólera o Cantabro,
Que inerme incute a Roma um escalavro.

IV

O Gladiador

Todo entregue á moral Philosophia
Andava Marco Aurelio ; a indifferença
A Imperatriz no intimo feria !
Para vencer a indifferença fria,
 A sós comsigo pensa,
 Orgulhosa, Justina:
Ao toucador ensaia e imagina
As seducções da plastica magia.

Inventa mil encantos, doces élos;
As libertas hellenicás que a adornam
Sobre os hombros desprendem-lhe os cabellos,
Sobre elles poeira diamantina entornam.
 Com que graça infinita
Põe nos labios sorriso que desvaira !
 Provocações de hetáira
No gesto e olhar, na morbidez imita.

I

No Ergástulo

Das libertas é Flavia a mais astuta:

— Que importa que os philosophos e poetas,
Os artistas, os grandes oradores,
Busquem da hetáira a seducção que inspira ?
Poder mais forte existe, — é o ciume !
É do ciume que a paixão renasce,
E as fibras da emoção violento pulsa.

Revelação de luz para Justina !
Mudou-se-lhe a tristeza em alegria;
Do olhar se lhe irradia a esperança.

Oh delicia divina,
Triumphar da moral Philosophia !
E ufana já da feminil vingança,
A Flavia falia a medo;
Maliciosas conspiram em segredo.

Baixo, a liberta a Imperatriz incita :

— Como elle é forte e corpulento o Cimbro !
Prisioneiro das guerras da Germania,
Ante um carro triumphal dá tanta gloria !
Que typo varonil, audaz, robusto,
De altivez soberana mesmo em ferros.
Nunca mais, nunca mais pude esquecel-o.

Temerosa a Imperatriz:

« Eu quero,
Ir vêr a furto o Cimbro da Germania ;

Amo, como mulher, a audácia, a força,
Posso dizer que nunca vi um homem.»

A Imperatriz e a sagaz liberta
Veladas ao Ergástulo vão ambas ;
A emoção e o susto as hallucinam.
O Cimbro jaz deitado sob algemas,
Scisma na patria, e na floresta antiga,
No lar abandonado, e na vingança
Herdada de seus paes!

Flavia desperta-o:

— Uma dama patricia aqui vem vêr-te.
« Fôra melhor o algoz ! » o Cimbro volve
Indifferente olhando; o véo espesso
Cobre o rosto a Justina, e o prisioneiro
Attento fita esse ideal contorno
Como a panthera quando o vôo ergue ave.
Seducção invencivel do mysterio !
Não tira o Cimbro os olhos d'esse vulto;
Inebria-o o aroma dos cabellos,
O doce arfar do collo, a tez macia,
D'aquellas mãos uma brancura eburnea.

Na estranha commoção volve á liberta :

« Dize-lhe tu que o véo levante um pouco !
Quão bella deve ser essa Walkírie,
A Virgem forte de encantados sonhos ! »
— Se a dama o véo levanta, Cimbro, morres.
« Ergo-lhe o véo, e sê bem vinda, oh morte. »

O prisioneiro estende a mão, hesita. . .
Convulso abraça a mysteriosa dama,
O véo afasta, a Imperatriz conhece.

Attonito um instante o Cimbro fica ;
Justina sae precípite, aterrada,
Foge á attracção do feminil capricho.

II

Na Circo

Passaram dias. Marco Aurelio escuta
A aventura do Ergástulo sorrindo ;
Se é do ciume que a paixão renasce,
Reaccende-se o fervor, Justina vence !
Quer em contradicção pôr as doutrinas
Do sabio Imperador :

« Hade ser bello
Vêr em lucta na arena o ousado Cimbro,
N'uma festa do Circo apparatusa ! »

Cumpriu-lhe o Imperador um tal desejo;
A multidão irrompe anciosa, alegre,
As familias patricias, senadores,
Proconsules, tribunos, vêm sedentos
Aos combates do Circo. Marco Aurelio,
O justo, o brando, entrou na Pulvinare,
Como signal o manto branco agita.
Entrou um Gladiador, robusto, altivo,
Saúda a Imperatriz ! Justina exulta
Ao vêl-o intrepido arrojarse á lucta.
Após momentos breves cae em terra,
Na arena exhausto borbotando o sangue..

O duro Cimbro o corpo solevanta
Entre os brados da desvairada plebe;

No horrendo paroxismo que o quebranta,
Uma ameaça canta,
Que a multidão percebe,
Vaticínio que o tempo aguarda e espanta:

«Raças do Norte! vinde, enquanto rudes
Na vida dissoluta das cidades
Não contaminam as iniquidades
A validez austera das virtudes !

« Raças do Norte ! Um culto lá se guarda
Da Mulher; da família na doçura !
O barrítum de avós dá-nos bravura,
Derrota ou morte não nos acovarda.

« Raças do Norte ! aqui reina a mentira ;
Avançae como a vaga ao Occidente !
A funda podridão varrei de frente,
Lançae sobre a Cidade um vulcão de ira.

« Raças do Norte ! A avalanche solta
Tudo derruba, pulverisa, achata !
Vinde, áquelles que acclamam quem os mata
Ensinar-lhe a sentir o que é revolta.

« Raças do Norte ! Ah, vinde como a noite
Que o crime encobre na sinistra hora,
Como o incendio os cadaveres devora,
De Thor flagello, maldição e açoite !

Antecipae do tempo o julgamento. . . »

A voz ficou suspensa ; ultimo jorro
De sangue em borbotão da bocca irrompe,
Tomba o corpo com todo o peso, inerte !

A plebe enthusiasmada nada entende
 Das palavras do agouro ! Confundiui-as
 No ruido de estrondosas gargalhadas.
 E baldado o estimulo á alegria;
 O combate das feras não a exalta !
 Sáem leões da Lybia contra os ursos
 Da Rhetia e Apeninos. Mudez triste,
 Vago terror e sepulchral marasmo !
 É que de longe presentira o povo
 Formar-se o torvellino que desaba,
 Volvendo tudo em trevas, cahos, ruinas.
 Findam do povo as gargalhadas francas;
 Resta a avidez do sangue, e a sinistra
 Tristeza funda que o submete á Igreja,
 Na mortalha da Noite de mil annos.

V

Incendio do Capitolio

Cinge Vitellio a purpura, e a custo
 Roma sustenta o Imperio
 Sobre o vasto hemispherio,
 Cedendo privilegios, concessões
 Aos Barbaros, que em Ímpeto robusto
 Pretendem ser Nações.

Sinistra claridade
 De subito illumina
 Roma, a eterna Cidade :
 O Capitolio ardia na collina !
 Do velho Lacio as tradições egregias,
 Os Annaes Pontificíos, as Leis regias,

Os Livros linteos, sacros,
Vetustos simulacros,
Quanto a mente fascina,
Os cantos dos Collegios dos Arvaes,
Em cinzas vão dispersos pelos valles !

Um terror invencível se apodera
Do Povo soberano
Que sobre o orbe impéra,
Vendo arder o excelso monumento !
Crendo de Roma já fechada a éra.

Entre o tropel insano
Da multidão, que o fanatismo assanha,
Sem comprehender o evento,
Ergue a voz como em tétrico lamento
Um Bardo dos Collegios da Bretanha !

Canta o Bardo gaulez vehemente nota
De um Lai brando e sem ira
Na estridente rhóta,
Sem rancor por que Claudio os perseguira,
Dispersando os Collegios da Bretanha
Onde elle se instruiria !
E possuido da visão estranha,
Vaticinou do incognito porvir :

« Roma póde cahir
Diante da corrente de outros povos,
Que vêm crentes e novos
Constituir-se em nações !
Ao Capitolio as chammas o consommem;
Mas os progressos do homem
Quem póde hoje extinguir ?
Quem teme taes baldões ?

Se um fóco hoje esmorece aqui na Italia
Que o mundo senhorêa,
Outro foco se ateia
Fulgindo além na Gallia.

Dizem velhos Oraculos divinos,
N'um breve vaticínio:

*Eis das cousas humanas o dominio
Vae transmittir-se aos Povos transalpinos.*

Não comprehendeu o povo a voz do Bardo
Desterrado e escravo ;
O intimo sentido não alcança
Do Lai que proferia
Pacifico e suave como nardo,
Vaticinando como um povo bravo,
Como na historia — a França
Continuará de Roma a hegemonia.

VI

O estertor de Attila

I

Pensando avassallar todo o Occidente,
Attila, o chefe audaz das tribus hunas,
Incorpora á grossa horda que o acompanha
As populações barbaras, que arrasta
Na impetuosa passagem ! Contra Roma
Caminha; o orgulho, um pensamento o impelle :
Quer coroar-se Imperador do mundo.

Da grande capital a vista espanta-o !
Pára subito, mudo contemplando
Esse throno dos Cesares, que inveja !

O sol dardeja sobre o Capitolio,
Destacando imponente no horisonte
O symbolo da augusta magestade,
Que fez recuar o bárbaro um instante.
Junto do carro de Attila se chegam
Os generaes ; aterra-os o presagio
Bem conhecido :

« O que ouse entrar em Roma
Para ao seu jugo submettel-a, morre !
Quem o não sabe ? Assim se deu o caso
Com Alarico, o Imperador sem medo !.. . »

O huno supersticioso estaca diante
Da soberana capital. Em Roma
Lavra o terror, a indecisão, o espanto,
Ante as hordas famelicás, sem conto
Que ameaçam a Cidade, e pairam
Como o vento da destruição em roda !

II

Manda o Imperador Valentiniano
Uma deputação para saudal-o ;
Ao huno assustador a Paz lhe pede !
E o emissario o Papa Leão Magno,
Avieno e Trigetio o acompanham.
No pavilhão campal, Attila altivo
Os recebe; com mil carros de guerra
Formára-se um quadrado e muro espesso ;
No meio estava o pavilhão armado,
Com fortes chapas de ouro guarnecido,
Tendo em volta os despojos, as riquezas
Das saqueadas nações. Attila enche
A grande taça de ouro cinzelada
Com as luctas de Odin nos seus relevos,

Pelo Skaldo que nos festins lhe canta
 Sagas do Norte que o furor lhe incitam,
 Bebe á saude de Valentiniano,
 O Imperador, que aceita por vassallo.
 Os generaes frementes, e emissarios,
 Todos beberam pela mesma taça !

III

A figura do Papa, insinuante,
 A presença de espirito que mostra,
 A luz do olhar, a intelligencia, tudo
 Se impõe ao huno ! Assenta-o a seu lado,
 E pede ao Papa que descreva Roma.

« Essa Roma de outr'ora não existe ;
 Dominou pelas armas o orbe inteiro,
 Hoje é de um corpo morto a ossada fragil. »

Fita o guerreiro desconfiado o padre.
 Leão prosegue :

« O seu dominio agora
 É puramente espiritual; diante
 Da mais cortante espada é intangivel !
 Roma ! Roma os espíritos governa :
 Deu ella aos povos o Direito escripto !
 Deu-lhes do Lacio a linguagem bella,
 Que o sentimento universal exprime
 Da confraternidade ! E Roma estende
 Pelo orbe inteiro, o grande, o novo Imperio
 Da Fé, a fé n'um Deus omnipotente,
 De quem são filhos todos estes povos
 Que se odeiam em lucta até á morte ! »

IV

Escutava calado Attila, attento,
 Esta revelação de um Poder novo,
 No mundo que elle invade e que conquista,
 Mais alto do que o seu ! Mas convencido
 D'esse agouro — que morre se entra em Roma
 Como Alarico, o papa Leão despede
 Com a tregua que o Imperador pedira,
 E um tributo annual que d'elle exige !

V

O huno pensava no Poder estranho,
 Um Poder de que não dispõe ! Ancioso
 Chama os seus Adivinhos, que lhe tragam
 Os Tótem, Amuletos poderosos
 Das Religiões da terra :

— « Com certeza

O Papa, que fallava alto, sereno,
 E me convence, estava confiado
 N'um secreto amuleto do seu Christo !
 Um idolo, um fetiche, um sacramento,
 Benção ou esconjuro, tudo exijo
 Que contra o agouro me garanta a vida !
 Se a vida me não foje, então com gloria
 Subindo ao throno imperial de Roma,
 Confundirei no meu Poder supremo
 O Poder espiritual que admiro ! » —

Vem um Mago da Media, que conserva
 A tradição recondita perdida

Do Dscham, ideal, maravilhoso vaso
 Achado de Estakhar entre os fragedos,
 O vaso, Espelho magico do mundo,
 Que a bebida da Salvação encerra.
 Elle fallou :

« Ha um licor de vida,
 E do saber ! é o divino Haôma !
 O Haôma branco, delicioso espalha
 Sonhos que a mente elevam deslumbrantes !
 Mas quem conhece ahi o Haôma negro ?
 Os mysterios do *Omomi* que salvaram
 Da morte certa a mãe do Rei Dario ?
 Com o sangue innocente misturado
 De sete crianças fórma-se o *Omomi* !
 Sobre os lameiros, entre os juncos verdes,
 Onde os lirios dos charcos mais florescem,
 São de noite as crianças degoladas,
 Emquanto sôa a magica palavra.
 Contra este agouro nada pôde a morte. »

O coruscante olhar de Attila fulge
 Na esperança da vida confiado.
 Vem depois o Chaman da Scythia e falla:

« Mandae, mandae contar cem prisioneiros ;
 Sobre as bordas do Caldeirão sagrado
 Estrangule-se o derradeiro ! e o vinho
 Em libação emborque-se espumante
 Sobre a cabeça do sacrificado !
 Seja o sangue levado para um monte,
 Derrame-se na incognita clareira
 Com palavras de imprecação aos mortos !
 Que pôde a Morte contra o horrendo agouro ? »

Crê o huno que pôde entrar em Roma;
Eis vestida de branco entra a Druidissa :

« Têm os Cimbros um vaso sacrosanto,
O Graal, que apára o sangue aos prisioneiros
Que a Druidissa intrepida degola,
Para que a morte poupe a vida aos bravos !
Como offerta ao Imperador Augusto
Foi mandado esse Graal ! Ah, porventura
Ao Papa Leão mysterioso infunde
O Poder sobrehumano de que falia ? »

VI

Mandou Attila ao Papa um enviado
Para trazer-lhe o Calix onde bebe
O sangue do seu Deus, em sacrificio
Do Salvador, que dá a eterna vida !
Em seu poder crê estar o Graal dos Cimbros ;
E enquanto aguarda o talisman precioso,
Pensa o huno sagaz:

— O Brahman pisa

No gral o *Soma* védico, inebriante !
Faz o Mago do Iran o branco *Haôma*,
Com que o sonho da vida se prolonga;
A infusão do *Gui* pratica o Druida,
Com que repelle o mal, e dá coragem ;
E consagrando o Calix com o *Vinho*,
Diz o christão Presbytero, que salva !
Bem conheço em tudo isto um mesmo rito,
Bem conheço que irmãos são estes povos;
Quando tiverem consciencia, um dia,
Da confraternidade que inda os liga,
Dominarão o mundo ! A raça, o imperio
Dos hunos fortes ficarão dispersos.

VII

De Leão recebe Attila uma carta:

« Esse Vaso que recolheu o sangue
Do Justo, em sacrificio pelos homens,
Muito ha que desapareceu da terra !
Quem encontrar o mysterioso vaso,
Que, suspenso conserva-se em mãos de Anjos,
Possuirá Poderes sobrehumanos,
E a vida infinda, amor, felicidade !
Um dia, com certeza, os homens de armas
Que andam no mundo ruinas espalhando
E derrubando Imperios, a coragem,
A força, o mando, empregarão ridentes
Indo pelo orbe inteiro procurando
Onde se occulta o sacrosanto Vaso,
O assombroso talisman divino ! »

Assim fallára o Papa ; a decadencia
Da Fé lamenta, por ter dado causa
A que o Santo Graal perdido esteia,
Sem que possa tornar-se em realidade
O Imperio millenario promettido !
Lembra-se Attila então do Dscham sublime
De que os Magos do Iran faliam nos hymnos,
O Vaso, o Espelho magico do mundo !
Deu ordem á partida; resolute,
Seguindo ao longo o curso do Danubio,
Pensa alcançar o Imperio do Oriente.

VIII

Manda vir os Aruspices ; consulta
Sobre a fogueira a sorte da omoplata.

As linhas, que ao estálido das chammas
 Se formam, crendo achar o itinerario
 Para os carros e hordas que commanda,
 Traçam-lhe os nitidissimos contornos
 De um vulto de mulher !

Attila, observa ;

E exaltado com o formoso agouro,
 Deu ordem que á presença sua tragam
 A primeira mulher, que no caminho
 Os guerreiros sollicitos deparem.

IX

Após momentos, trazem-lhe sorrindo
 Uma candida, ingenua criatura,
 Que estava enchendo ura cantaro na margem
 Do rio Mincio, descuidada e bella !

O feroz huno alegre-se ! Domina-o
 A graça virginal :
 — É esta a taça
 Por onde eu bebo o Elixir da vida ! —

Dá ordem ao opíparo banquete ;
 A seu lado á donzella como esposa
 Dá-lhe assento, com pasmo e surda inveja
 Das mulheres do vasto harém que o cérca.
 Os Skaldos, Segreis e Bardos cantam,
 Emquanto o festim dura, heroicos feitos,
 Canções que o nome de Attila eternisam !

X

Setineos pannos de Damasco em dobras
 Franjados de ouro cáem, n'um recinto

Obumbrado fechando em volta o leito,
Em que Attila se assenta e a donzella !
O que se passa no ádito luxuoso ?
Não póde a bella desatar o cinto ;
Pede ao huno o punhal; a medo o toma. ..
N'um relance atravessa-lhe a garganta !
O silencio é profundo, lenta a noite.
Quando os generaes entram na alvorada
Na barraca do chefe, hirto o cadaver
De Attila encontram, e a seus pés chorando
Ajoelhada e pallida a donzella.

Não morre ás mãos de uma mulher o bravo !
Seria o peso de ignominia eterna;
Negro mysterio envolve a morte do huno.

O rito funeral, barbaro e grande.
Os guerreiros observam. Sobre os carros
Armam um throno e sumptuosa pyra,
Onde collocam de Attila o cadaver,
Sentado, e fixo o olhar para o Oriente.
Emquanto as danças pyrrhicas se alargam
N'um circulo, em que os chefes vão entrando
Arrastados na convulsão da furia,
Ao som de areytos rudes, lamentosos,
Lança-se o fogo á pyra ! É degolado
O troço que formava a guarda do huno ;
Os amigos dilectos, os escravos,
Os cavallos, na morte o chefe seguem
N'uma espantosa, horrífica hecatombe,
Que exalta ao sacrificio voluntario.
E quando as cinzas quentes, e os thesouros
De Attila se arrojам á profunda cova,
A formosa Kudruna é sepultada
Viva na tumba do huno sanguinario.

VII

O Propheta do sabre

I

Depois de ter unificado as tribus
 Todas da Arabia, e ter todos vencido
 Quantos a omnipotencia de Allah negam,
 Da campanha de Khaibar regressa
 Mahomet, e em Medina triumphantc
 Entrava.

Vinha pallido, e transido
 Por uma dôr violenta; amphião occulto
 Porventura as entranhas lhe retalha ?
 Quem sabe ? Anciado, vae buscar abrigo
 Em casa de uma das mulheres suas,
 Ayéscha, essa alma ardente, dedicada,
 Aquella em quem maior confiança tinha.

Os attentos discipulos, os chefes
 Dos esquadrões o leito lhe circumdam,
 E o Propheta estorcendo-se conhece
 Que implacavel a morte se aproxima;
 Mais do que a dôr violenta, sente agora
 Uma angustia moral, unica, infinda,
 Por não poder prevêr a quem, e como
 Transmittir na hora extrema, na hora amarga,
 O seu immenso Imperio religioso !

II

Em redor do Propheta meditavam,
 Estudam-lhe a lethal physionoania
 Ali e Abu-Becker, Omar e Abbas.

Nenhuma voz ou gesto e aneio perdem ;
 Como que o alto espirito recolhem !
 Mahomet teve a hallucinação forte,
 O delirio, o prenuncio da agonia;
 Falia agitado, pálido, convulso:

« Quem hade continuar a obra immensa ?
 Quem regerà do Islam o vasto Imperio ?
 Quem hade. .. quem ? fazer ousado, altivo
 Da Arabia a nação maior da terra ?
 Vim depois de Moysés, e após Christo !
 Ah! nas suas palavras a resposta
 Acho á pergunta que me punge tanto.
 Disse Jesus : — *Eu vim trazer a Espada,*
Para mettel-a entre os paes e os filhos,
Entre os irmãos.. . — Esta missão na terra
 Conquistei para Allah ! só elle é grande.
 Quem hade continuar a obra immensa ?
 Quem regerà do Islam o vasto Imperio ?
 No Genesis, tambem Moysés revela
 A sentença: — *Japhet o pé assenta*
Sobre a cerviz de Sem, e impetuoso
Os filhos de Ham serão os seus escravos !
 Meditei contristado muitas vezes
 N'esta sentença crua, ao vêr a Arabia
 Pelo estrangeiro, inerme, subjugada ;
 Quando a Petrea, a Syria, a Palestina,
 E o Egypto gemiam sob o sceptro
 Dos successores vís de Constantino !
 Quando as Costas do Persico, e as terras
 Banhadas pelo Tigre e pelo Euphrates,
 E as do sul da Arabica provincia,
 Esmagadas se achavam sob o peso
 Do dominio dos Cósroes da Persia !
 Era assim que Japhet sobre o pescoço
 De Sem o pé despotico assentava !

Esta revelação primeira tive !
E para repellir o pé que ultraja
A nossa altiva raça, e humilha e affronta,
Eu, para unir da Arabia as tribus todas
Proclamava de Allah a omnipotencia !
Indissolúvelmente estão unidas ;
Invencíveis um sentimento as torna !
Aproxima-se a morte ! . . . e já não posso,
Contra Japhet exercitos lançando,
Derrotal-o no Oriente e no Occidente !»

Calou-se com um ultimo suspiro !

III

De todos os valentes companheiros
Que o paroxismo contemplavam quedos,
Abu-Beckr, impassível, comprehendia
O sentido profundo das palavras,
Que a fronte com audácia lhe illuminam!
O alento, em um beijo derradeiro
De despedida, Ali recebe ! e quando
Disputavam ardentemente os chefes
Quem a soberania exerça entre elles,
De Abu-Beckr aproxima-se altaneiro
Ali, beija-lhe a mão com reverencia,
E ante os pés lhe depõe a forte espada !

Assombro de intuição ! Eis dia a dia
O Kalifado quasi absorve o mundo :
É seu o Nilo, Memphis, Cairo, a rica
Alexandria, e já inteiro o Egypto !
Chega á Persia, Ispahan e Samarcanda,
Hamadan, Bochará, o Tigre, o Caspio
Cahiram sob o imperio do Crescente !

Quem hade, quem ? fazer, com Fé e Sabre
Da Arabia a maior nação da terra ?
Na Syria, tem Damasco, Alepo, Abyla,
Antiochia, Sidonia, Cesarêa,
Tyro! As ilhas do Mar mediterraneo,
Chypre, Creta, Sicilia e Baleares
Servem de apoio para entrar na Europa ;
Dacia, Valaquia, Servia, Bosnia occupam,
Erguem na Africa estados: Berberia,
Tanger e Mauritania, d'onde assaltam
Resolutos as Gallias e a Hespanha !

Contra o Imperio que avassalla a terra
Dá-se o repto da Cruz contra o Crescente,
E a sentença do Genesis se cumpre.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

PARTE II

Cyclo da Lucta

Universalismo hellenico e romano

	Pag.
<i>A vida preparatoria da Humanidade prolongada até ao advento da Edade normal (Ascendendo a escala sociologica).....</i>	5
Elenco philosophico do Cyclo da Lucta.....	6
A Historia.....	9
Canto quarto : O Sentimento e a Rasão elevam-se gradualmente para a unidade positiva.....	21
Elenco philosophico do Canto quarto.....	22
I. Ideal e Real.....	25
II. Os tres Valentes de David.....	27
III. A Harpa de Salomão.....	31
IV. A morte de Socrates.....	47
V. O Carro triumphal.....	54
vi. O Templo vasio.....	58
Canto quinto: Unidade successivamente elaborada pelo Fetichismo.....	61
Elenco philosophico do Canto quinto.....	62
I. O dom das Fadas.....	65
II. O Masthodont.....	72
III. O Plátano da Lydia.....	78
IV. A verdade das Fabulas.....	80
V. Cogitata et visa.....	86
VI. In questa tomba oscura.....	89

	Pag
Canto sexto: <i>Unidade elaborada pela Astrolatria</i>.....	91
Elenco philosophico do Canto sexto.....	92
Verbo de Luz ou a Epopêa da Lagrima:	
I. Stella matutina.....	95
II. A Estrella dos Magos.....	102
III. Ave, Stella !.....	111
IV. Stella salutis.....	123
Canto setimo : <i>Unidade elaborada pela Theocracia</i>.....	129
Elenco philosophico do Canto setimo.....	130
I. O Dogma da Morte.....	133
II. O pesadelo dos Tumulos.....	156
III. A execração de Samuel.....	161
IV. A sombra do Propneta.....	165
V. Sémida e Cidlia.....	191
Canto Outavo : <i>Unidade elaborada pela expansão especulativa (Grecia) e pelo pohtheismo social (Roma)</i>.....	209
Elenco philosophico do Canto outavo.....	210
I. Ideal do Bello :	
I. A Bacchante (Poema).....	215
II. O desterro de Eschylo.....	294
III. O delirio de Alexandre.....	302
II. Ideal de Justiça:	
I. As Cêas de Nero (Poema).....	311
II. Vae Victis !.....	361
I. Vercingetónix.....	361
II. A Confraternidade.....	366
III. Blasphemias do Cantabro.....	368
V. O Gladiador.....	370
V. Incendio do Capitolio.....	375
VI. O estertor de Atila.....	377
VII. O Propheta do Sabre.....	386